

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO



Dissertação de Mestrado

Apropriação do ambiente construído: ocupação e uso do Parque Jaime Lerner
em Porto Alegre - RS

Hellen Zanoletti Firmino

Pelotas, 2024

Hellen Zanoletti Firmino

Apropriação do ambiente construído: o caso do Parque Jaime Lerner em Porto Alegre - RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. A Dra. Nirce Saffer Medvedovski

Pelotas, 2024.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

F526a Firmino, Hellen Zanoletti

Apropriação do ambiente construído [recurso eletrônico] : ocupação e uso do Parque Jaime Lerner em Porto Alegre - RS / Hellen Zanoletti Firmino ; Nirce Saffer Medvedovski, orientadora. — Pelotas, 2024.
145 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Orla do Gualba. 2. Espaços públicos. 3. Parques urbanos. 4. Apropriação. 5. Relação ambiente - comportamento. I. Medvedovski, Nirce Saffer, orient. II. Título.

CDD 712.5

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Hellen Zanoletti Firmino

Ocupação, uso e apropriação do ambiente construído: o caso do Parque Jaime
Lerner em Porto Alegre - RS

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre(a) em
Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: Banca examinadora:

Profa. A Dra. Nirce Saffer Medvedovski (Orientador)
Doutor(a) em Estruturas Ambientais pela Universidade de São Paulo.

Prof(a). Dr(a). Máira Longhinotti Felipe
Doutor(a) em Tecnologia e Arquitetura pela Univesitá degli Studio di Ferrara, Itália.

Prof(a). Dr(a). Eduardo Rocha
Doutor(a) em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof(a). Dr(a). Cristhian Moreira Brum
Doutor(a) em Educação em Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do
Rio Grande do Sul.

Aomeutio,minha mãe e minha avó materna,
que sempre me motivaram a ir ao encontro do conhecimento.
Ao meu pai (*in memoriam*), a falta que foi base. E a família que eu construí,
marido e filhos.
Ainda aos filhos, o exemplo de que nunca é tarde ou longe para saber.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Pelotas, à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e ao PROGRAU, por possibilitar a esta altura da minha vida, a realização do mestrado, através da escrita dessa dissertação.

À minha orientadora, Nirce Saffer Medvedovski, quem me escolheu e orientou durante o estudo; à Luana Monteiro do NAURB, que me auxiliou com a arte e mapas em vários momentos da pesquisa; aos professores que durante o caminho me estenderam os livros e o coração, ao dividir o saber; ao meu marido pela companhia nas viagens à Pelotas; aos meus filhos o apoio, em especial à minha filha que me auxiliou na fotografia e escrita durante todo o processo.

Vocês foram imprescindíveis! Ainda agradecer ao arquiteto Marcelo Allet, responsável pelo Plano de Revitalização da Orla na época, o qual me concedeu entrevista e materiais para elucidar a investigação; e o arquiteto da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Oscar Coelho, quem me concedeu gentilmente as plantas que compunham o projeto entregue por Jaime Lerner.

a cidade transborda na borda

O rio sempre esteve ali.
A cidade nasceu por ele,
faz parte dela há muito tempo,
embora esquecido, vencido.
Hoje vem sendo, vertendo.
Na borda re-vita-lizada, renascida.
Em desterro do aterro.
Agora concreto. Arquitetado.
Lugar onde a borda transborda a paisagem, a água, a cidade, o rio.
Diante dela, transbordar, ao vislumbrar o que nela verte.

Hellen Zanoletti Firmino

RESUMO

FIRMINO, Helen Zanoletti. **Ocupação, uso e apropriação do ambiente construído:** o caso do Parque Jaime Lerner em Porto Alegre – RS. 2024. 145 f. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

A apropriação do território se dá pela relação intrínseca entre o ser humano e o espaço. Sobre o espaço público na cidade, diz respeito ao aspecto interventivo realizado pelo ser humano, onde seu comportamento tem muito a dizer sobre estes espaços. É através da análise da relação pessoa-ambiente e o comportamento produzido, que busca-se avaliar o espaço revitalizado do trecho 3 da orla do Rio Guaíba em Porto Alegre - RS, o Parque Jaime Lerner. A presente dissertação tem como foco, avaliar, descrever e compreender as relações no espaço construído no que tange a ocupação, uso e apropriação do espaço público – parque urbano. Além de versar sobre o contexto histórico do local, evolução do sítio no território originário da cidade, e olhar para aspectos socioespaciais e cotidiano. Construído entre 2019 e 2021, portanto uma obra recente de revitalização no trecho abandonado por décadas, instiga a pesquisa que inicia logo depois da inauguração do Parque, durante a pandemia, e se encerra durante a enchente de 2024. Com o intuito de cumprir o objetivo da investigação naturalística qualitativa, utilizaram-se os métodos qualitativos da avaliação pós-ocupação, percepção e psicologia ambiental. Os seguintes métodos de pesquisa foram utilizados: Levantamento Físico Territorial, Passeios Walkthrough e Mapa Comportamental Centrado no Lugar, a fim de compreender e descrever a relação dos usuários no que tange a apropriação do Parque. Como resultado da aplicação dos métodos, o estudo mostra a ocupação e uso do espaço pelos usuários no período da manhã e finais de tarde, durante a semana e finais de semana no período do inverno e primavera. Além de concluir sobre a apropriação do parque pelos usuários, olha-se para apropriação do espaço pelo poder público e apropriação pelas águas da enchente de maio de 2024. Dessa forma, entrega-se dados relevantes descritos e documentados acerca da apropriação do parque nos seus primeiros dois anos: Em quais áreas a ocupação é maior, em que períodos da semana, as áreas mais utilizadas, e onde é menos ocupado e utilizado. Por fim, o que se pretende com o recorte contemporâneo da revitalização da orla, é apresentar dados sobre a

revitalização, pertinente para promoção de reflexões, além de impulsionar projetos de espaços livres e públicos e revitalizações em áreas abandonadas ou degradadas das cidades.

Palavras-chave: orla do guaíba; espaços públicos; parques urbanos; apropriação; relação ambiente - comportamento.

ABSTRACT

FIRMINO, Helen Zanoletti. **Occupation, use and appropriation of the built environment:** the case of Parque Jaime Lerner in Porto Alegre – RS. 2024. 145. Thesis (Master's in Architecture and Urbanism) – Postgraduate Program in Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

The appropriation of territory occurs through the intrinsic relationship between man and space. Regarding public space in the city, it concerns the interventional aspect carried out by man, where his behavior has a lot to say about these spaces. It is through the analysis of the person-environment relationship and the behavior produced, that we seek to evaluate the revitalized space of section 3 of the Guaíba River shore in Porto Alegre - RS, Parque Jaime Lerner. This dissertation focuses on evaluating, describing and understanding relationships in built space regarding the occupation, use and appropriation of public space – urban park. In addition to discussing the historical context of the place, the evolution of the site in the city's original territory, and looking at socio-spatial and everyday aspects. Built between 2019 and 2021, therefore a recent revitalization work in the section abandoned for decades, it instigates research that begins shortly after the Park's inauguration, during the pandemic, and ends during the 2024 flood. In order to fulfill the objective of qualitative naturalistic research, the qualitative methods of post-occupancy assessment, perception and environmental psychology were used. The following research methods were used: Physical Territorial Survey, Walkthrough Tours and Place-Centered Behavioral Map, in order to understand and describe the relationship between users regarding the appropriation of the Park. As a result of applying the methods, the study shows the occupation and use of space by users in the mornings and late afternoons, during the week and weekends in the winter and spring periods. In addition to concluding on the appropriation of the park by users, it looks at the appropriation of the space by public authorities and appropriation by the flood waters of May 2024. In this way, relevant data is provided, described and documented about the appropriation of the park in its first two years: In which areas the occupation is highest, at what times of the week, the most used areas, and where it is least occupied and used. Finally, what is intended with the contemporary approach to waterfront revitalization is to present data on revitalization, relevant for promoting reflections, in addition to

promoting projects for open and public spaces and revitalizations in abandoned or degraded areas of cities.

Keywords: border of guaíba; public spaces; urban parks; appropriation; behavior-environment relationship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Porto Alegre no mapa do RS	41
Figura 2 – Mapa da cidade e o trecho 3 da orla	42
Figura 3 - Localização	43
Figura 4 – Vista do entorno	44
Figura 5 – Trechos de análises	50
Figura 6 – Inundação na orla – trecho 3.....	51
Figura 7 – Planta de Porto Alegre João C. Jacques, 1888.....	57
Figura 8 – Evolução dos aterros.....	58
Figura 9 – Os aterros	59
Figura 10 - Aterro Praia de Belas	60
Figura 11 – Projeto Parque Marinha do Brasil.....	63
Figura 12 – Área de aterro onde hoje é o parque.....	64
Figura 13 – Orla - Conexão entre o rio e a cidade	66
Figura 14 – Diretrizes da Orla - conexões com o tecido urbano.....	68
Figura 15 – Diretrizes da Orla – Áreas de intervenções	69
Figura 16 – Memorial Projeto Orla Trecho III.	72
Figura 17 – Projeto Orla Trecho III.	72
Figura 18 – Mapa Geral Orla - Trecho III.	73
Figura 19 – Aterro Praia de Belas 1 - antes do Parque.....	76
Figura 20 – Aterro Praia de Belas 2 - antes do Parque.....	76
Figura 21 – Localização dos acessos principais	77
Figura 22 – Talude Orla 1.....	78
Figura 23 – Planta Baixa do projeto	78
Figura 24 – Eixo Cívico	79
Figura 25 – Análise Urbana.....	80
Figura 26 – Marcos Verticais.....	81
Figura 27 – Skate Park.....	82
Figura 28 – Análise Sequencial 1	83
Figura 29 – Análise Sequencial 2.....	83
Figura 30 – Vista Aérea do Parque	84
Figura 31 – Percorso Passeio Walkthrough	86
Figura 32 – Passeio Walkthrough 1	88

Figura 33 – Passeio Walkthrough 2	90
Figura 34 – Passeio Walkthrough 3	92
Figura 35 – Passeio Walkthrough 4	94
Figura 36 – Percursos mapa comportamental.....	96
Figura 37 – Pontos de Observações trecho A.....	97
Figura 38 – Pontos de Observações trecho B.....	98
Figura 39 – Pontos de Observações trecho C.....	99
Figura 40 – Mapa Comportamental 1	100
Figura 41 – Observação n°. 2 (27.10.23)	101
Figura 42 – Observação n°. 8 (15.12.23)	101
Figura 43 – Mapa comportamental 2	102
Figura 44 - Observação n°. 1 (22.10.23).....	103
Figura 45 – Observação n°. 3 (29.10.23)	104
Figura 46 – Mapa comportamental 3	105
Figura 47 – Observação n°. 5 (08.12.23)	106
Figura 48 – Observação n°. 7 (13.12.23)	106
Figura 49 – Mapa Comportamental 4.....	107
Figura 50 – Observação n°. 4 (29.10.23)	108
Figura 51 – Observação n°. 6 (09.12.23)	108
Figura 52 – Relação adultos/crianças no parque	109
Figura 53 – Córrego entre trechos B e C	114
Figura 54 – Estacionamento + ambulantes	115
Figura 55 – Enchente Set. 2023.....	119
Figura 56 – Gráfico precipitações Set. 2023	120
Figura 57 – Gráfico precipitações Nov. 2023	121
Figura 58 – Enchente Nov. 2023.....	121
Figura 59 – Mapa precipitações Maio 2024.....	123
Figura 60 – Precipitações acumuladas Maio 2024.....	123
Figura 61 – Inundação trecho 3 - Maio 2024	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Observações mapa comportamental.....	95
Tabela 2 – Percursos mapa comportamental.....	96
Tabela 3 – Resultados dos equipamentos do trecho A	97
Tabela 4 – Resultados nos equipamentos do trecho B.....	99
Tabela 5 – Resultados nos equipamentos do trecho C.....	100

LISTADESIGLAS

APO – Avaliação Pós-Ocupação

RAC – Relação Ambiente - Comportamento

RPA – Relação Pessoa - Ambiente

ART – Artigo

LC – Lei Complementar

GT – Grupo de Trabalho

PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

PDDUA – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental

SMOI – Secretaria Municipal de Obras e Infraestrutura

TAGP - Termo de Adesão à gestão de Praias inserido no Projeto Orla

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO À PESQUISA.....	18
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	18
1.2 OBJETIVOS.....	20
1.2.1 Objetivo geral.....	20
1.2.2 Objetivos específicos.....	20
1.2.3 Justificativa.....	21
1.2.4 Pergunta de pesquisa.....	23
1.3.5 Estrutura da dissertação.....	23
1.3.6 Definições conceituais.....	24
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	25
2.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO.....	25
2.2 REVISÃO EMPÍRICA.....	25
2.3 REVISÃO TEÓRICA.....	28
2.3.1 Percepção ambiental.....	29
2.3.2 Psicologia ambiental.....	30
2.3.3 Avaliação pós-ocupação.....	322
2.3.4 Apropriação.....	33
2.3.5 Apego ao lugar (Place Attachment).....	34
2.3.6 Parques urbanos.....	35
3 METODOLOGIA.....	399
3.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO.....	399
3.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	399
3.3 DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: PARQUE JAIME LERNER.....	40
3.3.1 O entorno do parque.....	43
3.4 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS.....	444
3.4.1 Levantamento Físico Territorial do Local.....	455
3.4.1.1 Levantamento histórico e documental.....	456

3.4.1.2 Levantamento de campo.....	466
3.4.1.3 Levantamento fotográfico	466
3.4.1.4 Entrevista específicas.....	47
3.4.2 Passeio Walkthrough.....	47
3.4.3 Mapa comportamental.....	48
3.4.3.1 As seções.....	50
3.4.3.2 As coletas.....	50
3.5 INTEGRAÇÃO DOS MÉTODOS.....	52
3.6 ANÁLISE DE DADOS.....	53
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	55
4.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO.....	55
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO CASO.....	56
4.2.1 Breve histórico e evolução do local.....	56
4.2.2 Os aterros.....	58
4.2.3 A Orla.....	61
4.2.4 Os Parques.....	62
4.2.5 A Revitalização.....	64
4.2.6 O Plano de Revitalização da Orla.....	65
4.2.7 A Copa do Mundo de 2014.....	68
4.2.8 O Trecho 3.....	70
4.2.9 O projeto.....	71
4.2.10 Desígnios da obra.....	73
4.2.11 A Morfologia Urbana.....	75
4.3 OCUPAÇÃO, USO E COMPORTAMENTO NO PARQUE JAIME LERNER....	85
4.3.1 Resultados Passeio Walkthrough.....	85
4.3.2 Resultados observações / mapa comportamental.....	94
4.3.3 Síntese sobre a ocupação, uso e comportamento no parque.....	109
4.3.4 Compatibilidade de uso e projeto.....	111

4.4 APROPRIAÇÃO DO PARQUE JAIME LERNER.....	112
4.4.1 Os acessos ao parque.....	112
4.4.2 Estacionamentos junto ao Parque.....	112
4.4.3 Caminhabilidade.....	113
4.4.4 Ambulantes.....	114
4.4.5 Apropriação da borda pelo usuário.....	115
4.4.6 Apropriação do espaço pelo poder público.....	116
4.4.7 Apropriação do espaço pelas águas das enchentes.....	118
4.4.8 Manutenção e operação do parque.....	124
4.4.9 Síntese sobre a apropriação do Parque.....	125
5 CONCLUSÕES.....	127
5.1 IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS.....	131
5.2 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS NO PARQUE JAIME LERNER	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135
APÊNDICE A.....	141
APÊNDICE B.....	142
APÊNDICE C..	143
APÊNDICE D.....	144
APÊNDICE E.....	145

1 INTRODUÇÃO À PESQUISA

O presente trabalho pertence a área de estudo ambiente-comportamento e pretende investigar a apropriação, incluindo o comportamento de ocupação e o comportamento de uso da orla do Rio Guaíba em Porto Alegre pelos usuários, especificamente no trecho 3, onde se encontra o Parque Jaime Lerner. Este primeiro capítulo dedica-se a introduzir o leitor ao problema de pesquisa, aos objetivos, à justificativa e à pergunta de investigação.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Esta investigação estuda a apropriação, a partir da ocupação e uso do espaço público, especificamente o Parque Urbano Jaime Lerner. O parque foi construído na borda da cidade de Porto Alegre por meio de um processo de revitalização da orla da capital gaúcha.

A borda da cidade de Porto Alegre, não é a mesma, a revitalização, aproximou o cidadão de seu bem precioso, o Rio Guaíba, antes afastado dos corpos, evitando a experiência, apagado das memórias, negado às vivências. A partir dessa poética impressa na história desse lugar, uma filha dessa terra, nascida na década de 70, impossibilitada de se relacionar com a margem da sua cidade durante anos, escuta rumores sobre a previsão de uma obra de revitalização. No trecho abandonado paralelo ao Parque Marinha do Brasil, o qual frequenta em caminhadas cotidianas, vislumbra um dia acessar esse sítio, interagir com o rio e se exercitar junto a tal borda.

Sonho, utopia? O fato é: o anúncio da cidade de Porto Alegre como uma das oito sedes da Copa do Mundo de 2014 no Brasil destravou o projeto de ressignificação da borda da capital, enquanto estrutura arquitetônica. Assim, pretende-se objetivar e transformar a relação dos cidadãos com o Rio, integrando-o por meio da valorização da paisagem e visuais urbanos da cidade. A primeira fase composta pelo Trecho 1, entrega o Parque Moacyr Scliar para cumprir a vocação de lazer, turismo e convívio social. A segunda fase contempla o Trecho 3, objeto deste estudo, o Parque Jaime Lerner, o qual pretende cumprir a vocação desportiva, lazer e convívio, aqui contribui como plano de fundo para investigação das complexidades e particularidades desta área revitalizada da orla (Allet, 2022).

Observando o cenário revitalizado da Orla do Guaíba -Trecho 3, busca-se compreender como as pessoas ocupam, usam e se comportam na nova paisagem urbana, entregue há pouco tempo para a cidade de Porto Alegre. A área que antes era um cenário de abandono, tem o contexto deste trecho da cidade transformado com as mudanças implementadas pelo projeto. Dessa forma, o local passa a receber diariamente um número significativo de usuários, principalmente nos finais de semana e feriados, logo transformando as relações ambiente-comportamento, que se estabeleceram no uso cotidiano deste novo trecho da cidade (Chidiac, 2021).

A proposta desta pesquisa qualitativa exploratória está relacionada à avaliação pós-ocupação do PARQUE URBANO ORLA DO GUAÍBA – Trecho 3 em sua obra de revitalização às margens do Guaíba, projeto do escritório de arquitetura Jaime Lerner, no trecho compreendido entre a foz do Arroio Dilúvio e o Parque Gigante. Além, de alcançar os aspectos relevantes e caracterizar os principais elementos para definir as potencialidades e fragilidades do espaço urbano, que possam nos conduzir ao entendimento do comportamento dos usuários do parque (Teixeira, 2020).

Sabe-se que áreas urbanas, a exemplo dos parques públicos, são espaços importantes voltados a diferentes usos e funções, e adquirem cada vez mais relevância e auxiliam a convivência mais próxima, equilibrada e sadia entre a sociedade e a natureza, fornecendo um conjunto de benefícios aos seus habitantes. Inclui-se aqui a relação entre espaço e lugar, que se altera a partir da experiência, pois “o que começa como espaço indiferenciado se transforma em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 1983, p. 06).

A orla oferece o rio para os cidadãos, local que, por sua singularidade, pode se enquadrar na descrição de Alexander *et al.* (2013): “representam lugares de beleza natural especiais, além de exercer influência sobre os sentidos”. Em especial, nesse trecho da orla, o qual reúne pessoas que desejam se exercitar, usufruir o espaço aberto. Para além, os atrativos que o local possui, pode contribuir para a manutenção da saúde física e emocional, e a qualidade de vida das pessoas.

Este trabalho situa-se na área de estudo das relações ambiente-comportamento (RAC), e utiliza métodos e técnicas de Avaliação Pós-Ocupação (APO). A presente pesquisa considera os conhecimentos da Psicologia Ambiental expostos no referencial teórico, como os estudos da Relação Pessoa-Ambiente (RPA) para análise dos dados (Cavalcanti; Elali, 2011).

Segundo Cavalcante e Elali (2011) a questão ambiental é uma preocupação de todos, fundamentado por um dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU ¹ alusivo às cidades: torná-las mais inclusivas, seguras, resilientes, sustentáveis e, ainda, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes.

Consequente, a presente pesquisa questiona como ocorrem as relações de ocupação, uso e apropriação no espaço construído do Parque Jaime Lerner. Dessa forma, entendendo o contexto histórico do local e, a evolução do sítio no território originário da cidade, além dos aspectos socioespaciais de seu cotidiano.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral da pesquisa é compreender como ocorrem as relações de ocupação, uso e apropriação dos usuários no espaço construído do Parque Jaime Lerner. De modo que, a partir do campo da percepção ambiental, dentro da linha de pesquisa – Percepção e Avaliação do Ambiente pelo Usuário, ocorra a contribuição com o conhecimento empírico, em especial sobre o comportamento dos indivíduos em parques urbanos, que possam subsidiar o planejamento e apoiar projetos de revitalização em orlas urbanas.

1.2.2 Objetivos específicos

O estudo tem como objetivos específicos:

- I. Descrever o local a partir da evolução, histórico, físico e morfológico a fim de caracterizar o caso em sua complexidade e especificidade, incluindo identificar as diretrizes estabelecidas para a revitalização e o projeto em si;
- II. Identificar a ocupação e o uso do parque segundo a temporalidade da semana, e dos períodos de inverno e primavera;

¹ ONU Organização das Nações Unidas <https://brasil.un.org/>.

- III. Observar o comportamento das pessoas no parque, no âmbito geral e nas zonas projetadas para abrigar os diversos usos do espaço do parque, identificando se há uma correspondência entre os usos planejados e os efetivados;
- IV. Compreender como se dá a apropriação do parque, a partir dos novos usos, incorporados no *cotidiano* do local na *cidade*.

Desse modo, parte-se do pressuposto que a avaliação da qualidade ambiental nasce da percepção ambiental e, de como as pessoas experienciam os lugares atribuindo significado, sentido e sentimentos dos indivíduos em relação ao lugar. A busca atuante e cotidiana da pesquisadora se dá através do olhar sobre a ORIGEM, SENTIDO e IMPACTO da obra arquitetônica e urbana, que procura justificar e produzir sentido na observação de espaços que denotam lugares. Estes *critérios estruturam também a investigação*, pois “pertencer a algum lugar” retrata o sentimento e a necessidade da maioria das pessoas em se identificar com o meio e estabelecer uma conexão com este espaço físico (Cullen, 1983).

No estudo, busca-se oferecer um panorama da relação das pessoas com o lugar, usabilidade do parque, através dos mapas comportamentais das áreas mais utilizadas em determinados dias e horários, bem como identificar o comportamento dos usuários em cada zona do parque. Incluindo aspectos positivos e negativos do projeto que possam ser replicados, aprimorados ou corrigidos pelo poder público local, ou projetistas e gestores de outros projetos de revitalização.

1.2.3 JUSTIFICATIVA

Motivada pelo fato de caminhar diariamente no parque vizinho, o Parque Marinha do Brasil, a pesquisadora se torna usuária do Parque Jaime Lerner, assim que este inaugura, o que contribui para a formulação de sua pergunta de pesquisa. Ao visitar a obra recém entregue, percebe um expressivo número de usuários no projeto tão aguardado e relevante para a cidade, e instiga saber como se dá a ocupação cotidiana, o uso dos espaços para prática esportiva, as pistas de skate, playgrounds, arquibancadas, bares, enfim como se dá a relação dos usuários com o novo parque.

Antes da execução desta obra arquitetônica, havia um afastamento físico entre o usuário e a orla do Rio Guaíba, em especial neste trecho objeto de estudo. Durante muitos anos a cidade parecia estar “de costas para o rio” (Bohrer, 2011, p. 165), o trecho da orla em questão, estava praticamente abandonado. A prática esportiva até existia por ali, de forma muito precária, por meio de campos de futebol improvisados à beira do rio, ou nem existia quando alagada devido a grandes precipitações. Em relação a paisagem, existia a necessidade de espaço para contemplação, com amplitude espacial para lazer, práticas esportivas, espaço de convívio e, tudo que pudesse valorizar, trazer sentido e senso de pertencimento ao lugar (A habilitação, 2019).

A partir desta problemática, o projeto visa suprir a demanda atribuída pelas diretrizes da revitalização, a fim de qualificar a relação dos usuários frente ao sítio fruto de aterro, anexado ao território originário, costeiro, portanto área nobre paralela a outro parque. Sabendo-se que uma revitalização valoriza e reintegra o trecho ao cotidiano da vida urbana, sendo um atrativo a ocupar e usufruir o local, entende-se apropriado fazer questionamentos sobre *a interação das pessoas neste novo ambiente*.

Segundo Castello (2007) as pessoas não possuem apenas uma existência social, possuem acima de tudo uma existência física, ocupando espaços onde quer que estejam, percebendo o ambiente ao seu redor, construindo um sistema conceptual a partir da experiência. Portanto, os espaços públicos têm importância fundamental na construção da socialização.

O trabalho estabelece um diálogo acerca da cidade contemporânea, abordando o projeto de revitalização e o tratamento da borda/área costeira da cidade, a evolução e morfologia do espaço urbano e a avaliação pós ocupação de um espaço público livre – o parque urbano. Mais especificamente a relação pessoa-ambiente e o comportamento produzido na experiência como um todo, centrada no lugar.

A finalidade é fornecer dados relevantes que possam embasar novos projetos de revitalização nesta cidade ou em outras que possuem zonas de borda ociosas ou degradadas. Projetos que possam oferecer novas oportunidades de lazer e contato com a natureza na região costeira, bem como a relação dos habitantes das cidades com as águas, além de alicerçar projetos de espaços livres na paisagem urbana, como praças e parques urbanos.

1.2.4 PERGUNTA DE PESQUISA

Como é a ocupação, uso e apropriação do Parque Jaime Lerner?

Com base na importância dos ambientes em nossas vidas, “os estudos relativos ao contexto ambiental passam a ser interpretados como uma *inter-relação* entre o ambiente físico (natural e/ou construído) e o comportamento humano, ou seja, o ambiente influencia o comportamento” (Melo, 1991). À medida que se busca levantar dados no local, relacionados ao comportamento dos usuários, identifica-se como é a relação dos usuários com o lugar em seus dois anos de existência. Dessa forma, visando o nível de ocupação, as formas de uso, se há ou não apropriação do parque, e sua relação com a cidade. Assim, sendo capaz de descrever, interpretar e compreender a relação ambiente-comportamento (RAC).

Logo, para responder a pergunta, pode-se conduzir a pesquisa na direção de entender como o ser humano se relaciona com o ambiente em que está inserido. A partir da percepção por processos cognitivos que evocam as representações mentais e orientam as condutas espaciais do sujeito em respostas *corporais*, ativados na interação do usuário com este ambiente revitalizado, buscando a partir do comportamento, compreender o espaço da cidade (Cavalcante; Elias, 2011).

1.2.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação apresenta cinco capítulos, conforme resumo abaixo:

- **Capítulo 1** – Introduz o leitor ao problema de pesquisa, aos objetivos, à justificativa e à pergunta de pesquisa;
- **Capítulo 2** – Apresenta a base conceitual do trabalho, por meio do referencial teórico a partir da revisão de literatura;
- **Capítulo 3** – Apresenta a metodologia utilizada na investigação.
- **Capítulo 4** – Apresenta e discute os resultados da pesquisa, a partir da estrutura – ORIGEM, SENTIDO e IMPACTO, critério estabelecido pela pesquisadora;
- **Capítulo 5** – Apresenta conclusões da pesquisa e a conclusão final; expõe os principais resultados e importância deste estudo para futuras investigações.

1.2.6 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS

Esta dissertação versa sobre o comportamento do usuário no ambiente construído, mais especificamente no campo das relações pessoa-ambiente (RPA). Neste sentido, algumas definições contribuem para o entendimento estrutural acerca da interação entre o indivíduo e o ambiente físico: o *conceito de lugar*, a *relação corpo e espaço*, a *experiência em si* e a *paisagem urbana*, com o intuito de configurar a estrutura - *origem, sentido e impacto*, proposta neste trabalho pela pesquisadora.

Lugar: é um espaço que identificamos com limites definidos, pode ser referência, estabelece relação, atribui significado e ganha valor pela vivência e sentimentos (Cavalcante, Nóbrega 2011). Outra definição que resume a anterior é de que o espaço ocupado, ganha significado e valor em razão da simples presença das pessoas (Tuan, 1983).

Corpo: a pessoa pela simples presença impõe um esquema no espaço, mesmo não consciente disso, marca presença, codificando, onde a estrutura e valores do ser humano se manifesta na organização espacial (Tuan, 1983). Toda pessoa está no centro do seu mundo, e o espaço circundante é diferenciado de acordo com o esquema de seu corpo (Tuan, 1983).

Experiência: abrange as diversas maneiras pelas quais uma pessoa conhece e constroi a realidade. Variando desde os sentidos mais diretos e passivos como olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (Tuan, 1983). Experiência é o conhecimento que nos é transmitido pelos sentidos e pela consciência (Okamoto, 1997).

Paisagem Urbana: é o que parece traduzir para nós uma relação estreita e privilegiada com o mundo. Quando a natureza é composta por pregas e memórias, estruturadas com regras de composição, forma um esquema simbólico (Cauquelin, 2008), atribuindo o papel de cenário. O território é composto por um ambiente geográfico - o *ambiente*, quando *apropriado* pelo *indivíduo*, adquire significado e atinge o status de *lugar* (Miranda, 2014).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

A fim de apresentar as abordagens teóricas pertinentes ao desenvolvimento deste estudo, é exposto o conhecimento através de revisão empírica, a qual aproxima-se do tema a partir de trabalhos relevantes ou recentes sobre a Orla do Guaíba. Inclui-se também a revisão teórica que pretende oferecer conhecimentos referentes à percepção ambiental e à avaliação pós-ocupação, além de consideração acerca do caso.

2.2 REVISÃO EMPÍRICA

A tendência global da tematização das cidades a torná-las próprias para o turismo, uma experiência essencial do ser humano, sobrepõe-se às estruturas existentes das cidades. Com isso, grandes cidades ao redor do mundo buscam adaptar os centros urbanos à apropriação imposta pelo sistema turístico sobre o sistema da vida cotidiana (Montaner; Muxi, 2011).

Em várias cidades as áreas costeiras são espaços públicos, em sua maioria dinâmicos e sensíveis, que despontam no cenário das paisagens urbanas das grandes cidades. A pretensão de desenvolvimento econômico, atração turística e até grandes eventos, tem impulsionado revitalizações em cidades, principalmente nas capitais e centros urbanos. Geralmente esses ambientes atrativos, possuem instrumentos de planejamento do território, com a preservação do ecossistema, a beleza cênica e bucólica (Brasil, 2022).

Além de preservar os aspectos naturais relevantes citados, as revitalizações buscam projetar as cidades para o mundo. Onde projetos exigem que as cidades se definam, se caracterizam e se especializam, assim, para serem atrativas ao consumo (Montaner; Muxi, 2011). Porém, a intenção é que tais modificações resultem em projetos de valorização das margens d'água, surgindo como uma tendência a retomar a ligação entre recursos hídricos e o indivíduo, tornando essas áreas novos pontos atratores de população e usos, transformando o espaço público em local de apreciação e aproximação com o elemento água (Farias, 2021).

É justamente esta vertente que se apoia esta investigação. Dentro da tendência mundial de revitalizar áreas degradadas e costeiras das grandes cidades do mundo, apresentar aspectos importantes do lugar (trecho 3 da orla), desvendar a apropriação deste espaço pós-ocupação e multiplicidades acerca do comportamento dos indivíduos, oferecendo-os como suporte para obras futuras.

Sendo as revitalizações de borda um objeto amplamente estudado, no Brasil consideramos a referência do projeto do Aterro do Flamengo e sua análise comparativa ao Aterro Praia de Belas (Bohrer, 2001), que origina o caso da pesquisa. Busca-se também estudos recentes na Orla do Guaíba, para tal, revisa-se o Portal da Capes, nos últimos 5 anos, a partir da palavra-chave: Orla do Guaíba, obtendo como resultado três trabalhos, visto que o objeto é fruto de revitalização recente no trecho de borda da capital gaúcha. Duas são referentes ao trecho I, finalizadas em 2021 e outra refere-se aos trechos 1 e 3, finalizada em 2022. Os trabalhos já citam a área que hoje é o Parque Jaime Lerner, porém o trecho 3 ainda estava em fase de finalização, portanto não incorporado nas análises.

A primeira pesquisa de Farias (2021) a nível de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), investigou o USO, APROPRIAÇÕES E INTERVENÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19, e utilizou como metodologia questionários online e mapa comportamental. A pesquisa pretende compreender e analisar a percepção, uso, apropriação, interação e afetividade dos usuários de um espaço público de lazer e recreação durante o período de pandemia do Covid-19 (vírus Sars-Cov-2) na área nobre da cidade que sofreu diversos impactos importantes em seu uso e apropriação nos últimos anos. O trabalho estuda o espaço público no contexto delicados da pandemia, buscando entender a importância do Parque no período, e ainda identificar o impacto na percepção, uso e apropriação, interação e afetividade do usuário em relação aos ambientes do trecho 1 do Parque Urbano da Orla.

Em resposta a pesquisa revelada que identifica o tempo em que o espaço público, como local físico, poderia tornar-se um ponto de exposição ao vírus, mas poderia ser também uma medida de ajudar os indivíduos a lidar com a ansiedade, pressão ou outros efeitos psicológicos causados pela pandemia e o distanciamento. Infere que os espaços públicos, como os parques, foram um local de esperança durante esse período, seus caminhos generosos e vegetação calmante forneceram às pessoas uma válvula de escape.

A pesquisa também relata que o período intensificou questões psicossociais e os espaços públicos se tornaram uma área de respiro e fuga ao longo da pandemia, sendo uma forma um pouco mais segura de interação humana com indivíduos que não residem na mesma residência. Com ela, medidas de distanciamento social e novos entendimentos sobre o espaço individual, o uso do espaço público e da cidade passaram e passam por modificações, com a valorização do espaço público, principalmente de lazer e recreação.

A segunda pesquisa de Perseu (2021), a nível de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da UFRGS, investigou a CIDADE, MODOS DE POSTAR: paisagens de Orla de Porto Alegre em narrativas online do séc. XXI. Dessa forma, utilizando como metodologia a utilização de dados de postagens via internet por frequentadores da orla. A pesquisa armou um plano teórico ancorado em três conceitos: a paisagem como categoria de apreensão do espaço e fenômeno sensível; às tecnologias de informação e comunicação como mediações técnicas dos sentidos e dispositivos de controle; e a narrativa como perspectiva teórico-metodológica para uma investigação política da experiência. Constata poeticamente no trabalho, a paisagem como fenômeno e categoria de apreensão do mundo sensível, as lógicas de produção, e para as formas de vida e experiência que as configuram, a importância de atentar para as possibilidades da experiência na contemporaneidade.

Com o discurso de que “*a cidade vira as costas para a água*”? relata a inserção das orlas da cidade nas lógicas de um mercado de terras, mas também em uma economia de desejos, ou de subjetividades. Ao investigar a produção do espaço intra-urbano das orlas da cidade de Porto Alegre — enquanto *loci* sobre os quais incidem diversos interesses de mercado — em sua dimensão vivida, sensível, intersubjetiva e disputada, reforça a intenção por estudar o urbano a partir da dimensão da *experiência* de quem vive a cidade.

Conclui que o caso estudado apresenta-se, ainda, sintomático de um cenário mais amplo, em que paisagens do mundo inteiro, independentemente de contexto, de história, de cultura ou de geografia, passam a ser produzidas de forma cada vez mais, banal: simplificada, tematizada e especializada. Nas quais as formas de construir, de experimentar e de atribuir sentido ao que nos acontece nas cidades do século XXI passam por achatamentos subjetivos oriundos das lógicas do capital.

A terceira pesquisa encontrada está delimitada nos Parques dos trechos 1 e 3 da orla do Guaíba, investigada por Soares (2022) sobre a SEGREGAÇÃO E

SOCIABILIDADE NO ESPAÇO PÚBLICO, desenvolvida por etnografia online, a partir de webconferência com grupos focais. A pesquisa retrata a restrição da interação entre indivíduos inerentes ao território da cidade, com ênfase na segregação urbana de origem socioeconômica, a relação da segregação e a forma urbana e a prática da interação social no espaço urbano. Adota a abordagem de grupo focal por meio de conversas online realizadas em formato de webconferência. São construídas comparações entre os resultados obtidos em cada sala virtual de conversa, permitindo uma aproximação empática com os entrevistados, fazendo emergir semelhanças e não desigualdades.

A pesquisa discorre sobre a construção de um parque sob a ótica do impacto que deveria ser realmente levado em consideração. Como também as suas repercussões nas relações humanas, aproximando ou gerando mais segregação. Assim, entendendo os fatores estruturais que podem induzir ou reduzir a segregação socioespacial e a sociabilidade entre indivíduos de diferentes grupos socioeconômicos em parques urbanos.

Como resposta, a pesquisa de campo conseguiu reconhecer os espaços e as condições com maiores chances de encontros entre diferentes grupos, assim como os espaços ou condições que se apresentam segregados para cada estrato de renda.

É importante citar outra pesquisa que está em andamento no Programa de Pós-Graduação da UFPel acerca da Orla do Guaíba em Porto Alegre. Investigada pela pesquisadora Jordana da Silva Brechon, na linha do Urbanismo Contemporâneo, com o tema CAMINHOGRAFIA URBANA NA ORLA DO GUAÍBA.

Logo, a partir deste levantamento é possível constatar a lacuna do conhecimento no que tange a revitalização da orla, especificamente o uso e apropriação do trecho 3, o Parque Jaime Lerner.

Oferecer uma exposição sobre a utilização do parque, bem como descrever as relações ambiente-comportamento, amplia a produção de conhecimento sobre o projeto. Bem como revela aspectos e complexidades sobre a revitalização da borda da cidade.

2.3 REVISÃO TEÓRICA

Neste item, aborda-se os estudos no campo da Percepção Ambiental, Psicologia Ambiental, Avaliação Pós-Ocupação, Parques Urbanos, conhecimentos

relacionados à representação e qualificação da morfologia e evolução do local. Desse modo, por meio da observação da relação pessoa-ambiente, descreve-se o comportamento dos usuários num determinado período, quanto a ocupação, uso e apropriação do espaço público.

No decorrer da pesquisa, à medida que os estudos se aprofundaram, algumas tomadas de decisões foram necessárias, a começar por situar-nos em vertentes que circundam a temática da percepção e comportamento. O posicionamento da pesquisadora se revela ao assumir os termos *relação pessoa-ambiente*, ao invés de *relação ambiente-comportamento*, e *psicologia ambiental* além da percepção ambiental. Esta posição se dá pelo fato de alinhar a redação da dissertação com os termos mais recorrentes nos achados teóricos durante a revisão.

2.3.1 Percepção ambiental

A percepção caracteriza-se por ser um processo pelo qual o indivíduo obtém as informações do ambiente o qual está inserido. Os sentidos comuns, como visão, olfato, paladar, audição e tato são largamente estudados nos compêndios da psicologia como importantes meios de compreensão e relacionamento com o meio ambiente. Logo, o caminho para conhecer a realidade do meio ambiente é a participação direta e intensa do corpo-mente como um todo, e a atribuição de significado por meio da cognição (Okamoto, 1997). Sendo assim, neste subcapítulo apresenta-se aspectos da percepção ambiental atribuída pelo indivíduo e um comportamento, analisado pela psicologia ambiental, oferecendo dados sobre a qualidade do ambiente o qual o indivíduo experimenta.

A percepção humana é o elemento subjetivo como aspecto fundamental na perspectiva da interação onde tudo nasce do interior do indivíduo. Reflete-se no seu contexto exterior, e todo universo exterior repercute no seu interior. A resposta estaria na sequência da reação do indivíduo frente à realidade; os estímulos que provocam as sensações passam pela emoção, pelo pensamento (crenças), chegam à ação e, novamente pelo mesmo processo, retornam ao sentimento que a gerou. (Okamoto, 1997).

Construímos a percepção do meio ambiente utilizando valores objetivos como forma, função, cor, textura, iluminação, temperatura, sonoridade, o significante e sua simbologia. Cada um destes valores resulta no espaço dimensionado, funcional, cujo

indivíduo recebe estímulos advindo destes espaços, que estimulam nossos receptores especializados. Através destes, sentimos o ambiente, quando então temos a percepção da realidade de forma consciente; já a maioria dos estímulos entra para o nosso inconsciente, onde estes formam o contexto ambiental. Após a percepção, temos consciência, onde o “eu” (desejo, anseio, vontade ou necessidade) participa na tomada de decisão no comportamento (Okamoto, 1997).

Segundo Vicente Del Rio, seria a percepção o elemento mediador entre o indivíduo e o meio ambiente, na formação de “sentido de lugar”, buscando enfatizar a percepção visual, por exemplo, enquanto experiência estética e emocional (Del Rio, 1996).

A percepção ambiental está relacionada ao modo como as pessoas experienciam os aspectos ligados ao seu entorno - físicos, sociais, culturais e históricos - pela interpretação e construção de significados - a partir de componentes - cognição, afeto, valoração. Exerce um papel fundamental nos processos de apropriação e de identificação dos espaços e ambientes (Kuhnen, 2011).

É um processo recursivo de interação pessoa-ambiente que permite à pessoa influenciar ou atuar sobre o ambiente, como por ele, ser influenciado ou atuado. As pessoas, os artefatos e os ambientes são sujeitos que se co-produzem cotidianamente (Rheingantz *et al.*, 2009).

Considerando a coprodução, o comportamento ambiente, se referindo aos estudos da relação pessoa-ambiente, nos ajudam a compreender os ambientes e as cidades (Del Rio, 1996).

No que tange a percepção do ambiente construído pelo usuário, permite a discussão da potencialidade do ambiente enquanto base-física, que propicia ou inibe a emissão de comportamento que pode ser averiguada a partir do ponto de vista da psicologia ambiental (Elali, 1997).

2.3.2 Psicologia ambiental

A Psicologia Ambiental é o estudo da interação entre indivíduo e ambiente físico, tanto natural quanto construído. Envolve estudos de percepção (como o indivíduo percebe o ambiente), de cognição (como a mente do indivíduo absorve e estrutura as informações recebidas do meio ambiente), do comportamento (como o

indivíduo compreende, reage e modifica o meio ambiente), ou seja, como este processo influencia no comportamento humano (Melo, 1991).

Diz respeito ao indivíduo, em seu funcionamento, desenvolvimento e singularidade, porém este indivíduo está inserido em um contexto social, ambiental e temporal, que deve se levar em consideração, porque é onde ele percebe, dá sentido e interage com o mundo, sendo o ambiente um espaço vital do indivíduo, seu habitat (Moser, 2018c).

A Psicologia Ambiental é a área de estudo do inter-relacionamento entre comportamento e ambiente físico, tanto o construído quanto o natural (Günther; Rozestraten, 1993). É a área que se interessa pelas relações bidirecionais entre pessoas e ambientes, a fim de compreender como os espaços influenciam o comportamento dos indivíduos. É uma psicologia do espaço, na medida em que analisa as percepções, as atitudes, e o comportamento do indivíduo em relação explícita com o contexto físico e social no qual o ser humano evolui (Moser, 2018c).

Na intenção de ampliar o conhecimento da interface entre ambiente construído e comportamento humano, a interdisciplinaridade da psicologia com a arquitetura denotam uma gradativa aproximação e valoração entre tais campos. Assim, a contribuição da psicologia amplifica a área de atuação do indivíduo para o social e o ambiental abarcando as interações ambiente-comportamento, contribuindo para um conhecimento mais amplo da realidade. A arquitetura por sua vez, aos poucos desloca a ênfase na análise de aspectos estéticos/construtivos/funcionais para a preocupação com a percepção e satisfação do usuário, proporcionando propostas mais centradas no indivíduo e/ou no social (Elali, 1997).

Alimentada pelas duas áreas, porém relativamente independente, a Psicologia ambiental habilita-se a ser a soma entre o conhecimento psicológico e o arquitetônico, podendo alimentar a produção de um ambiente mais humanizado e coerente (Elali, 1997).

A psicologia ambiental tem como um dos seus principais objetos de estudos a avaliação do ambiente construído durante o processo de ocupação (APO), a fim de garantir a qualidade de vida dos usuários, quando passa a ser avaliado enquanto espaço vivencial. Assim, além de aspectos físicos/construtivos acrescenta-se a análise comportamental e social essencial à compreensão (Elali, 1997).

2.3.3 Avaliação pós-ocupação

A todo momento estamos interagindo com o ambiente construído, no qual estamos inserido. Isso requer análise para compreender a forma apropriada de utilizá-lo ou para que levantem-se dados acerca de seus aspectos construtivos, quando entende-se que o ambiente influencia o comportamento (Melo, 1991).

A avaliação pós-ocupação (APO) é uma das áreas do conhecimento da psicologia ambiental ou do próprio campo ambiente-comportamento, onde a estratégia metodológica é diversificada, múltipla e não única. No que se refere aos aspectos comportamentais, consideram-se técnicas quantitativas consagradas em pesquisas sociais ligadas a análises qualitativas dos problemas abordados, que auxiliam na interpretação dos níveis de satisfação dos usuários. Esta metodologia parte da avaliação de fatores técnicos, funcionais, econômicos, estéticos e comportamentais do ambiente em uso, tendo em vista a opinião dos técnicos, projetistas e clientes, como também usuários (Ornstein; Roméro, 1992).

APO é um processo interativo, sistematizado e rigoroso de avaliação de desempenho do ambiente construído, passado algum tempo de sua construção e ocupação. Focaliza os ocupantes e suas necessidades para avaliar a influência e as consequências das decisões projetuais no desempenho dos ambientes considerados, especialmente aqueles relacionados com a percepção e o uso por parte dos diferentes grupos de atores ou agentes envolvidos (Rheingantz *et al.*, 2009).

Pretende-se a partir de avaliações de fatores técnicos, funcionais, econômicos, estéticos e comportamentais do ambiente em uso, e tendo em vista a opinião dos envolvidos, técnicos, projetista e clientes ou usuários, diagnosticar aspectos positivos e negativos, definindo recomendações e ou conclusões. No caso da cena urbana como o caso desta investigação, pode-se citar o impacto do empreendimento, o conhecimento da realidade urbana, e até micro-avaliação de ambientes específicos (Ornstein; Roméro, 1992).

Na avaliação pós-ocupação no processo de apropriar-se da realidade para a geração de conhecimento, é fundamental a responsabilidade social ao se propor o estudo do comportamento humano no ambiente construído. Envolvem em sua discussão não apenas aspectos ligados à psicologia e à arquitetura mencionada anteriormente, mas outras disciplinas interessadas em pensar a qualidade de vida humana a partir da percepção e das vivências dos diferentes agentes envolvidos em

cada problemática, incluindo assim a abordagem multimétodos, a qual será tratada no capítulo da metodologia (Elali, 1997).

2.3.4 Apropriação

A apropriação do território diz respeito ao aspecto interventivo realizado pelos homens, criando e recriando significados em torno desta apropriação cotidiana. (Koga, 2011).

Esse é um dos processos fundamentais da relação pessoa-ambiente e da formação de lugares, é uma marca da natureza humana no espaço (Cavalcante, Elias, 2011). A apropriação torna o espaço um lugar quando se desenvolvem os comportamentos humanos e é nessa dimensão espacial que tem-se a possibilidade de compreender ações, apropriações e particularidades de uma sociedade (Pinheiro; Elali, 2011).

O desenvolvimento da apropriação espacial e da fixação local é um processo progressivo, acompanhado de encontros e interações entre outros habitantes do território em questão, transformando um espaço vazio num lugar simbolicamente significativo, desde o momento em que o indivíduo se identifica com ele (Moser, 2018a). O estilo de vida também está atrelado a como se dará o vínculo pelo local, suas atividades econômicas, sociais, relacionais; essas desencadeiam padrões espaciais e por consequência padrões de atividade e apropriação (Tuan, 1983).

Apropriação é um processo psicossocial central na interação do sujeito com o seu entorno por meio do qual o ser humano se projeta no espaço, criando um lugar seu, deixando marcas visíveis. Apropriar-se significa também exercer domínio sobre o espaço e os objetos. É possível dizer que toda a atividade humana reflete uma apropriação, por diferentes modos de percepção, orientação e ação: a pessoa se projeta no espaço ao mesmo tempo em que o introjeta (Cavalcante; Elias, 2011).

As autoras acima citam definições a partir de outro autor, Pol (1996 apud Cavalcante; Elias, 2011) que destaca elementos estruturais e complementares do processo de apropriação que nos interessa abordar como referência.

Apropriação por **ação/transformação**: comportamentos explícitos que vão desde a demarcação de um espaço até uma ocupação territorial mais elaborada e complexa como a territorialidade.

Apropriação por **identificação** processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço em um lugar reconhecível e pleno de significado para um sujeito ou grupo social. Para exemplificar, podemos evocar as representações mentais que orientam a conduta espacial do sujeito:

- *Processo Cognitivo*: representações mentais que orientam a conduta espacial do sujeito.
- *Processo Afetivo*: a busca intencional de bem-estar que acarreta modificações para adequação dos espaços a um ideal representado.
- *Processo Interativo*: dota o entorno de um significado para a pessoa e para os outros.

É importante ressaltar a dimensão temporal e sequencial da apropriação, que não se expressa isoladamente, mas no tempo, por comportamentos distintos. No início, os comportamentos são de mudança, transformação e ajustamento que tem por objetivo dotá-lo de significado, em seguida, sobressaem-se a identificação do sujeito e da coletividade com o significado criado e a busca de sua preservação, conferindo identidade e referência social e espacial, aproximando do vínculo, identidade de lugar e apego ao lugar (place attachment) (Cavalcante; Elias, 2011).

“A apropriação de territórios públicos dá-se principalmente por identificação, sendo possível também a ocupação, mesmo sem o domínio legal do espaço.” (Cavalcante, Elias, 2011, p. 67).

2.3.5 Apego ao lugar (Place Attachment)

Apego ou vínculo com o lugar é um conceito multifacetado que exige atenção para as características físico-espaciais do local e os significados simbólicos/afetivos a ele associados por indivíduos ou grupos em três dimensões essenciais de entendimento (Elali; Medeiros, 2011).

- *Dimensão Funcional*: O papel do espaço físico, como elemento que atrai, inibe ou encoraja o movimento interferindo no comportamento, gerando ações positivas ou negativas aos envolvidos.
- *Dimensão Simbólica*: Refere-se ao conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual que atua como intermediário na relação pessoa-ambiente.

- **Dimensão Relacional:** Corresponde à interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano e as características do ambiente.

Segundo Scannell, Gifford (2010) as três dimensões se dispõem da seguinte forma:

- **Dimensão Pessoa:** Apego individual e coletivo ao lugar. Relações de grupos ou individuais, com fatores históricos ou religiosos. Ocorre da mesma forma que lugares se tornam significativos a partir de experiências importantes. No nível de grupo, o apego é composto por significados simbólicos de um lugar que são compartilhados entre os membros por meio de experiências históricas, valores e símbolos.
- **Dimensão do Processo Psicológico:** A ligação pessoa-lugar, envolve uma conexão emocional com um determinado lugar, assim como o afeto e relação com a emoção. Os vínculos pessoas-lugar também incluem elementos cognitivos, as memórias, as crenças, os significados e os conhecimentos que os indivíduos associam aos cenários. O comportamento é outro nível o qual é expresso por meio de ações, como a manutenção, a proximidade, e a reconstrução de um lugar.
- **Dimensão do Lugar:** O próprio lugar em níveis espaciais de apego, à casa, bairro e cidade, tem influência sobre o indivíduo.

2.3.6 Parques urbanos

Antes de abordar os parques urbanos, é relevante apresentar o espaço livre, que segundo Magnoli é todo o espaço (e luz) não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz) ao redor das edificações e que as pessoas têm acesso (Magnoli, 1982 *apud* Macedo *et al.* 2018), que propicie o enriquecimento das atividades do ser humano urbano (Magnoli, 2006).

Os espaços livres são considerados como infraestrutura urbana, pela qual ocorre significativa parte do cotidiano urbano: lugares de encontros como ruas, praças e parques urbanos, inerentes à forma urbana. Os parques lineares e as grandes orlas tratadas, como é o caso deste estudo em Porto Alegre, são reflexos da transformação da forma urbana das grandes cidades nos últimos anos, qualificados como aqueles

inseridos em mancha² urbana descontinuada em parte por elementos naturais em sua porção insular.

Desde a sua origem na Inglaterra, a ideia de parque surgiu para amenizar as condições de vida das populações durante a Revolução Industrial. O parque com um equipamento urbano é composto por elementos naturais como vegetação, às vezes água, criando um ambiente bucólico em meio ao tecido urbanizado. Torna-se uma forma acessível à necessidade de fuga na cidade, cujas pessoas de diferentes rendas, idades e sexos compartilham o mesmo ambiente (Akamine, 2018).

O parque público é um elemento típico da grande cidade contemporânea, um espaço livre público estruturado dedicado ao lazer da massa urbana. No século XX, os parques até então destinados à contemplação introduzem outras funções, como “as esportivas, de conservação de recursos naturais, lazer cinestésico e até espaços cenográficos”. Considera-se parque todo espaço de uso público destinado à recreação de massa (Macedo; Sakata, 2010, p. 13).

Os parques no contexto urbano são lugares onde a natureza se faz presente. É onde as pessoas podem manter o contato direto com ela. A interação pessoa-natureza segundo Klein, Peres e Machado (2019) pode ser mediada pela percepção, pela afetividade, pela representação social do lugar e pela qualidade de vida como resposta na interação. E ainda, em estudos aplicados, concluiu que espaços públicos abertos favorecem a manutenção e melhora da qualidade da saúde mental, por meio do contato com elementos naturais e pelas relações sociais que se dão em tais espaços.

A água também é mencionada nos estudos como um dos mais importantes atributos dos espaços públicos, capaz de despertar múltiplas emoções. É importante citar que os parques urbanos contribuem para o bem-estar e qualidade de vida das pessoas na cidade, pelo potencial das paisagens naturais como lugares de encontros, práticas esportivas, contemplação e socialização, e por possibilitarem uma diversidade de atividades em seus espaços (Klein; Peres; Machado, 2019). “Quanto mais tempo ao ar livre, mais viva a cidade” (Gehl, 2013, p. 172).

Acrescenta-se a este referencial três pontos citados por Alvim, Costa e Alves (2018), que podem contribuir a elucidar aspectos do caso em estudo, quando se relacionam com outras experiências projetuais pelo mundo:

² Entende-se com mancha a área construída contida dentro do perímetro de uma urbanização seja esta de portes diversos de acordo com a dimensão física: Lugarejo, cidade ou metrópole.

- 1) Apesar da usual relevância atribuída aos critérios arquitetônicos ou econômicos, algumas experiências buscam incorporar o respeito às preexistências ambientais, superando fragilidades de seu ambiente natural. O desenvolvimento urbano respeitando os ecossistemas e a biodiversidade é, simultaneamente, uma necessidade e mais valia que as cidades não devem perder.
- 2) Projetos urbanos nas frentes d'água deveriam apresentar-se como oportunidade ideal para se reequilibrar o ambiente natural e o construído, procurando resolver problemas ambientais (como drenagem urbana) e eliminando atividades poluidoras, dando lugar a espaços com qualidade ecológica e ambiental, trazendo benefícios sociais, culturais, econômicos e ecológicos.
- 3) Outra característica fundamental das frentes d'água é o fato de apresentarem um caráter naturalmente público, inerente à sua condição. Logo, devem ter como prioridade o interesse público e o uso coletivo, constituído por espaços de qualidade e que proporcionem o acesso à água. Esses espaços coletivos, se bem projetados, apresentam-se como excelentes estratégias não só de reconexão entre a população e as águas, mas também para integração entre o tecido urbano novo e suas áreas envoltórias.

Miranda (2014) considera que a importância dos parques urbanos nas cidades atuais, cada vez mais densas e impermeáveis, está associada à possibilidade de proporcionar lazer à população em ambiente aberto exposto ao tempo, podendo estar junto a elementos vegetais, cursos d'água, florestas, orlas de rios, lagoas e praias, e gerar a socialização, podendo promover a saúde física, mental e emocional dos moradores das cidades.

No prólogo do livro “Cidade para Pessoas” de Gehl (2013), Jaime Lerner traz outros dois elementos fundamentais à qualidade da vida urbana: identidade e coexistência. Cita que “a identidade gera o sentimento de pertencimento, como referência que nos orienta enquanto cidadãos, refletidos em vínculos que estabelecemos com os espaços da cidade que podem fazer parte constitutiva do cotidiano”, como os parques, também referenciado como espaço público essencial ao bom ambiente urbano. Diz ainda que o espaço público possibilita a expressão

individual e coletiva, na beleza daquilo que pode ser compreendido pelo observador (Lerner, *apud* Gehl, 2013, p. 12).

3METODOLOGIA

3.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

Neste capítulo serão apresentados os métodos e as técnicas de pesquisa, baseados na área de estudo de avaliação pós-ocupação, especificamente na relação pessoa-ambiente, que será utilizado neste trabalho com a intenção de alcançar os objetivos desta pesquisa. Primeiramente, é apresentado o objeto de estudo, as razões da escolha, suas características e a delimitação da área a ser investigada. Em seguida, são apresentadas informações que embasam a metodologia, as quais tratam a abordagem da experiência como um todo, os métodos para coleta, a análise de dados e considerações relativas ao trabalho de campo.

3.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A abordagem metodológica utilizada para alcançar os objetivos estabelecidos, compreende o conjunto de métodos e técnicas da Avaliação Pós-Ocupação (APO). Essa estratégia é aplicada às investigações das relações pessoa-ambiente no que tange o comportamento, com o propósito de avaliar os ambientes construídos no decorrer de seu uso e verificar fatores negativos e positivos do projeto. Além disso, a APO focaliza nos usuários para avaliar as decisões projetuais no desempenho do ambiente (Rheingantz *et al.*, 2009).

Trata -se de uma pesquisa de natureza aplicada definida como exploratória em relação ao seu objetivo, com abordagens qualitativas à medida que o interesse é estudar as interações pessoa-ambiente e suas mais variadas formas (Pinheiro;Elali; Pinheiro, 2008).

A investigação parte de uma perspectiva naturalística, como um recurso, *quando o pesquisador procura aspectos efetivamente manifestos do comportamento humano nos ambientes da vida real*. A complexidade dos estudos da RPA requer a abordagem de várias disciplinas, por conseguinte, agregar diferentes métodos e técnicas a fim de integrar experiências, validar o construto mediante uma perspectiva multimétodos. A transdisciplinaridade que permeia a RPA permite e estabelece sempre que possível, adotar esta estratégia. Na prática, a intenção é diminuir os

vieses inerentes à adoção de procedimentos que ressaltam apenas um aspecto do problema, influenciando na situação (Pinheiro; Elali; Pinheiro, 2008).

A pesquisa traz a abordagem experiencial como fundamento e instrumentos baseados na percepção focada na *experiência do observador*, como sujeito e protagonista no processo de interação com o ambiente e seus usuários, a ser explicada com base nas subjetividades. Assim, onde a atenção e percepção consciente se volta para o entendimento das *razões e significados da experiência vivenciada*. Dessa forma, encontrado no cotidiano de um determinado ambiente em uso, modificando a compreensão da qualidade do lugar (Rheingantz *et al.*, 2009).

Para a Psicologia Ambiental, a experiência de observar o contexto que interessa sem ser participante declarado, permite que não seja um intruso. Desse modo, não interfere no comportamento, nem provoca *reatância* nas pessoas observadas, visando o *realismo* da situação estudada (Günther, 2011).

A abordagem caracteriza a experiência da pessoa no lugar, e *como cada lugar influencia a ação humana*, e como *a presença humana dá sentido e significado a cada lugar*, configurando como qualitativa a avaliação pós-ocupação. No caso desta investigação a observação procura lidar com aspectos subjetivos das observações, ao incorporar as emoções e reações aos lugares (Rheingantz *et al.*, 2009).

Neste caso, a observação se dá a partir da experiência da pesquisadora, primeiro durante caminhadas cotidianas seguidas por observações pontuais no parque, as quais enriquecem e conferem um novo significado ao entendimento do lugar. Quanto à postura da observadora, utiliza-se a abordagem clássica, que recomenda o distanciamento crítico do observador com relação ao ambiente. (Rheingantz *et al.*, 2009).

3.3 DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: PARQUE JAIME LERNER

Com intenção de alcançar os objetivos propostos, delimitou-se um estudo de caso. O ambiente revitalizado compreende o trecho 3 do Parque Urbano Orla do Guaíba na cidade de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Figura 1 – Porto Alegre no mapa do RS



Fonte: Jefferson Bernardes - PMPA, 2019.

A cidade de Porto Alegre está situada na região sul, no Estado do Rio Grande do Sul, no extremo meridional do Brasil. O Estado apresentava em 2022, segundo dados do IBGE, uma população de 10.882.965 habitantes, aproximadamente 5% do total da população brasileira, e uma área de 281.748 km², correspondente a 3% do território brasileiro. Faz fronteira com o Uruguai, Argentina, Oceano Atlântico e Estado de Santa Catarina (Miranda, 2014).

A Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), situada na zona nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, ocupa uma área territorial de 10.345,45 km², correspondente a 3,67% da superfície total do Estado.³

Porto Alegre é a capital de estado mais meridional do Brasil. Segundo o IBGE, Porto Alegre possui uma área de 497 km² e seus limites são as cidades Canoas, Cachoeirinha, Viamão e Alvorada.

³ No Brasil, a Constituição Federal de 1988 deixa a cargo dos estados a instituição de Regiões Metropolitanas que seriam "constituídas por agrupamentos de municípios limítrofes, para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum" (Parágrafo 3º do Art.25).

O clima é temperado do tipo subtropical úmido e com amplitude térmica, com média anual de 19,5°C, apresentando mínimas de 2°C no inverno e máximas de 40°C no verão (INMET, 2024).

O trecho assinalado no mapa é parte do projeto de revitalização da borda da cidade junto ao Rio Guaíba. O segundo revitalizado, cujo projeto foi desenvolvido pelo escritório do arquiteto Jaime Lerner, homônimo do parque.

Figura 2 – Mapa da cidade e o trecho 3 da orla



Fonte: Google Earth – 19.03.2024.

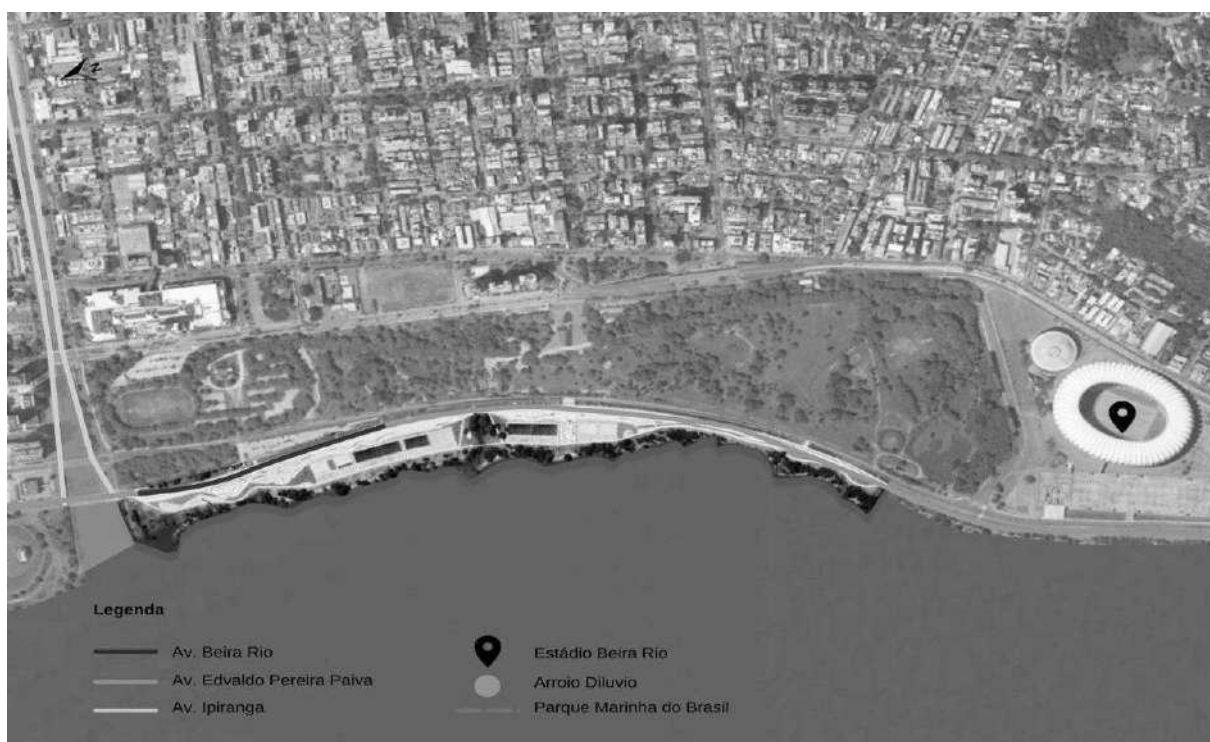
A escolha do Parque Jaime Lerner, para estudo de caso, deu-se em função de três critérios:

- I. O ineditismo do objeto por se tratar de uma obra recente;
- II. A obra do parque foi entregue em outubro de 2021, neste caso é possível observar sua ocupação, uso e apropriação nos dois próximos anos depois da inauguração;
- III. O fato de que a pesquisadora costuma frequentar o entorno do objeto para fazer caminhadas cotidianas, e acompanhando a evolução da obra, questionou-se sobre como os cidadãos se apropriaram daquele novolugar, cujo projeto oferece para a cidade equipamentos e benfeitorias no local que nas últimas décadas era objeto de abandono.

3.3.10 entorno do parque

O Parque está localizado na área limitada pelas Avenidas Edvaldo Pereira Paiva, Ipiranga, Praia de Belas e Nestor Ludwig, que tangencia o estádio Beira Rio.

Figura 3 - Localização



Fonte: Google Earth - 20.05.2023.

O local é significativo na cidade que nasce a partir da península à beira de um rio, no qual sua história está associada à sua geografia, na borda que ancora o Pôr do Sol, cartão postal e patrimônio da cidade. Mesmo assim, a área onde está o parque esteve abandonada por muito tempo. Fruto de um aterro idealizado na década de 30, efetivado entre as décadas de 50 e 70, concebido para ser um bairro modernista e obra de contenção de águas provenientes de enchentes. Nesta mesma década de 70, sua destinação aos Parques Urbanos é estabelecida. Por volta de 1978 o projeto do parque vizinho, Parque Marinha do Brasil, sai do papel, porém a área costeira desde então torna-se objeto de abandono (Bohrer, 2001) até a nomeação de Porto Alegre como uma das cidades-sede da copa de 2014. O período entre o aterro (origem da

área) e a concretização do projeto do parque, será descrito na caracterização do caso (capítulo 4.1)

Quanto aos limites do Parque Jaime Lerner, o parque linear possui 1,6km de extensão entre a Avenida Ipiranga, junto à foz do Arroio Dilúvio até o Parque Gigante da Beira Rio (Fig. 3) no sentido longitudinal. No sentido perpendicular está entre o Rio a Avenida Edvaldo Pereira Paiva que também limita o Parque Marinha do Brasil, que divide e consolida a vocação esportiva do lugar com o Parque Jaime Lerner (Allet, 2022).

Figura 4 – Vista do entorno



Fonte: Google Earth - 19.03.2024.

Na *caracterização do caso* (capítulo 4.2), insere-se outras informações pertinentes que fazem referência ao contexto histórico e evolutivo do local, incluindo menções que servem como embasamento para conceituar, explorar e caracterizar a obra de revitalização e a pesquisa como um todo.

3.4 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS

Os métodos de coleta de dados serão aplicados em três áreas do Parque Jaime Lerner, o qual corresponde ao trecho 3 da orla do Guaíba. Com base nos pilares que estruturam a pesquisa: *Origem*, *Sentido* e *Impacto*. Acerca do projeto que revitaliza a área, seguem a apresentação dos procedimentos adotados: (I) **Levantamento Físico Territorial** a partir do *Levantamento Histórico e Documental*, *Levantamento de Campo* e *Levantamento Fotográfico* e *Entrevistas Específicas*, utilizando uma lógica que

prevê uma pesquisa histórica, uma análise do projeto contemporâneo, um levantamento da situação existente, e considerações coletadas nas visitas exploratórias. Para compor os métodos avaliativos: (II) **Passeio Walkthrough** (observação caminhada) para identificar os aspectos positivos e negativos, ou sentido quando relacionada ao projeto, nas áreas pré-estabelecidas do parque. Durante o percurso a pesquisadora explora e percebe o espaço urbano, fazendo registros nos croquis das seções, agregadas a *registros fotográficos* que documentam as informações detectadas durante a experiência (Rheingantz et al, 2009). (III) **Mapa Comportamental** a partir de *observações* nas seções e locais previamente estabelecidos por (4) quatro coletas prévias documentadas no exame de qualificação desta dissertação. As *observações* produzem dados e anotações registradas em plantas dos trechos selecionados, enriquecido por *material fotográfico*, levando em consideração o número de usuários, em determinadas áreas de uso do parque, além de avaliar o comportamento, e sua compatibilidade com os locais projetados, buscando analisar e compreender a forma de apropriação do parque nos seus dois primeiros anos (Pinheiro; Elali; Fernandes, 2008). Não há previsão de examinar um público específico, e sim o público frequentador de cada trecho na data e horário da coleta.

3.4.1 Levantamento físico territorial do local

Esta fase da pesquisa configura-se como o ponto de partida, pois abrange a busca de informações necessárias às atividades a serem desenvolvidas na segunda etapa, a etapa avaliativa. Levantamentos como documentos, entrevistas, mapas e projetos de revitalização, servem de suporte para definições e sistematização de informações que sustentam os métodos avaliativos, como as coletas prévias e coletas oficiais, passeios e observações no local. O levantamento Físico Territorial deve sustentar a *origem* do parque, bem como a evolução territorial.

3.4.1.1 Levantamento Histórico e Documental

O levantamento histórico e documental busca coletar dados sobre o objeto de estudo, com enfoque na história, evolução territorial e na morfologia urbana. Assim, por meio de documentos e registros que incluem mapas oficiais da cidade, fotografias, reportagens e projetos de revitalização. Como também plantas do projeto arquitetônico adquiridos junto à prefeitura de Porto Alegre, por meio da SMOI

(Secretaria Municipal de obras e infraestrutura) por meio da web e arquivos digitais.

O levantamento permite delinear e caracterizar a ORIGEM, a morfologia, a revitalização, a ocupação e o uso do solo, contribuindo para a realização de levantamentos avaliativos e posterior análise e interpretação dos dados.

Como contribuição ao levantamento documental, inclui-se uma entrevista concedida pelo arquiteto da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Marcelo Allet, responsável pela elaboração da Habilitação Urbana da Orla da cidade. Allet levantou dados e elaborou o plano básico de intervenção para a revitalização da área, bem como as diretrizes para execução dos projetos. Informações importantes para a estruturação da pesquisa e entendimento do programa estabelecido para o projeto, contribuindo para análise e averiguação da eficiência e compatibilidade com dados coletados no local.

Outros títulos, dissertações, teses, artigos e vídeos, físicos e digitais, referências nos estudos da Percepção, Psicologia Ambiental, Avaliação Pós-Ocupação, Paisagem e Morfologia Urbana contribuem a pesquisa e o conjunto de descobertas que viabilizam a escrita deste trabalho.

3.4.1.2 Levantamento de campo

Para realizar a avaliação qualitativa do parque, busca-se na fase de caracterização, identificar elementos materiais e imateriais *in loco*, documentados através de anotações e registros fotográficos do espaço urbano parque, para estruturação da segunda fase da pesquisa. Para o levantamento utilizou-se as plantas baixas fornecidas pela Prefeitura de Porto Alegre/Smoi as quais embasaram a avaliação do local.

O levantamento de campo contribuiu para a caracterização do objeto de estudo, análise da morfologia urbana do parque e entorno, exposta no capítulo 4.2. Através da avaliação do local em visitas exploratórias e captação de fotografias. É importante salientar que para discorrer sobre a morfologia urbana, utiliza-se a contribuição do livro *Análise Urbana* (Panerai, 2006).

3.4.1.3 Levantamento fotográfico

Neste trabalho, utiliza-se o registro fotográfico para captar a realidade e armazenar o momento na etapa da observação do ambiente construído, o que possibilita rever o instante, a ação realizada no objeto de estudo. As fotografias complementam as representações gráficas e as observações elas vinculadas aos dois instrumentos avaliativos de coleta: passeio *walkthrough* e *mapa comportamental*.

3.4.1.4 Entrevista específicas

Na fase inicial da pesquisa foi necessário levantar dados acerca do projeto da orla junto a Prefeitura de Porto Alegre, alguns citados no levantamento histórico documental e outros diretamente com técnicos como o arquiteto Marcelo Allet, coordenador do GT Orla (1990 a 2014). Allet elaborou as diretrizes para habilitação do Parque Urbano da Orla em entrevista concedida em março de 2022. O arquiteto Oscar Coelho, encarregado do assunto orla na época, viabilizou o fornecimento de informações e plantas do projeto em maio de 2022.

3.4.2 Passeio Walkthrough

Inicialmente é importante salientar que Passeio *Walkthrough* nasce a partir do método *walkthrough*, instrumentos que se apresentam para a elaboração de uma APO. Essa metodologia é originária da Psicologia Ambiental, foi criada por Kevin Lynch e pode ser definida como um percurso não dialogado (neste caso) complementado por fotografias, croquis gerais e gravação de áudio e de vídeo. Esse método de observação possibilita uma familiarização dos pesquisadores com o ambiente e a identificação descritiva dos aspectos negativos e positivos dos ambientes analisados (Rheingantz *et al.*, 2009).

O Passeio *Walkthrough* é a modalidade mais utilizada nas Avaliações Pós-Ocupação, pois permite uma amostragem efetiva, ao identificar as principais qualidades e defeitos de um determinado ambiente e do seu uso. É indicada como a mais adequada para uma avaliação dos espaços públicos, além de poder ser efetuado por um único pesquisador, que observa e anota os resultados das observações em uma planta baixa, além de fotografar os elementos identificados. Considera as experiências e emoções vivenciadas pelos usuários e/ou pesquisadores como

instrumentos de medição e de identificação da qualidade dos ambientes (Rheingantz et al., 2009).

Durante a primeira fase da pesquisa o passeio *walkthrough* contribuiu para avaliação do local, permitindo um conhecimento preliminar do parque, as formas de ocupação, uso, comportamentos e áreas mais utilizadas. Bem como horários indicativos para as coletas prévias e também o método para definir as diretrizes das coletas oficiais. Na segunda fase, onde houve 12 (doze coletas), 33% delas foram executadas através de passeio *walkthrough*, cujo método pretende edificar o *sentido* na abordagem, quando permite avaliar a coerência das áreas determinadas para as coletas do parque em relação a ocupação e uso.

3.4.3 Mapa comportamental

O instrumento utilizado na APO, também originário da Psicologia Ambiental, chamado Mapa Comportamental, é o registro gráfico concebido a partir das observações relacionadas com as atividades dos usuários em um determinado ambiente. É empregado para identificação de usos, fluxos, relações, interações, movimentos e distribuições das pessoas no espaço analisado, permitindo uma amostragem de forma mais efetiva. Os objetivos desse instrumento são: criação de um registro das atividades e da localização das pessoas num determinado ambiente, utilizando mapas ou gráficos; ilustração do espaço e do tempo de permanência dos indivíduos, seu comportamento. Enfim, a verificação de congruência do ambiente planejado ao efetivamente existente (Rheingantz et al, 2009).

Como contribuição à pesquisa, o mapa comportamental é um documento empírico que corresponde à representação gráfica das localizações e comportamento das pessoas no espaço, possibilitando a análise crítica dessas atividades, comparando-as com as planejadas para o local no projeto. Sendo uma técnica de pesquisa que explora a associação entre fenômenos comportamentais e o ambiente em que ocorrem (Pinheiro; Elali; Fernandes, 2008).

Para os autores acima, o mapa comportamental baseia-se na observação naturalística do ambiente, gerando uma representação gráfica da ocupação humana em uma determinada área, relacionando espaço físico, limitado e dividido em seções, e comportamento dos usuários – próprio dos estudos pessoa-ambiente e comportamento. Combinados com conceitos de comportamento socioespacial

humano para entender a ocupação, os padrões de uso dos espaços e apego adugar (Pinheiro; Elali; Fernandes, 2008).

O mapa comportamental pode ser utilizado em duas modalidades: Centrado no Lugar e Centrado no Usuário. Como a própria nomenclatura traz, pode ser focado no lugar ou na pessoa, partindo da observação deles, permite coletar dados acerca do comportamento. Para avaliar o Parque Jaime Lerner e alcançar os objetivos propostos será utilizado o mapa comportamental centrado no lugar, pois pretende-se coletar dados referentes à ocupação, uso e apropriação do parque.

Mapa Comportamental Centrado no Lugar: O estudo focado no ambiente, oferece a possibilidade de o pesquisador ficar parado em um ou mais pontos estratégicos (utilizado em lugares amplos e com muitas pessoas, sendo mais fácil de se misturar e não ser percebido), registrando todos os movimentos, atividades e comportamentos em detalhes para atender o objetivo da pesquisa (Rheingantz et al, 2009). Nesta modalidade os dados coletados são traduzidos em representações gráficas nas quais os diversos tipos de comportamento dos usuários são relacionados a seções específicas do espaço (Pinheiro; Elali; Fernandes *et al.*, 2008).

A partir de coletas-piloto documentadas na qualificação, logo após estabelecidas as três áreas de coletas, foram atribuídos locais, pontos focais para colher informações relevantes (ver no capítulo 4). O mapa comportamental centrado no lugar aplicado nestes pontos do parque pretende avaliar o *impacto* da obra e o comportamento dos usuários em relação à ocupação, uso e apropriação do local.

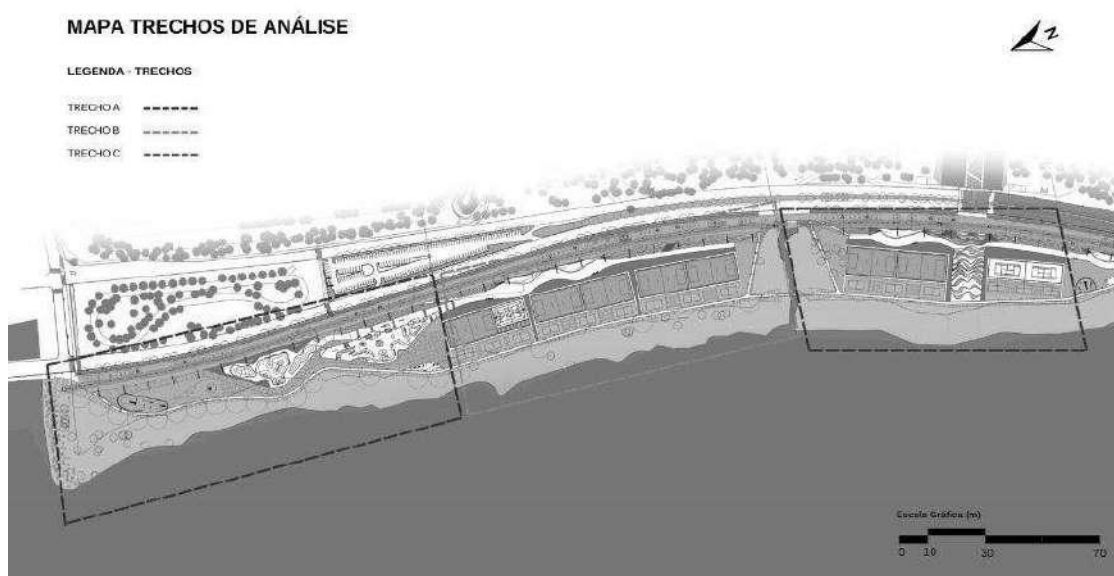
Para registro dos dados obtidos nas observações, criou-se um *formulário* com a planta baixa do local e campo para preenchimento de dados relevantes, a qual está disponível no apêndice do trabalho. Após o preenchimento, os dados organizados primeiro no quadro de informações, servem de base para a confecção de mapas comportamentais. A partir do cruzamento dos comportamentos observados, forma-se um único mapa-síntese do parque em cada período apreciado, contendo a localização dos setores e densidade de uso. A fim de propor um conhecimento acerca da interação pessoa-ambiente no parque (Rheingantz *et al.*, 2009).

Abaixo apresenta-se as três seções, cuja base (croqui) é gerada a partir das plantas fornecidas pela prefeitura de Porto Alegre (Smoi), onde está sinalizado os pontos de coletas:

3.4.3.1 As seções

O parque tem 1.6km de extensão. Para viabilizar a investigação estabelecemos cortes, formando três seções onde cada uma compõe um trecho para coleta de dados *in loco*, conforme o mapa abaixo:

Figura 5 – Trechos de análises



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2023.

3.4.3.2 As coletas

O cronograma de coletas *in loco* no parque foi estabelecido a partir de coletas-pilotos na fase inicial desta investigação, cujo período seria entre agosto e outubro de 2023, porém os meses de setembro e novembro do corrente ano foram marcados por grandes precipitações. Assim, atingiram e superaram os limites do nível das águas do Rio Guaíba, ocasionando a inundação da área revitalizada da orla, incluindo o trecho 3.

Figura 6 – Inundação na orla – trecho 3



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Por conta desses episódios, as coletas foram realizadas em três blocos, o primeiro no mês de agosto, o segundo no mês de outubro e o terceiro no mês de dezembro. Portanto parte no inverno, parte na primavera e a poucos dias do verão.

Tabela 3.1– Cronograma de Coletas

BLOCO	MÉTODO	OBS.	
1	WALKTROUGH		
AGO / OUT	WALKTROUGH		
	WALKTROUGH		
	WALKTROUGH	*pós-inundação	
2	OBSERVAÇÃO (MC)		
OUTUBRO	OBSERVAÇÃO (MC)		
	OBSERVAÇÃO (MC)		
	OBSERVAÇÃO (MC)		
3	OBSERVAÇÃO (MC)		
DEZEMBRO	OBSERVAÇÃO (MC)		
	OBSERVAÇÃO (MC)		
	OBSERVAÇÃO (MC)		

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

O primeiro bloco dedica-se a quatro coletas no formato passeio *walkthrough*. O segundo e terceiro bloco dedicam-se às observações que compõem o *mapa comportamental*, conforme tabela (4.1) no capítulo 4.

3.5 INTEGRAÇÃO DOS MÉTODOS

Após apresentados os métodos e técnicas que serão utilizadas na pesquisa de natureza qualitativa, cabe salientar que se adota a abordagem multimétodos a fim de equilibrar as limitações e potencialidades de cada método, visando complementar e aferir, para atingir os objetivos (Günther *et al.*, 2008).

Para tal, utiliza-se para a APO, a integração dos métodos avaliativos: O **passeio *walkthrough*** (observação caminhada) para identificar os aspectos positivos e negativos, ou sentido quando relacionada ao projeto, nas áreas pré-estabelecidas do parque. Durante o percurso a pesquisadora explora e percebe o espaço urbano, fazendo registros nos croquis das seções, agregadas a *registros fotográficos* que documentam as informações detectadas durante a experiência (Rheingantz *et al.*, 2009). O **mapeamento comportamental** é gerado a partir das *observações pontuais*, levando em consideração o número de usuários, em determinadas áreas de uso do parque. Para além, avalia o comportamento, e sua compatibilidade com os locais projetados, buscando analisar e compreender a forma de apropriação do parque nos seus dois primeiros anos (Pinheiro; Elali; Fernandes, 2008).

A investigação conta ainda com o **Levantamento Físico Territorial** oferecendo suporte com documentos, mapas, entrevistas e imagens, do caso estudado. Dessa forma, utilizando uma lógica que prevê uma pesquisa histórica, uma análise do projeto contemporâneo, um levantamento da situação existente, e considerações coletadas nas visitas exploratórias.

A integração dos métodos avaliativos e levantamentos possibilita a complementaridade das informações do estudo, onde métodos descritivos e qualitativos amplia e aprofunda a análise do fenômeno. Bem como a dinâmica ocupacional do local, obtendo uma perspectiva ampla assegurando uma importante convergência informacional sobre o ambiente em questão (Günther *et al.*, 2008).

Lembrando que a formatação desta metodologia leva em consideração coletas-piloto *in loco*, que ofereceram subsídios para desenhar as seções, em datas e horários convenientes de coleta, inclusive a exclusão de entrevista. Assim, sendo uma das limitações a necessidade de entrevistar um número elevado de pessoas para obter um bom retrato do objetivo de pesquisa. Pois considera-se o tamanho do parque, os diferentes horários e datas de fluxo, e o número de áreas utilizadas, já experimentadas nos ensaios e apresentadas na qualificação.

3.6 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados qualitativos levantados através dos métodos, com finalidade de descrever, interpretar e explicar os dados obtidos com os levantamentos, observações e mapas comportamentais, **serão examinados através da descrição e interpretação dos dados resultantes**. Além de viabilizar a obtenção de elementos significativos do ambiente construído.

Integrado aos métodos avaliativos como o passeio *Walkthrough* que capta informações e atitudes, comportamentos, relações, e uso do ambiente analisado, sob a forma de descrição das percepção da pesquisadora. Agregando ao levantamento fotográfico, e o mapa comportamental centrado no lugar desenhado a partir do registro nas plantas confeccionadas para cada trecho a ser observado. Onde são demarcados cada ponto estratégico de observação, assinalando todos os movimentos, atividades e comportamentos em detalhes para atender o objetivo da pesquisa, confecciona-se um quadro com os resultados para análise.

Enfim,confrontarasváriasfacesedinâmicadoambienteconstruídopara
compreender o impacto da arquitetura (RPA) na obra que revitaliza o trecho 3 da orla.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

Este capítulo apresenta os resultados obtidos a partir da análise dos dados resultantes da aplicação de diferentes métodos. Amparados pelo referencial teórico acerca da investigação do objeto e o contexto atual frente à revitalização da borda da cidade.

Na busca de uma resposta ao problema sugerido, esta investigação se propôs a levantar dados, observar e descrever como os indivíduos ocupam, usam e se apropriam do espaço revitalizado recentemente na borda da cidade. Dessa forma, que o entendimento sobre o impacto da revitalização do espaço público possa impulsionar outras obras semelhantes e o entendimento da percepção ambiental, a partir da avaliação pós ocupação sobre esta área da cidade.

Com base neste objetivo geral, considerando a compreensão do espaço como um todo, porém abrangendo aspectos históricos, morfológicos e fenomenológicos, os resultados estão organizados em quatro itens, os quais correspondem aos objetivos específicos desta dissertação (item 1.2.2). Sendo eles:

- **Objetivo específico 1:** Qualificar o local a partir da evolução, histórico, físico e morfológico a fim de caracterizar o caso em sua complexidade e especificidade, incluindo as diretrizes estabelecidas para a revitalização e o projeto em si.
- **Objetivo específico 2:** Identificar a ocupação e o uso do parque segundo a temporalidade da semana e dos períodos de inverno e primavera;
- **Objetivo específico 3:** Observar o comportamento das pessoas no parque, no âmbito geral e nas zonas projetadas para abrigar os diversos usos do espaço do parque, identificando se há uma correspondência entre os usos planejados e os efetivados;
- **Objetivo específico 4:** Compreender como se dá a apropriação do parque, a partir dos novos usos, incorporados no cotidiano do local na cidade.

Assim, obter conclusões acerca do parque no que concerne a **origem** e o **sentido** para a cidade. Quando avaliamos as formas de ocupação e o uso, e ainda o

impacto quando descrevemos o comportamento e a apropriação do parque pelos usuários.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO CASO

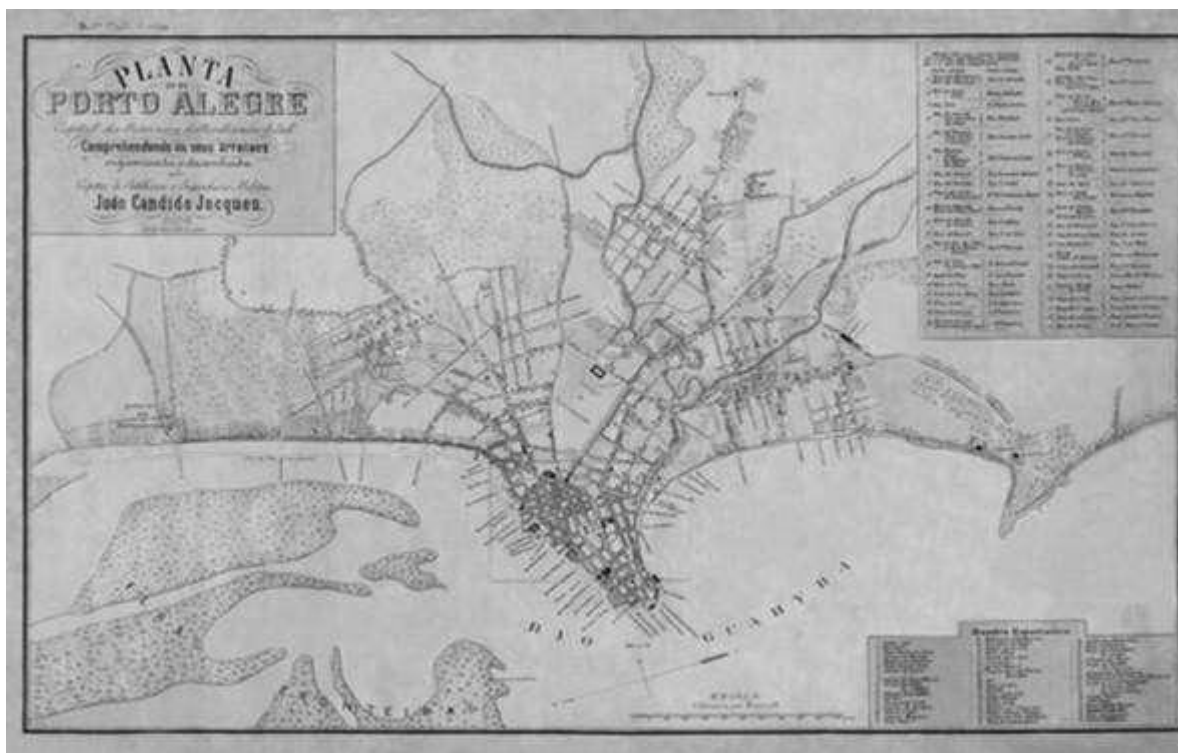
Este item expõe os achados e resultados que correspondem ao *objetivo específico 1*, o qual corresponde a qualificação do local a partir da *evolução territorial, morfologia, a habilitação da orla e o projeto de revitalização*. Para tal, apresentaremos um breve histórico e evolução do local, os aterros, a orla consolidada, a configuração (parque), o processo de revitalização desta borda desde o plano inicial, a habilitação da orla, a promotora do investimento (a copa do mundo de 2014) a caracterização do trecho III (objeto) e o projeto em si assinado por Jaime Lerner (os recursos e a entrega). Além dos desígnios e a morfologia acerca do projeto executado.

4.2.1 Breve histórico e evolução do local

A cidade de Porto Alegre, nasce a partir da península à beira de um lago/rio, que se tornou o coração da cidade, cuja sua história está associada à sua geografia.

O perímetro da cidade contida primeiramente próximo da “ponta” onde atualmente se encontra o marco da Usina do Gasômetro, com o tempo houve um espraiamento do tecido urbano e a cidade que era compacta, cresce. O núcleo antigo, tem suas continuidades mais recentes, que vão acumulando camadas a partir do sítio originário, constituindo imagem e semelhança da organização de poder ao longo dos tempos, ou seja, a cidade como projeção, no solo, das relações sociais, conforme os conceitos de Lefebvre (1966).

Figura7– Planta de Porto Alegre João C.Jacques,1888.



Fonte: CD – IHGRS, 2010.

Na imagem os arraiais, demarcados pelas capilaridades ou vias que numa semelhança com os dedos das mãos, levaram a cidade se desenvolver. Assim como os aterros anexados ao rio, extrapolando os limites, avançando até os dias de hoje com a demarcação do sítio objeto deste estudo, origem do núcleo histórico de Porto Alegre.

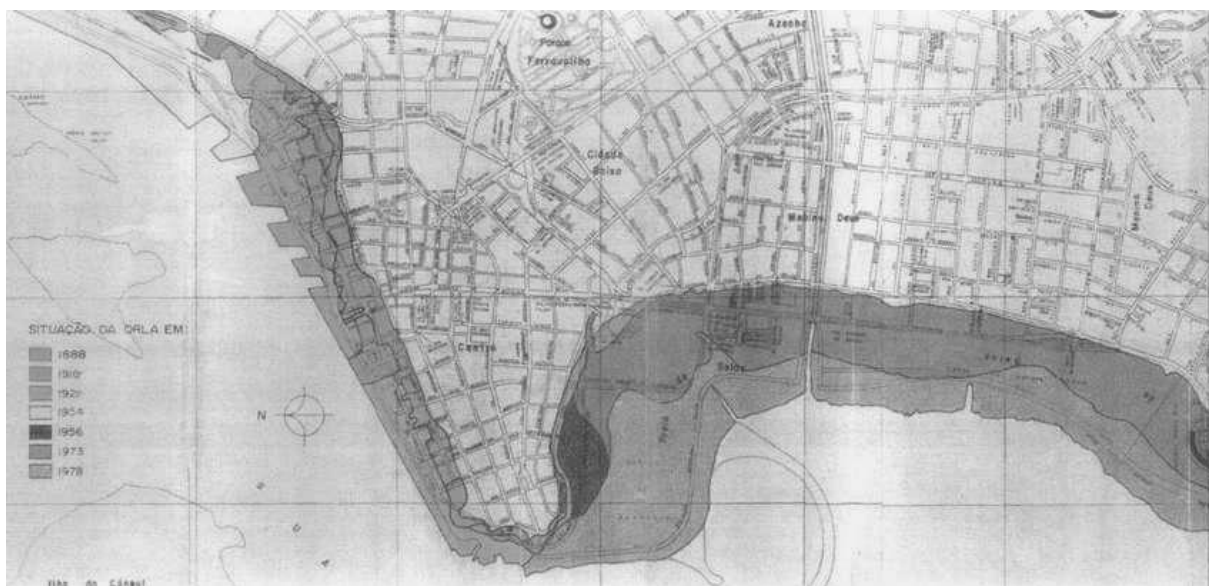
Nas décadas de 30 e 40, com a consolidação da Avenida Borges de Medeiros, as barreiras físicas que separavam ambas as margens foram superadas e diversos projetos de urbanização para a área passaram a ser apresentados. Porém não plenamente implantados, entre eles, o projeto para o Bairro de Praia de Belas, de 1953. Já em 1958 parte da área do aterro foi transferida para o Município de Porto Alegre, conforme consta transcrito no livro de registros do Registro de Imóveis da 2ª Zona.

Cita Bohrer (2001) sobre a localização da cidade:

A localização geográfica de Porto Alegre em uma estreita península, com um espigão central, que avança em direção a um lago onde desaguam cinco rios - escoador da área produtiva ao norte do Rio Grande do Sul - colocou a cidade como centro de toda a região econômica do Estado (Bohrer, 2001, p. 59).

Em vários períodos de desenvolvimento foram elaborados estudos de remodelação da cidade. A área da Praia de Belas onde se insere o objeto de estudo, foi um dos principais focos de redesenho, o qual recebeu e consolidou um aterro na década de 70.

Figura 8 – Evolução dos aterros



Fonte: Secretaria de Planejamento Municipal - PMPA, 1986.

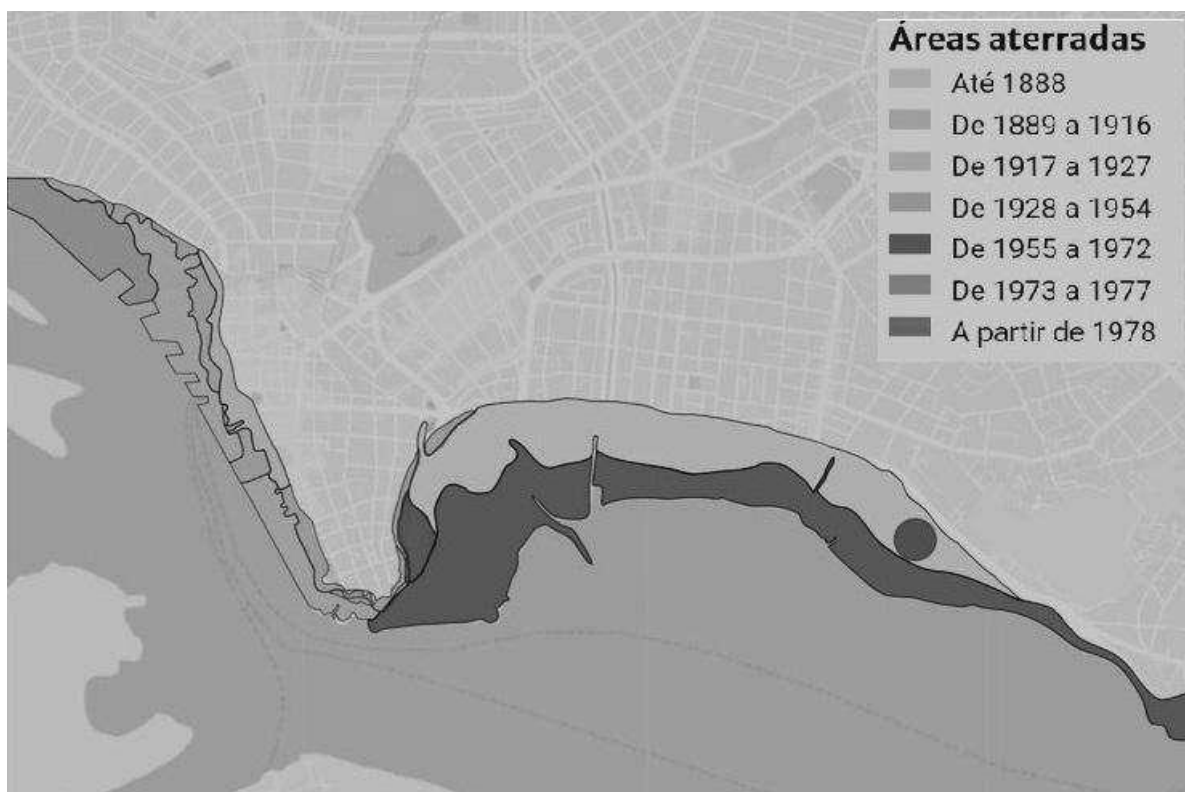
O posicionamento estratégico na malha urbana de Porto Alegre, observada desde seu histórico, reforça a importância da borda da cidade como ponto atrator de pessoas e desenvolvimento do lugar até os dias atuais. Assim, motivando o processo de revitalização (Bohrer, 2001).

Na *caracterização do caso* (capítulo 4.2), insere-se outras informações pertinentes que fazem referência ao histórico e evolução do local. Inclui-se menções que servem como embasamento para conceituar, explorar e caracterizar a obra de revitalização e a pesquisa como um todo.

4.2.2 Os aterros

A cidade surge à beira do Rio Guaíba. Com o passar dos anos, ocorre um espraiamento do tecido urbano a partir de aterros anexados, ampliando sua margem (Figura 9).

Figura9– Os aterros



Fonte: Zero Hora, 2019.

A orla do Guaíba, por sua vez, em todos os seus trechos, está profundamente ligada com a origem cidade de Porto Alegre, que surgiu junto ao rio e graças a ele se estabeleceu como cidade portuária. No entanto, a região acabou abandonada com o tempo por falta de manutenção, sendo mais visitada apenas nas proximidades da Usina do Gasômetro.

Quando se trata do território, vale citar que vários planos transformaram a morfologia urbana no entorno da orla e na área do parque propriamente dito. Foram esses planos que lapidaram ao longo dos tempos a borda da cidade, incluindo o Bairro Praia de Belas e o vizinho da orla atual, o Parque Marinha do Brasil (Bohrer, 2001). Conforme a figura abaixo:

Figura 10 - Aterro Praia de Belas



Fonte: Revista Vitruvius, 2011.

O aterro Praia de Belas é origem da ampliação de parte da borda da cidade, como citado em dissertação por Bohrer (2001, p. 60):

As facilidades de acesso rodoviário com o norte do Estado agregadas com as boas condições de navegabilidade do lago...ratificaram-na com o eixo natural de expansão da atividade comercial da cidade, o que induziu à necessidade de conquistar áreas do Guaíba.

A partir da primeira década do século XX sucederam-se vários estudos urbanísticos e planos de conjunto. Tendo em vista tratar-se do aterro Praia de Belas, realizam-se estudos específicos da urbanização deste setor, tais como o *Estudo Urbanístico da Região da Praia de Belas* de Edvaldo Pereira Paiva, de 1951, o *Projeto Definitivo para a Urbanização da Praia de Belas*, de 1955, o chamado *Novo Projeto Praia de Belas*, de 1961, alterado em 1970 e, por último, o projeto implantado, em parte do aterro Praia de Belas, e o Parque Marinha do Brasil (Bohrer, 2001).

É pertinente para este trabalho trazer o desenvolvimento da margem sul, onde a Lei nº 2046/59 que instituiu o primeiro Plano Diretor de Porto Alegre, incorporou o plano definitivo da Praia de Belas. No mesmo ano é aprovada pela Câmara Municipal

a Lei nº 1966 que disciplina as construções na zona residencial da área aterrada (figura 8) (Bohrer, 2001).

Segundo Bohrer, o ponto focal do projeto definitivo da Praia de Belas é o centro esportivo na beira do Rio Guaíba. Pois era onde as áreas destinadas a parques na borda da área aterrada da enseada Praia de Belas eram idealizadas, em primeira instância, como formas de sanear e higienizar o lugar.

Com a cidade moderna, o parque urbano, dentro da cidade ou em orla, adquire as funções de espaço de lazer ao ar livre, como caminhar, praticar esportes e se encontrar. O parque passa a ser o principal local de interação social da cidade moderna (Bohrer, 2001, p. 99).

A partir de 1964, com a implementação da ditadura, o processo desenvolvimentista começa a falir, e os grandes projetos em todo o Brasil, cedem lugar aos projetos parciais gerenciados pelos municípios. Tais projetos iniciam um processo descaracterizado da identidade dos lugares, claramente identificado na orla da Praia de Belas. O centro histórico sofria profunda fragmentação, o porto e a margem norte da península perdem importância e vitalidade, e a margem sul não se estrutura como um lugar de legibilidade reconhecida no contexto da cidade. (Bohrer, 2001).

4.2.3 A Orla

Antes de discorrer sobre a Orla do Guaíba, é importante fazer referência a um trecho do Projeto Orla, que mesmo em andamento, subsidiou o GT Orla na definição de diretrizes para a revitalização da orla de Porto Alegre, conforme descrito no capítulo 4.1.6. O plano de revitalização da orla.

Segundo o Tagp (Termo de Adesão à Gestão de Praias inserido no Projeto Orla) considerando a complexidade das orlas e praias, possibilita-se o compartilhamento da gestão de orlas com os municípios. Os quais devem promover adequado ordenamento territorial, mediante planejamento e controle do uso, do parcelamento e da ocupação do solo urbano. Pois, está mais próximo à realidade local, em condições de fiscalizar mais prontamente eventuais irregularidades e melhor atender aos anseios da população. Incluídos o uso dos espaços e de recursos naturais na orla, já que são regidos por um arcabouço legislativo bem definido o qual deve

contribuir para organização de um ambiente econômico que visa ao desenvolvimento de todas suas potencialidades, com geração de benefícios para a sociedade (Brasil, 2022).⁴

A partir do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (Pddua) 1999, art.81, caracteriza o espaço orla pelo enfoque ambiental no planejamento urbano. Nos artigos relativos às áreas de revitalização, dizem respeito “aos setores urbanos que pelo seu significativo patrimônio ambiental ou pela relevância para a cidade, devam ter tratamento diferenciado a fim de valorizar suas peculiaridades, características e inter-relações” (Soares *et al.*, 2021).

O local relevante para a cidade, orla originária da capital que ao longo dos anos recebeu aterros, modificou o território. Dessa forma, promoveu o afastamento da cidade do seu bem natural mais precioso, o Rio Guaíba. Assim, fragilizando as articulações e a inter-relação entre as pessoas e o rio.

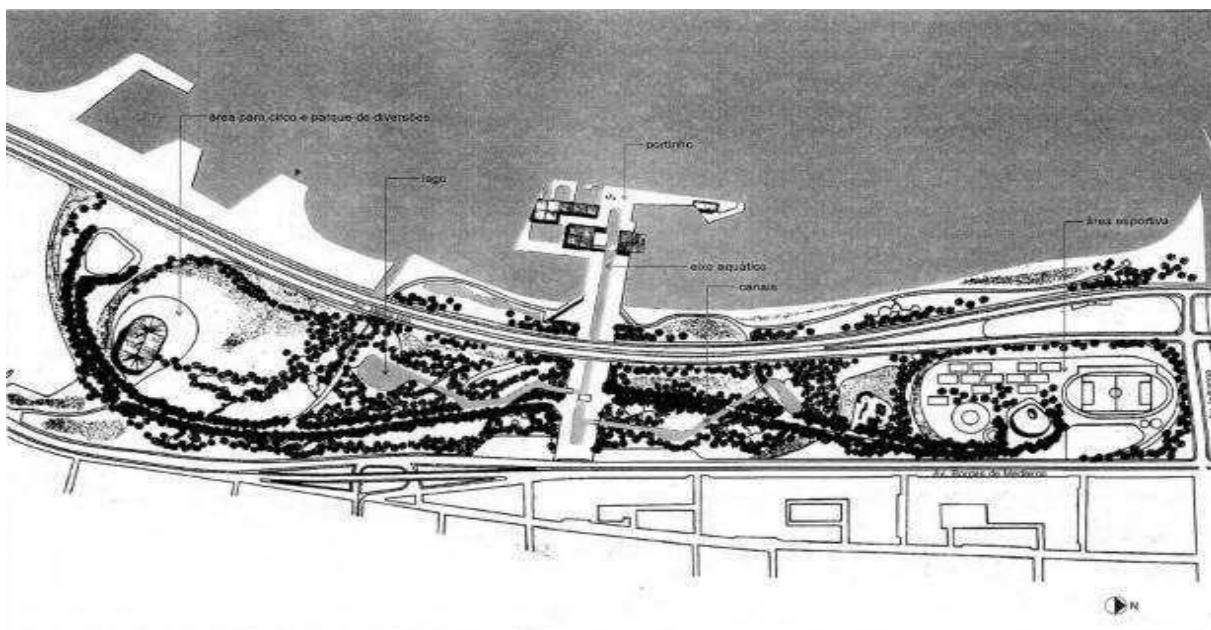
O presente trabalho considera o recorte do trecho consolidado pelo aterro na década de 70, no qual a área esteve praticamente abandonada desde então. A possibilidade de revitalização da área traz consigo a retratação e constituição de potencialidades no que concerne à relação das pessoas com o ambiente público. Considerando que os espaços livres públicos proporcionam vivências individuais e coletivas ajudando a caracterizar o território (Macedo; Sakata, 2010).

4.2.4 Os Parques

Dentro desse contexto de projetos parciais, permanece a proposta de dois parques públicos, um deles o que hoje é o Parque Harmonia, e o segundo de forma longitudinal e paralelo à Av. Borges de Medeiros. Foi motivo de concurso público, no qual a proposta vencedora marcava enfaticamente a posse do Rio Guaíba pelo cidadão porto-alegrense. Era idealizada a concepção de um projeto de parque na orla da Praia de Belas na década de 70, e a oportunidade de projetar um vínculo entre a cidade e o lago, restaurando um convívio harmonioso entre eles. Em primeiro lugar venceu a proposta da equipe dos Arquitetos Ivan Mizoguchi e Rogério Malinsky para conceber o **Parque Marinha do Brasil** (Bohrer, 2001).

⁴ O TAGP é um projeto a nível nacional.

Figura 11 – Projeto Parque Marinha do Brasil.



Fonte: Acervo Revista Projeto, 2020.

O projeto se define pelo uso de dois grandes eixos disciplinadores: um eixo verde densamente arborizado que se desenvolve no sentido longitudinal da Av. Borges de Medeiros, e o eixo aquático perpendicularmente ao eixo verde na porção central do Parque. Na extensão da prevista praça aquática – surgiria o "Portinho" - que o projeto responde com propriedade e ousadia à diretriz de criar um elo do parque com o Lago Guaíba. Destaca-se no projeto a qualidade urbanística da concepção, ao restaurar de forma enfática a ligação entre a cidade e seu lago (Bohrer, 2001).

A proposta do "Portinho" é uma centralidade de força contundente no cenário da cidade e de seu lago, com grande potencialidade de resgatar o convívio da população com o Guaíba. No entanto, com sérios problemas de acessibilidade, segurança e utilização no inverno, quando os ventos "castigam" esta parte da cidade. A sua concretização pressupõe adaptações do projeto original e o detalhamento de soluções técnicas possíveis. Logo, a decisão de não implantar o "Portinho" descaracterizou o projeto em um de seus aspectos vitais, prejudicando e postergando a retomada do vínculo da cidade com o Guaíba. Observa-se na Fig. 10 o tratamento na borda junto ao Portinho, área onde hoje é o Parque Jaime Lerner, que não foi executado, ficando abandonada até a construção do parque atual, como mostra a Fig. 12.

Figura 12– Área de aterro onde hoje é o parque.



Fonte: Jefferson Bernardes - PMPA, 2019.

Em 1978, foram feitos os últimos aterros, que incluíram o dique de proteção contra enchentes, sobre o qual se construiria mais tarde a Av. Beira Rio. O último avanço sobre as águas, acrescentou 460 hectares ao mapa da cidade, preenchendo espaço até a Ponta do Melo, onde ficava o antigo Estaleiro Só (Bohrer, 2001). A área parcialmente arborizada entre as águas do Rio e a Avenida (Figura 12) esteve abandonada até 2019, dando lugar ao Parque Jaime Lerner.

4.2.5 A revitalização

Após outros projetos sem avanços como tentativas isoladas de revitalização, em 1999 o Plano Diretor de Porto Alegre (LC n°4341/99) dá uma ênfase ao espaço de orla - Área Marginal Norte e Área Marginal Sul. Estas são propostas como Áreas Especiais em extensão da área central destacando-as no conjunto dos projetos estratégicos (Allet, 2019).

Sendo assim, a orla da Praia de Belas insere-se integralmente na classificação citada acima pelo Pddua de 1999. A justificativa da proposta é convincente quando aponta para a concentração significativa de recursos paisagísticos, de lazer e turismo das margens do Guaíba. Soma-se a este contexto a presença de centralidades já

consolidadas nas proximidades, o caso da Usina do Gasômetro, do Shopping Praia de Belas e do Parque Marinha do Brasil (Allet, 2019).

A integração de novas centralidades, centros de animação multifuncionais, na orla da Praia de Belas, com a revitalização da área central, permitiriam reverter a tendência monofuncional existente na área e *recuperar a tão necessária relação dos habitantes da cidade com o Guaíba*. Os novos instrumentos de planejamento previstos para as Áreas Especiais, tais como as Diretrizes Urbanísticas, os Estudos Preliminares Urbanísticos, os Projetos Urbanísticos Específicos e os Planos Gerais de Diretrizes e Planos de Manejo permitem e incentivam intervenções urbanísticas de caráter mais amplo na orla da Praia de Belas. Já que poderiam resgatar a tão necessária unicidade deste espaço de borda da cidade de Porto Alegre (Allet, 2019).

4.2.6 O Plano de revitalização da Orla

Em entrevista o arquiteto Marcelo Allet, coordenador do grupo de trabalho da Orla (GT Orla) na extinta Secretaria de Planejamento Municipal, no período de 1990 a 2014, situa o desenrolar do processo. Com o objetivo de definir parâmetros que conduziram ao desenvolvimento integrado da preservação e qualificação dos espaços públicos da orla do Guaíba. O estudo define como área de abrangência o território desde a foz do rio Gravataí, ao norte, até a Praia do Lami, ao sul, deixando de ser apenas a península. Inclui-se toda a orla de seu contexto paisagístico, que culmina com as execuções dos trechos entregues, inclusive o objeto desta pesquisa.

A borda da cidade de Porto Alegre é produto de um aterro que sob o ponto de vista urbano e do imaginário social, não estava habilitado para que a população vivenciasse o rio, o que a municipalidade através do grupo de trabalho buscava promover: *“...uma vivência mais intensa da geografia da cidade que é composta por água, possibilitando a interação do público com a Orla”* (Allet, 2022).

No trabalho de Bohrer (2001) encontram-se vários relatos sobre projetos urbanísticos referenciando uma atitude que se repete: “virar-se de costa para o rio”. Assim, citada e comprovada em sua pesquisa: “Porto Alegre chega ao século XXI com uma dívida histórica: valorizar e reintegrar ao cotidiano da vida urbana o seu locus de origem” (Bohrer, 2001, p. 165). A mesma atitude é sugerida no novo plano de

habilitação da orla, no local, a pretensão é uma apropriação espoliativa e mais do que propriamente um desejo de relacionamento da cidade com o rio.

Figura 13 – Orla - Conexão entre o rio e a cidade



Fonte: GT ORLA - LEURB - UFRGS, 2018.

O estudo "Orla Porto Alegre" tem como escopo elaborar diretrizes de uso e ocupação do solo para os espaços de orla. Pretende-se potencializar toda a borda da cidade para obter um aproveitamento turístico, entre outras formas de utilização. Isto é, considerada esta perspectiva, o estímulo ao adequado aproveitamento turístico dos espaços da orla pode significar num futuro não muito distante, a diversificação dos espaços de lazer da vida da população junto ao rio. Ademais, a reintegração definitiva do Guaíba ao cotidiano da vida urbana. Assim, por conta do interesse na manutenção da atividade econômica então implantada, a preservação ambiental do novo sistema de espaços públicos (Allet, 2019).

A proposta ampara-se nas novas definições e instrumentos do Plano Diretor-Pddua - segundo o artigo 83 da LC. 434 de 1 de dezembro de 1999: Art. 83: Ficam identificadas, entre outras, as seguintes Áreas de Revitalização: III – A Orla do Guaíba, deverá ser objeto de planos e projetos específicos a fim de integrar a cidade com o seu lago através da valorização da paisagem e visuais urbanos, exploração do potencial turístico e de lazer e o livre acesso da população. A definição exposta neste artigo dá origem ao plano que habilita o projeto de revitalização do trecho 3 (Allet, 2019).

Apartir do Congresso da Cidade no final da década de 90, observando as definições do Pddua citadas acima, a problemática que tangencia as áreas costeiras, no Plano da Orla, identificou as características e vocações urbanísticas dos 75 kms. Assim, foram divididos em 19 setores neste levantamento, identificados com atribuições. Dessa forma, gerando um documento que recebeu o nome de Diretrizes Gerais de Uso e Ocupação da Orla (Allet, 2019).

O levantamento liderado pela arquiteta Lígia Klein Ebbesen se debruçou sobre o diagnóstico empírico do lugar, com a pretensão de fazer uma releitura espacial da orla. Então, sugerindo as condições urbanísticas do tecido, vocação, com foco na relação água: cidade a fim de consolidar a aproximação dos cidadãos e orla. Respaldados por 4 pontos: *Infraestrutura, Paisagismo, Animação Pública e dispositivos de conexão cidade-parque-água* (Allet, 2019).

Na segunda fase do trabalho, que vai de 2003 a 2009, a partir de análise detalhada do território, se propõe uma releitura espacial, subdivisão em três zonas, orlas norte, central e sul, fundamentado no Relatório Orla. Tem como objetivos principais intensificar as conexões com o tecido urbano e as águas do Guaíba, unificar as centralidades existentes e qualificar a paisagem urbana local. (Figura 14) (Allet, 2022).

Figura 14 – Diretrizes da Orla - conexões com o tecido urbano.



Fonte: GT ORLA - LEURB - UFRGS, 2019.

O relatório organiza categorias a serem contempladas na intervenção, entre elas a infraestrutura básica, instalações de equipamentos de animação pública, tratamento paisagístico e *dispositivos de conexão à cidade – parque – água*. E dentre os resultados graduais esperados, conexão funcional da cidade às suas áreas de orla, paisagem urbana qualificada, percepção e usos unificados (Allet, 2019).

Para a orla sul, a qual se insere o objeto desta pesquisa, o relatório aponta algumas preocupações relativas à tendência de expansão urbana e pressão para preservação ambiental. Como também, a manutenção de caráter bucólico e demanda por demais áreas de orla para *lazer, turismo brando e recreação* (Allet, 2022).

4.2.7 A Copa do Mundo de 2014

Na terceira fase do trabalho, entre 2009 e 2011, Porto Alegre já havia sido escolhida como sede da copa de 2014, uma bela oportunidade de qualificar a orla a partir da perspectiva de um grande evento. Uma estratégia para a integração da orla do Guaíba como um legado da Copa é desenvolvida, com o detalhamento do plano,

as Diretrizes de Desenho Urbano, entregue ao Prefeito José Fortunati, que recebe e passa para a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Fig. 15) (Allet, 2019).

Intervenções consideradas como as mais estratégicas para a reintegração ao Guaíba como um legado da copa

Figura 15 – Diretrizes da Orla – Áreas de intervenções



Fonte: GT ORLA -LEURB - UFRGS, 2018.

Neste mesmo período estão latentes os preparativos para a Copa de 2014, ponto de partida para que os entraves antigos que circundam os planos de revitalização fossem dissolvidos. Os movimentos oportunos alavancam a retirada do projeto do papel e a Orla do Guaíba tem sua revitalização iniciada no trecho I – próximo ao cartão postal da cidade, a Usina do Gasômetro (Allet, 2019).

Na ocasião, segundo o atual arquiteto da Smoi, Oscar Coelho, o arquiteto Jaime Lerner foi contratado pela modalidade de habilitação por "Notório Saber", pela Lei n. 8.666/93. Sem a realização de concurso público, modalidade preferencial de acordo com a legislação federal de licitações, o que causou muita controvérsia na época.

Os projetos de Jaime Lerner, que também assina o Trecho 1 (2015 -2018), trabalha o espaço delicado de ocupação costeira, vulnerável, por ser um ecossistema de transição, sujeito a grandes impactos ambientais. "Está na zona limítrofe entre ocupação humana, poluição e a interface entre geografia e urbanismo", inclusive no trecho 3 (2019 - 2021), diz Allet (2022).

Os Projetos Executivos de Arquitetura e Paisagismo para o Trecho 3 do Parque Urbano da Orla do Guaíba estão inseridos em um contexto amplo de intenções da

Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Nas quais pretende-se oferecer à cidade um conjunto de ideias, propostas, diretrizes e projetos que possam contribuir para a revitalização e reintegração do Guaíba ao cotidiano das práticas sociais dos porto-alegrenses (Allet, 2022).

4.2.8 O trecho 3

O projeto do Trecho 3 é fruto do Plano de Revitalização da Orla, tendo como escopo elaborar diretrizes de uso e ocupação do solo para os espaços de orla, amparado nas novas definições e instrumentos do Plano Diretor aprovado – Pddua de 1999. Relembrando, o parágrafo III deste mesmo artigo identifica a área de orla do Guaíba como objeto de planos e projetos específicos a fim de *"integrar a cidade com o seu lago através da valorização da paisagem e visuais urbanos, explorando o potencial turístico e de lazer e o livre acesso da população"* (LC 434, Art. 83, & III – Porto Alegre, 1999).

Em 2019, a menos de um ano após a entrega do Trecho 1 da orla do Guaíba, o então prefeito da capital Nelson Marchezan Júnior lança o edital na modalidade concorrência para definir a empresa responsável pelas obras do trecho 3 entre a foz do Arroio Dilúvio na avenida Ipiranga até o início do Parque Gigante. Mantém o projeto de Jaime Lerner para o trecho exatamente como foi entregue por ele, em virtude da manutenção de recursos, para acelerar a execução da obra:

"Temos um gigantesco desafio de oferecer espaços públicos com segurança e conforto próximo ao Guaíba. A revitalização de mais este trecho devolve o Guaíba ao cidadão, eleva a autoestima dos porto-alegrenses e atrai pessoas de fora", afirma o prefeito (Freitas, 2019).

Importante lembrar que, no ano de 2009 o detalhamento do plano básico de intervenções para a orla recomenda que se mantenha nesta área específica do parque, equipamentos que contemplam esportes de areia, futebol de campo e espaço multiuso. Dessa forma, *unificando a centralidade esportiva do local e qualificando a paisagem urbana local.*

Quanto a isso, destacamos o próprio autor do projeto, Jaime Lerner. Lerner cita no prólogo o livro de Jan Gehl, Cidade para Pessoas (2013): "Os espaços públicos são essenciais ao bom espaço urbano. A forma como são desenhadas e mantidas

estas salas de estar ao ar livre...é determinante para a vivacidade do cenário citadino” (Ghel, 2013, p. 13).

4.2.9 O projeto

A área de intervenção é de 15,2 hectares (1,6 km) ao longo da orla, espaço público de vocação esportiva desde os primeiros traçados do aterro da Praia de Belas (Fig. 15), o qual conta com 29 quadras esportivas: duas quadras poliesportivas, cinco quadras de futebol de grama sintética, uma quadra de futebol de areia, doze quadras de vôlei de areia e três quadras de beach tênis. Há quatro quadras infantis, sendo duas de concreto e duas de grama sintética. Além de estruturas de apoio à prática de esportes, arquibancadas, pista para caminhada, vestiário, ambiente arborizado e 100% acessível, ciclovia, iluminação em LED, câmeras de monitoramento, estacionamento para 150 veículos. Como também a maior pista de skate da América Latina, certificada pela Confederação Brasileira de Skate, conta com cinco formatos: três verticais (bowl, flow park e skate run) e dois da modalidade street (plaza e flow).

No paisagismo, o gramado soma uma extensão de 28 mil m², e uma seleção de espécies arbóreas, arbustivas e ornamentais. Especificadas a partir dos conceitos que valorizam os atributos do cenário natural e criação de melhores condições para contemplação do rio e do pôr-do-sol, além da preservação da vegetação nativa do parque (Porto Alegre, 2021).

O Parque pode ser acessado por diversas vias que conectam à orla da cidade; a Avenida Edvaldo pereira Paiva (sentido centro-bairro), a avenida Ipiranga, a nova travessia da Orla que liga a avenida Praia de Belas e a avenida Edvaldo Pereira Paiva, a Avenida Edvaldo Pereira Paiva, acessada também no sentido bairro-centro, e a avenida Nestor Ludwig, que tangencia o estádio Beira Rio (Fig. 21).

Com investimento total previsto de R\$57.185.208,29, a prefeitura executou a obra com R\$ 35 milhões provenientes do Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF), R\$ 10 milhões do Fundo Municipal de Iluminação Pública, R\$ 1,4 milhões do Dmae e o restante pago pelo tesouro municipal (Barroso, 2021). A obra teve início em outubro de 2019 e a entrega à população se dá dois anos depois, em outubro de 2021.

Na figura 16 pode-se observar na demarcação o beneficiamento da área até então praticamente abandonada:

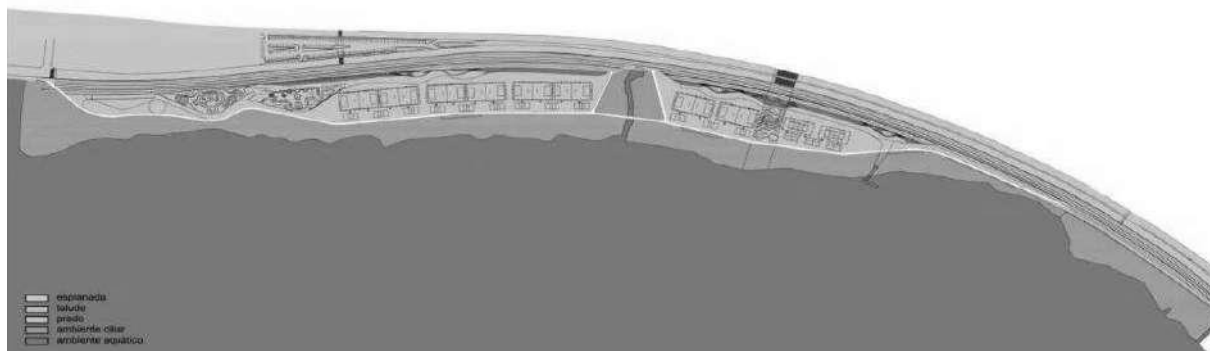
Figura 16 – Memorial Projeto Orla Trecho II.



Fonte: Jaime Lerner Arquitetos, 2019.

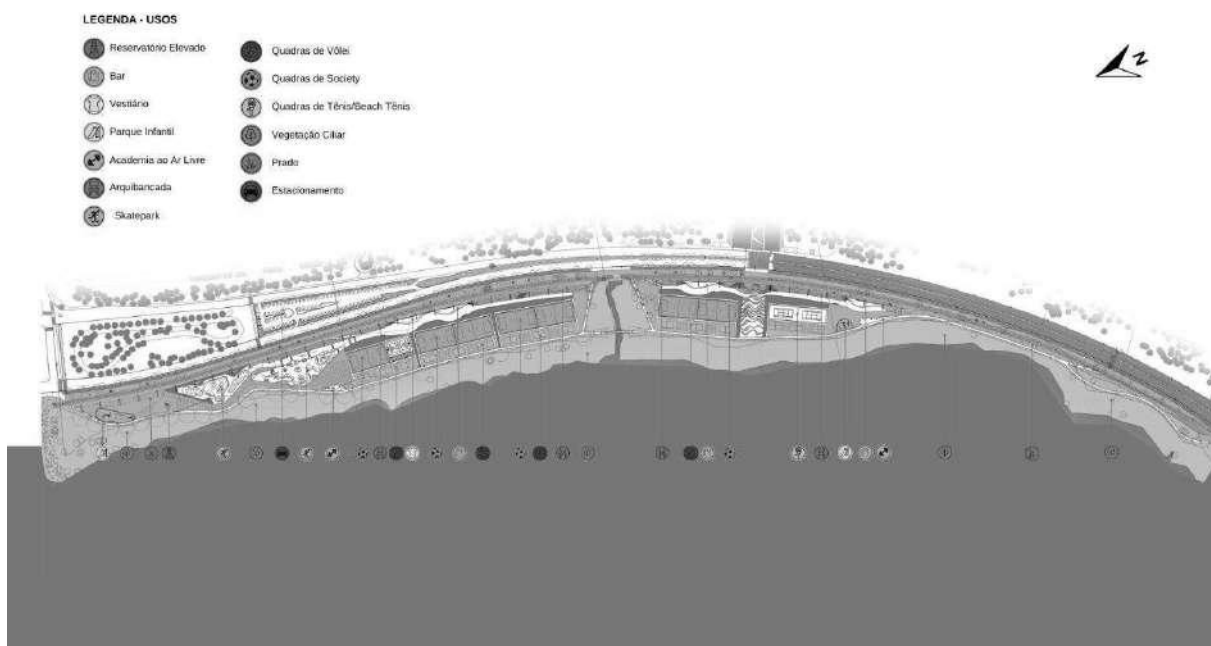
Na figura 17 apresenta-se o projeto de Jaime Lerner que pretende promover a conexão com o tecido urbano existente e o Rio Guaíba. Além de consolidar a vocação esportiva do local:

Figura 17 – Projeto Orla Trecho III.



Fonte: Jaime Lerner Arquitetos, 2019.

Figura 18 – Mapa Geral Orla -TrechoII.



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2023.

4.2.10 Desígnios da obra

Conforme referido anteriormente, desde o final da década de 90 com a realização do Congresso da Cidade, existe a intenção de qualificação ambiental da borda da cidade, a fim de recuperar a tão necessária relação dos habitantes da cidade com o Rio Guaíba. A partir desta premissa, trazer relatos que pretendem objetivar o projeto que revitaliza o trecho da orla em questão, relaciona pontos relevantes a serem observados nesta investigação.

Primeiro, apresenta-se pontos destacados pelo arquiteto Marcelo Allet, responsável pelo grupo de trabalho que elaborou as diretrizes para o projeto de revitalização da orla:

- Reintegrar o Rio Guaíba ao cotidiano da vida urbana;
- Ampliar a relação das pessoas com o Rio Guaíba;
- Elevar a autoestima do usuário, visitante e cidadão;
- Resgatar a unicidade deste espaço de borda;
- Atrair pessoas de fora e de dentro da cidade;

Em seguida, identifica-se alguns conceitos abordados pelo arquiteto Jaime Lerner em entrevistas, já que não se encontram discursos que tratam exclusivamente deste projeto. À plataforma Archdaily, a equipe do escritório Jaime Lerner diz que o Parque Urbano da Orla:

é um projeto de regeneração urbana e ambiental que afetará positivamente a qualidade de vida dos porto-alegrenses. Conectam-se as pessoas, a cultura, a história e a natureza em um círculo virtuoso de valorização (Jaime Lerner Arquitetos Associados, 2021).

Jaime Lerner: quando cita: “Felicidade é pertencer à cidade.”, em entrevista à Gazeta do Povo em 2007, referenciava a relação da edificação com seu entorno, o espaço urbano, chamando a atenção para a sensação de pertencimento. Como um fator também fundamental para que o habitante se sinta feliz na sua relação com o ambiente construído (Romagnolli, 2007).

Quando Lerner é solicitado a falar, na relação da arquitetura e a psicologia, relata que a boa arquitetura se traduz em todas as suas dimensões: na solução física, na atenção aos desejos das pessoas, às quais se destina. Para além, a realização de sonhos e das expectativas dessas pessoas. *“A boa arquitetura se traduz na boa resposta psíquica.”* (Romagnolli, 2007).

Logo, pelas citações, pode-se dizer que conceitualmente Jaime Lerner buscava contemplar as pessoas em seus projetos de espaços públicos. Como quando exalta *a qualidade de vida, o senso de pertencimento, a felicidade, e a boa resposta psíquica.*

Um terceiro depoimento relevante foi encontrado sobre o Trecho 3 da Orla, onde o arquiteto Eber Marzulo em entrevista ao site GZH se manifesta com a proximidade da inauguração do parque. Ele é professor do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pedala praticamente todos os finais de tarde pela rodovia que passa pelo trecho 3 e, compartilha o que percebe em relação ao aproveitamento dessa área de lazer pela população: *“Tenho a sensação de que o perfil de ocupação é bem popular, composto por jovens da Região Metropolitana, observa”* (Chidiac, 2021).

O urbanista elogia a pista de skate, que é bastante requisitada pelos praticantes da modalidade:

“O achado da pista de skate impressiona como é bem-sucedido” (Chidiac, 2021), destaca, observando que o local pode ser usado tanto para a disputa de

competições internacionais quanto pelos skatistas da cidade. E pondera sobre o que precisa ser mantido pela prefeitura para garantir as características atuais do trecho:

— *A produção de espaços de uso público e coletivo não pode ter nenhum grau de segregação, seja pelo acesso, seja pelo consumo*, diz, salientando que o vendedor ambulante precisa ocupar seu lugar, assim como os demais personagens que compõem o espaço público (Chidiac, 2021).

Para finalizar a caracterização do caso, analisar a paisagem urbana se faz necessária para refinar o olhar e levantar dados em relação à morfologia do local. Para tal, utiliza-se o livro *“Análise Urbana”* de Philippe Panerai (2006) descrito no próximo item.

4.2.11 A morfologia urbana

Em Porto Alegre, desde seus primórdios, surge a lógica do caminho: urbanização em forma de dedos, pontuadas por pontos-chaves, o vínculo da estrada e a urbanização, onde o caminho conduz de um ponto a outro, de uma cidade a outra. Esta relação organiza o tecido urbano (Bohrer, 2001).

A sua origem peninsular, a evolução ao longo dos anos, a ocupação e a necessidade de fluidez para as praias do norte e do sul, agregadas com as boas condições de navegabilidade do lago junto à margem norte da península ratificaram-na com o eixo natural de expansão da atividade comercial da cidade. Assim, induziu à necessidade de conquistar áreas do Guaíba (Bohrer, 2001).

Como visto anteriormente (Fig. 10), surgem os aterros que alteram a morfologia urbana nesta área da cidade, onde o aterro da Praia de Belas evoluiu ao longo dos anos. A partir dos estudos específicos da urbanização deste setor, origem do local onde está situado o Parque Jaime Lerner (Bohrer, 2001).

O trecho 3 tem uma extensão de 1,6km. Está paralelo ao Parque Marinha do Brasil e a Av. Borges de Medeiros em Porto Alegre (Figura 19).

Figura19– Aterro Praia de Belas1- antes do Parque.



Fonte: Google Earth – 2014.

Ao longo de muitas décadas o local teve a configuração exposta na figura 20, onde pode-se visualizar o estado de abandono da área que hoje é o trecho 3. Existia apenas algumas quadras de terra tipo “carecão” com goleiras sustentando a vocação esportiva do trecho de forma precária.

Figura 20 – Aterro Praia de Belas 2 - antes do Parque.



Fonte: Google Earth, 2014.

É importante lembrar que a orla é um espaço delicado, limítrofe da área costeira, contém potencialidades e fragilidades inerentes aos ambientes naturais. Neste objeto específico, busca-s a conexão entre o rio e a cidade (Allet, 2019).

Antes e depois da revitalização, os usuários têm acesso ao parque de várias formas. A infraestrutura de transportes público passa pela avenida Borges de Medeiros, portanto o usuário pode acessar o *Parque Urbano da Orla – trecho 3* atravessando o Parque Marinha do Brasil. Tanto por meio da nova travessia da orla junto ao shopping Praia de Belas, chegando próximo ao estacionamento do Parque Jaime Lerner, quanto acessá-lo pela avenida Ipiranga na extremidade norte ou pelo sentido sul.

Figura 21 – Localização dos acessos principais

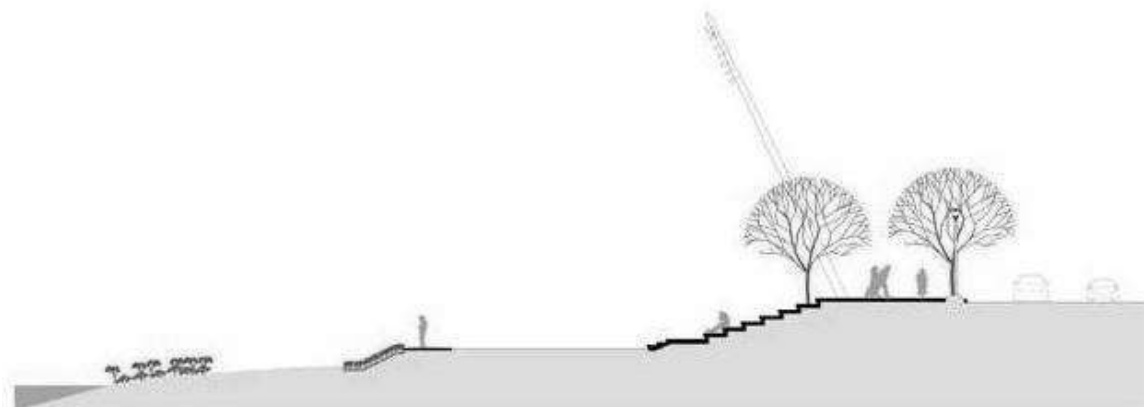


Fonte: Google Earth, 2014.

Atualmente existe um estacionamento para 150 veículos no parque, junto a avenida Edvaldo Pereira Paiva com acesso pelos dois sentidos da via. Nos finais de semana o sentido sul-norte da avenida é permitido estacionar. É importante registrar que a via no sentido oposto (norte-sul) é bloqueada para tráfego de veículos permitindo o acesso aos usuários do parque em feriados e finais de semana. Além disso, o Parque Marinha do Brasil, vizinho paralelo ao parque, conta com outros dois estacionamentos públicos próximo ao eixo cívico que liga os dois complexos.

A área de borda mantém o talude que já existia, porém em desníveis atribuídos estrategicamente de acordo com o projeto de revitalização da área. Nos trechos, inicial e final do parque se mantém um grande desnível ligado por rampas que acessam pistas de caminhadas. No trecho central o desnível se dá em dois níveis. Um primeiro nível próximo à avenida Edvaldo Pereira Paiva, o segundo contemplado pelas arquibancadas distribuídas ao longo do trecho.

Figura22–TaludeOrla1.



Fonte: Cordeiro, 2021.

O projeto executado segue um traçado orgânico comum às bordas, reverberando o desenho que neste caso segue a tipologia sinuosa das ondas do rio. Mantém a vegetação costeira que em alguns pontos dispõem praias no trecho impróprio para banho, sinalizado com placas em vários pontos do parque.

Figura 23 – Planta Baixa do projeto



Fonte: Grifo Arquitetura, 2015.

O Parque Jaime Lerner projeta o traçado curvilíneo concordando nas diversas formas e funções dos equipamentos. Como a pista de skate, arquibancadas e no design biofílico do eixo cívico, o qual permite a conexão com o Parque Marinha do Brasil, e assim uma interação com o Lago Guaíba.

Figura 24 – Eixo Cívico



Fonte: PMPA.

A sinuosidade expressa por curvas e suas concordâncias, produz uma sequência visual que permite estudar as modificações do campo visual de um percurso. Como cita Kevin Lynch, a cidade não é apenas uma visão panorâmica, é um tecido dinâmico, percebido, com rupturas, eixos e enclaves, com inflexões, convexidade, concavidades, superfícies e ondulações (Lynch, 2011).

O referencial teórico de Philippe Panerai sobre as paisagens urbanas parte do fato de que a cidade não é vista de um ponto fixo, mas pelo deslocamento, e que vários elementos da cidade se combinam para formar uma imagem deste conjunto. Com esta abordagem oferece elementos para uma análise da paisagem urbana do Parque. A seguir apresentaremos os elementos marcantes da paisagem que compõem a análise visual do caso (Panerai, 2006).

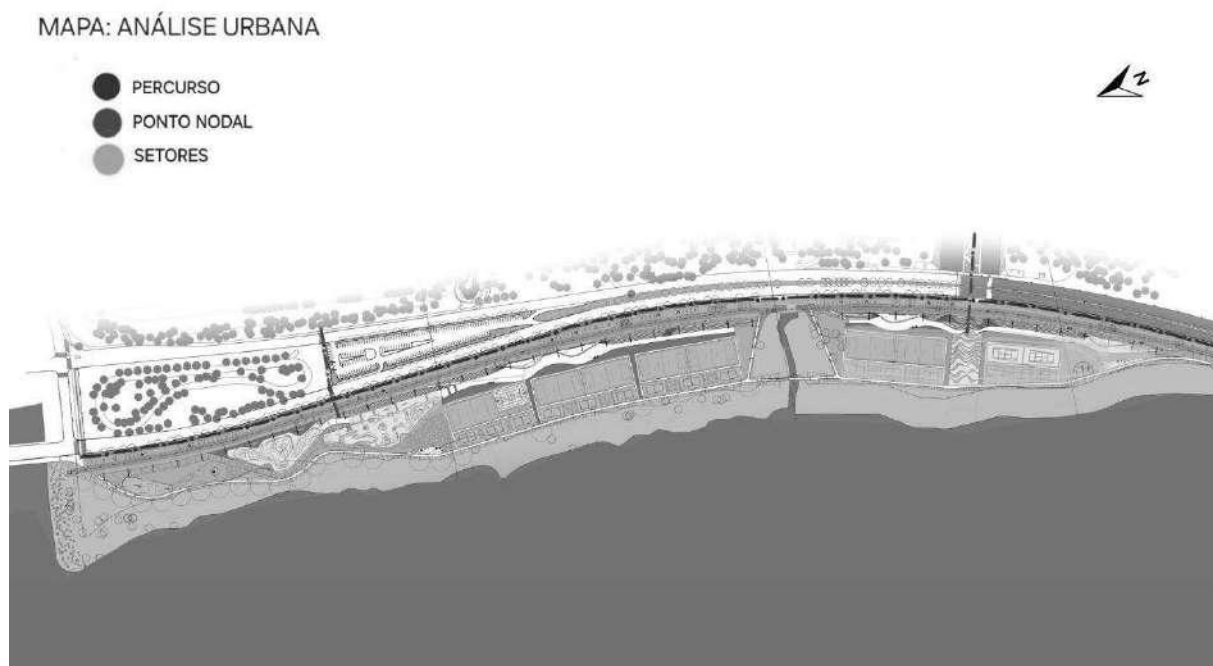
Identifica-se na revitalização (Fig. 23), um campo visual dinâmico no *percurso*⁵ desenhado na avenida que compõem o setor do Trecho 3 da orla entre os limites do Arroio Dilúvio e Parque Gigante. Podemos considerar o Eixo Cívico como *ponto nodal*⁶, estratégico que conecta a outros percursos incluindo a conexão entre os Parques Jaime Lerner e Marinha do Brasil. No projeto de percurso dinâmico, os

⁵ Percurso: Qualquer porção de rua ou itinerário importante (Panerai, 2006).

⁶ Ponto Nodal: Pontos estratégicos na paisagem urbana, sejam de convergência ou encontro de vários percursos, sejam de ruptura ou pontos singulares no tecido (Panerai, 2006).

*setores*⁷ estão bem demarcados pelo desenho, onde os *limites*⁸ se destacam no tratamento de piso ou desníveis, sem obstáculos.

Figura 25 – Análise Urbana



Fonte: Arquivo de imagem das autoras, 2024.

Destaca-se como *marco*⁹ (Fig. 26) no Parque Jaime Lerner os postes de iluminação que demarcam a esplanada junto a Avenida Edvaldo Pereira Paiva como elementos verticais na cena urbana. O reservatório é um volume que acaba por se destacar com a mesma intensidade que os postes, talvez por seu revestimento em aço corten, embora seja importante como verticalidade, fica em segundo plano.

⁷ Setor: É uma porção do território urbano. Do ponto de vista morfológico são claramente identificáveis (Panerai 2006).

⁸ Limites: São as bordas características dos setores e marcam visivelmente seu término. (Panerai, 2006).

⁹ Marco: São elementos dotados de uma forma particular que facilitam sua identificação (Panerai, 2006).

Figura 26 – Marcos Verticais.



Fonte: Mateus Buxel – GZH.

Considerando o plano horizontal, o desenho urbano do Parque traz como elementos marcantes, o Eixo Cívico (Fig. 24), embora o Skate Park (Fig. 27) seja também um marco por sua magnitude, complexidade e relevância quanto à utilização. Assim, sendo um ponto alto do projeto, quando o nome sugere um parque (para skates) dentro do parque.

Figura27–SkatePark



Fonte: Mateus Buxel – Agência RBS.

Podemos destacar nas imagens desta composição a análise sequencial (Fig. 28), destacando *inflexões* quando as curvas abrem e fecham os trajetos do parque. As *concavidades* e *convexidades* estão presentes no skate park e *ondulações* são perceptíveis no tratamento de piso, degraus e balanços dos desníveis que compõem a superfície do parque.

Figura 28 – Análise Sequencial 1



Fonte: Imagens Mateus Buxel - GZH e Divulgação da PMPA, 2023.

O tecido do Parque Jaime Lerner (Fig. 29) produz uma paisagem imediata. Um território facilmente percebido no tecido urbano da cidade, com rupturas no caminho, desníveis, eixos e enclaves pitorescos à escala metropolitana (Panerai, 2006).

Figura 29 – Análise Sequencial 2



Fonte: Imagens Mateus Buxel - GZH, 2023.

A extensão do Parque é um redesenho da borda, que organiza e setoriza as diversas atividades, reforçando e complementando a vocação esportiva deste trecho da orla. A borda revitalizada proporciona a conexão entre os parques, a conexão dos parques com a cidade, e a conexão da cidade (cidadãos) com o rio (Fig. 30).

Figura30– Vista Aérea do Parque



Fonte: Giulian Serafim (PMPA), 2021.

Philippe Panerai descreve as várias possibilidades visuais de se apreciar a cidade, cita a visão do “voo de pássaro” (vista aproximada por avião, helicóptero ou até balão, - hoje poderia se incluir drones - a fotografia, os mapas, as imagens digitais e satélite), oferecendo a visão do conjunto e facilitando uma análise. Sugere que ainda sim pode ser impura e a descrição nada fácil. Reforça ainda que o trabalho feito no terreno, *acrescido da intuição, pressupondo uma atividade extensiva de desenho, tem valor*. Para ele as fontes em matéria de análise urbana são tanto os livros ou arquivos, quanto os *próprios lugares*. E que os croquis feitos no local, as marcações em mapas e a interação nos traçados são tão importantes quanto a escrita (Panerai, 2006).

Amparado por este pensamento, busca-se apresentar os resultados das coletas *in loco*, documentadas a partir de anotações em fichas com plantas-baixas e registros fotográficos, os quais permitem apontar a ocupação e áreas de uso do parque em determinados períodos (dias e horários) conforme descreve a metodologia. Ainda relatar como se dá a apropriação do parque e o comportamento das pessoas neste ambiente construído.

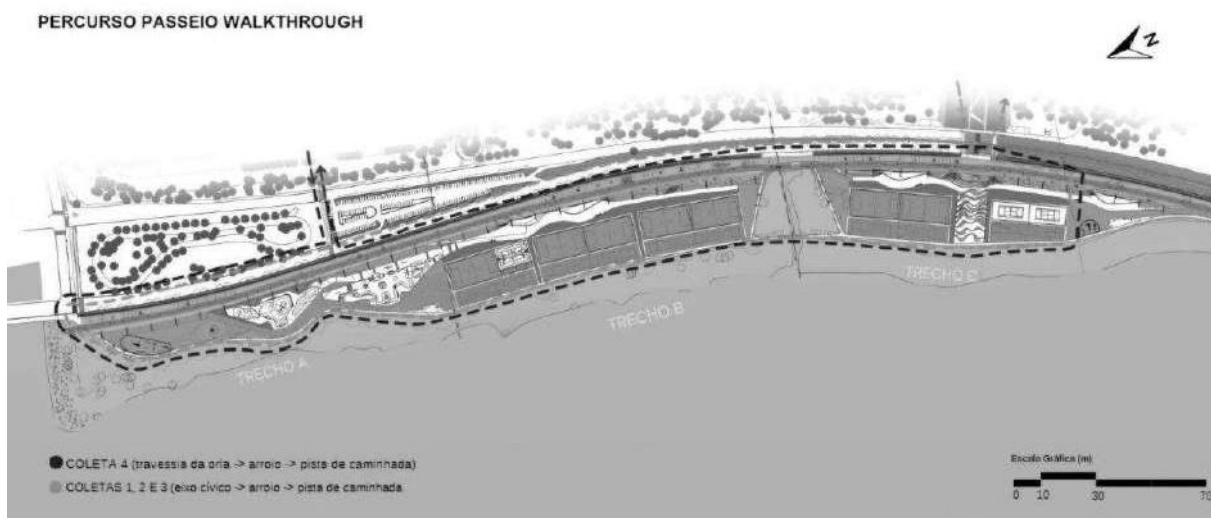
4.3 OCUPAÇÃO, USO E COMPORTAMENTO NO PARQUE JAIME LERNER

Os resultados apresentados abaixo, partem dos dados levantados durante o *passeio walkthrough* e as observações que compõem o *mapa comportamental*, a partir da proposta de pesquisa de compreender o SENTIDO e IMPACTO da obra arquitetônica, levando ainda em consideração a caracterização do caso que atribui o eixo que corresponde a ORIGEM da obra, a fim de elucidar as questões expostas nos *objetivos específicos 2 e 3*, e contribuir para responder a pergunta principal da pesquisa.

4.3.1 Resultados Passeio Walkthrough

Apresenta-se aqui informações, atitudes, comportamentos, relações, e uso do ambiente, considerando as experiências, a percepção e emoções vivenciadas pela pesquisadora como instrumentos de medição e identificação da qualidade do parque (Rheingantz *et al.*, 2009). Os três primeiros passeios, que ocorreram em agosto de 2024, circundam todo o parque, a partir do eixo cívico, seguindo pela esplanada e pela pista de caminhada próximo ao rio, até completar toda a volta no parque. O último passeio ocorreu no dia seguinte à inauguração da Travessia da Orla que liga o Parque Marinha do Brasil próximo ao Shopping Praia de Belas. Sendo um novo acesso à orla, o passeio parte deste ponto seguindo o mesmo percurso das coletas anteriores, conforme mostra a figura 31 abaixo:

Figura31– Percurso Passeio Walkthrough



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Passeio Walkthrough n°. 1

Data: 20.08.2023 [domingo]

Horário: 17 h

Temperatura: 21°C

Clima: Sol entre Nuvens

Vento: Noroeste 15km/h

Estação: Inverno

Descrição: O início do passeio se dá no eixo cívico, através do acesso pelo Parque Marinha do Brasil. Não havia vagas de estacionamento próximo ao parque.

Cabe fazer uma observação importante: o estacionamento próximo ao parque é pago. O trânsito é intenso e as vagas disponíveis na via, por ser domingo, são insuficientes neste horário.

O movimento no parque é alto, há muitas pessoas chegando, inclusive grupos, portando coolers, como se tivessem a intenção de ficar muitas horas por ali.

Percebe-se a presença de alguns vendedores ambulantes próximo ao eixo cívico. (fora do habitual)

Segue-se o passeio em direção ao Arroio Dilúvio. Muitas pessoas dividem o espaço de caminhada, na esplanada do parque. Ouve-se som de caixas de uso pessoal.

Avista-se um vendedor de churrasquinho no local que também nas proximidades abriga banheiros químicos no início do trecho A.

Chegando próximo ao skate park, há muitas pessoas sentadas nas arquibancadas. Dentre elas, há famílias, grupos de amigos e casais.

O bar próximo ao skate park estava movimentado, com som alto e guarda-sois abertos com média ocupação de pessoas. Nos banheiros próximos ao bar, havia uma aglomeração de crianças com bicicletas.

Neste trecho A, todos os equipamentos esportivos estavam ocupados.

Muitas pessoas tomavam chimarrão próximo das pistas e observavam as manobras.

Bem próximo, chegava para estacionar em local habitual, uma viatura da guarda municipal. Houve uso normal das pistas por skatistas.

No playground ouvia-se o barulho de crianças brincando nos equipamentos, junto de suas famílias que ficam próximas usufruindo do entorno. Na academia ao ar livre, os equipamentos estavam sendo utilizados por crianças.

Várias pessoas aguardavam o pôr-do-sol na área de gramado próximo à margem do rio.

No trecho B, todos os equipamentos estavam ocupados, e muitos grupos de pessoas sentadas nas proximidades, pareciam estar acompanhando aqueles que praticavam esportes.

Na pista de caminhadas, na qual a pesquisadora transitava, a grande maioria das pessoas que passavam estavam em deslocamento, não pareciam caminhantes em prática de exercícios.

Observou-se que no trecho C, o movimento de pessoas é menor. Há pequenos grupos de pessoas e muitas famílias interagindo entre si, utilizando o espaço que se torna mais amplo com um número menor de pessoas.

Os equipamentos estavam sendo utilizados neste trecho, exceto uma quadra de beach tênis e uma das quadras de concreto, onde acontecia aula de patins com muitos praticantes interagindo.

O playground estava sendo utilizado com quantidade menor de crianças que o trecho A, e a academia ao ar livre estava vazia.

Percebe-se alguns usos pontuais fora dos espaços criados no projeto, como por exemplo:

patins, vôlei, e bate-bola entre grupos pequenos ou duplas, nas áreas de fluxo do parque.

Ao finalizar o passeio, a pesquisadora senta-se na arquibancada próxima ao eixo cívico e observa o uso daquele espaço de design biofílico. Adultos passam nos elevados revestidos de grama, enquanto crianças de bicicleta, os utilizam como rampas e sobem e descem com suas bicicletas. Famílias inteiras escalam as elevações com carrinhos de bebês e com seus pets. E os patinadores e skatistas mirins tiram partido das sinuosidades para fazer manobras seguras. Tudo emoldurado por um lindo pôr do sol no Guaíba.

Término do passeio: 18h

Figura 32 – Passeio Walkthrough 1



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Passeio Walkthrough n°. 2

Data: 24.08.2023 [quinta]

Horário: 16h43m

Temperatura: 15°C

Clima: Ensolarado/vento frio

Vento: Sudoeste 21km/h

Estação: Inverno

Descrição: O início do passeio se dá novamente pelo eixo cívico, já que faz uma conexão com o Parque Marinha do Brasil. Até havia menos movimento neste dia, mas como o estacionamento é pago, deixamos o veículo no estacionamento do Parque Marinha.

Nos dias de semana, o fluxo de veículos se dá nas duas vias, sem congestionamento neste horário. Porém o som do lugar é outro, se nota a presença próxima de veículos.

O movimento de pedestres e caminhantes é bem pequeno se compararmos com o de domingo, por exemplo. No trecho ondulado do eixo cívico, não há ninguém.

Sigo o passeio em direção ao arroio dilúvio, passando por alguns poucos pedestres que pareciam estar passeando, pois portavam bolsas e mochilas, o que me leva a pensar que não estavam fazendo uma caminhada.

Não há ambulantes no platô do parque, nem pessoas utilizando banheiros químicos.

No skatepark, poucos utilizavam a pista de menor dificuldade. Na pista de maior dificuldade, havia um aluno com instrutor e observadores nas proximidades, inclusive contemplando o rio.

Chegando próximo ao playground, havia apenas um transeunte. Continuo o passeio pela pista de caminhada, que já está sombria, passando a sensação de mais frio, e é possível sentir o vento na face. A academia pública estava sem nenhum frequentador.

O bar do trecho A tocava som alto com pouquíssimo público, assim como o bar do trecho B.

As quadras esportivas do trecho A estavam todas ocupadas, no trecho B, as duas últimas estavam vazias, e no trecho C, estavam ocupadas, sendo a última utilizada para aula de patinação.

O bar do trecho C estava vazio.

A academia e playground do trecho C, que já apresentava sombra, estava sem usuários.

O passeio terminou com o pôr do sol, no dia muito mais calmo e silencioso no local.

Término do passeio: 17h17m

Figura 33 – Passeio Walkthrough 2



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Passeio Walkthrough n°. 3

Data: 26.08.2023 [sábado]

Horário: 16h42m

Temperatura: 16°C

Clima: Sol entre nuvens/frio

Vento: Sudoeste 20km/h

Estação: Inverno

Descrição: O passeio iniciou pelo eixo cívico, onde havia crianças brincando no trecho ondulado. Nas arquibancadas, havia pessoas sentadas, contemplando, conversando, tomando chimarrão. Observou-se também que alguns andam de patins por ali, bem como crianças com skates e bicicletas.

Indo em direção ao arroio dilúvio, todas as quadras esportivas do trecho B e A, estavam ocupadas. E muitas pessoas estavam passando, passeando no platô do Parque, bem como alguns estavam sentados em cadeiras de praia e observavam os skatistas na pista de menor dificuldade. No sábado é comum utilizar o piso ao redor da pista para aulas com skatistas em fase de aprendizagem inicial, bem como crianças brincando com patinetes.

Próximo ao bar feito com contêiner, havia movimento de pessoas observando o local (pista de skate) e consumindo também, bem como o bar fixo abaixo do platô.

Percebe-se que no sábado a guarda municipal se faz presente com viatura, bem como já visto no domingo.

No playground do trecho A, sete crianças brincavam sendo acompanhadas de seus pais.

Nas proximidades havia dois ambulantes no platô. A pista de caminhada estava bem vazia.

Alguns observadores estavam próximos da pista de skate, e a academia pública do trecho B estava vazia.

É importante salientar que, durante os três passeios, próximo da pista de skate, sentia-se o cheiro de cannabis.

O bar do trecho B, apresentava movimento de pessoas. As quadras deste trecho estavam todas ocupadas, bem como o trecho A. Pode-se observar que algumas crianças brincavam com bola na areia no trecho em que há palmeiras, próximo às quadras.

O playground do trecho C tinha três crianças. A academia pública estava vazia. E o bar tinha pouco movimento.

Finalizando o passeio no eixo cívico, pôde-se observar meninos jogando bola por ali.

Término do passeio: 17h22m

Figura34– Passeio Walkthrough 3



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Passeio Walkthrough n°. 4 (Travessia da Orla)

Data: 14.10.2023 [sábado]

Horário: 12h11m

Temperatura: 21° C

Clima: Ensolarado

Vento: Sudoeste 9 km/h

Estação: Primavera

Descrição: O início do passeio se deu a partir do novo acesso “Travessia da Orla do Guaíba” entre as avenidas Edvaldo Pereira Paiva e Borges de Medeiros, inaugurada no dia 06.10.2023, entregue à comunidade pela Prefeitura de Porto Alegre

11.10.2023. O trecho é mais um acesso ao trecho II da orla, um ponto importante de conexão entre os parques Marinha do Brasil e Jaime Lerner.

O novo trajeto foi ponto de interesse de muitas pessoas no primeiro final de semana em funcionamento. O playground estava ocupado, assim como as quadras próximas e a própria passarela, a qual permite um bom acesso à orla, bem como às instalações de ambulantes situados entre os dois parques. Cerca de 60% das operações ambulantes estavam atendendo ao público.

Ao acessar a via no sentido centro-bairro, que fica bloqueada para veículos nos finais de semana, avista-se um food truck e o ônibus da Brigada Militar estacionados na via, o que não acontece em dias convencionais.

O percurso junto à orla segue em direção bairro-centro, no platô junto a via. No playground do parque não havia nenhum usuário, talvez por causa do horário e do sol pleno.

Seguindo pela pista de caminhada próximo à borda do rio, o que se observa são as avarias deixadas pelas últimas chuvas do mês de setembro (inundações) e início de outubro. Ainda há muitos vestígios (muito barro e galhos) que evidenciam os episódios.

No Skate Park o fluxo de usuário era baixo se considerarmos as outras visitas. (menos de 30 pessoas) Todas as quadras que possuem grama sintética estavam interditadas e recebendo manutenção. As quadras de areia (vôlei e beach tênis) estavam sem redes e sem público, exceto uma dupla de crianças brincando na areia. Apenas a quadra de concreto utilizada para aulas de patins, estava sendo usada.

Os bares próximos às quadras tinham pouco público, bem como as arquibancadas.

No playground próximo à academia, apenas duas crianças brincavam. E na academia, quatro pessoas se exercitavam. Mesmo assim, a guarda municipal circulava de motocicleta pelo parque que também tinha pouco movimento de pedestres no platô.

Término do passeio: 12h42m

Figura35– Passeio Walkthrough 4



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Após os (04) quatro passeio walkthrough, iniciaram-se as observações para compor o mapa comportamental, as quais apresentaremos os resultados abaixo:

4.3.2 Resultados Observações / Mapa Comportamental

O mapa comportamental tem como objetivo sistematizar o registro das atividades e a localização das pessoas num determinado ambiente, através de mapas esquemáticos que permitem ilustrar o espaço e o tempo de permanência ou percurso dos usuários no local, bem como seu comportamento (Rheingantz *et al.*, 2009).

A avaliação a partir das observações considera adultos e crianças, atribuindo tal denominação para indivíduos com até 1.20m de altura aproximadamente, exceto nos espaços dos bares, onde foram considerados apenas os indivíduos adultos.

Neste estudo, o mapa comportamental é desenhado a partir de observações, as quais seguem o cronograma previsto no capítulo da metodologia, sendo que um primeiro bloco de observações se dá no período de outubro de 2023 e o segundo em dezembro de 2023, onde cada bloco corresponde a 4 observações. Estas foram distribuídas no turno da manhã e no final de tarde, em dias da semana e finais de semana. Considera-se final de tarde, na estação primavera, o horário inicial das coletas das 18:40h às 19:35h e horário final entre 19:15h e 20:10h. Há mais especificação na tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Observações mapa comportamental

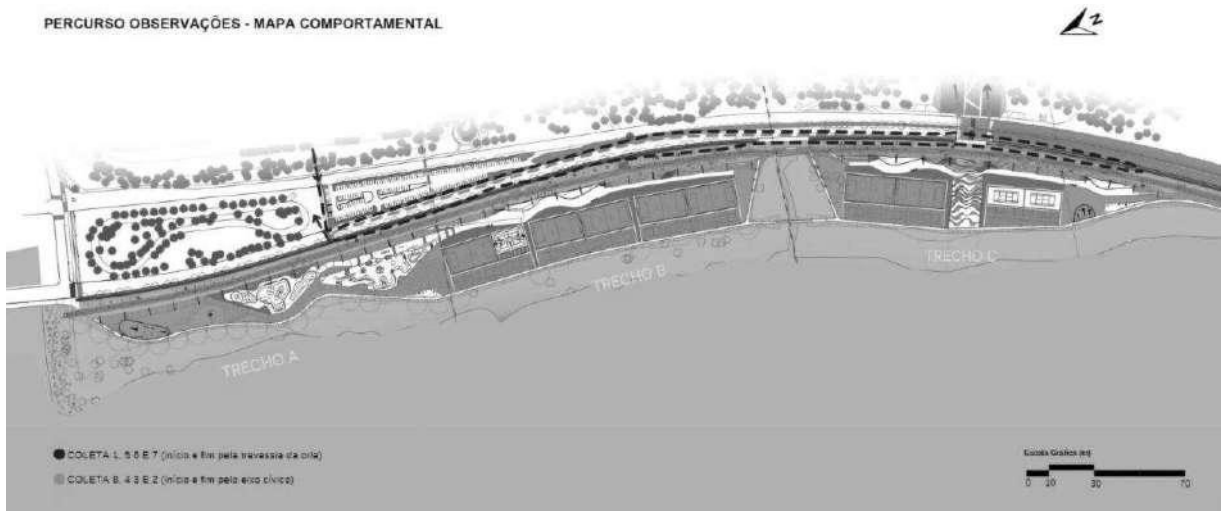
BLOCO	DATA	TURNOS	MÉTODO	OBS.
2	22/10/23	MANHÃ	OBSERVAÇÃO (MC)	
	27/10/23	MANHÃ	OBSERVAÇÃO (MC)	
	29/10/23	MANHÃ	OBSERVAÇÃO (MC)	
	29/10/23	FINAL DE TARDE	OBSERVAÇÃO (MC)	
3	08/12/23	FINAL DE TARDE	OBSERVAÇÃO (MC)	
	09/12/23	FINAL DE TARDE	OBSERVAÇÃO (MC)	
	13/12/23	FINAL DE TARDE	OBSERVAÇÃO (MC)	
	15/12/23	MANHÃ	OBSERVAÇÃO (MC)	

Fonte: Elaborada pela autora.

Para viabilizar a avaliação do parque linear que possui 1,6km de extensão, utiliza-se a divisão em três trechos, A, B e C, delimitando as áreas de maior fluxo conforme atribuída nas coletas-piloto.

Foram atribuídos dois percursos para as observações (Fig. 36): um percurso a partir da nova travessia da orla, terminando no mesmo local, e outro a partir do eixo junto ao eixo cívico do Parque Marinha do Brasil, terminando no mesmo local, conforme mapa e tabela 2, abaixo:

Figura36– Percursos mapa comportamental



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Tabela 2 – Percursos mapa comportamental

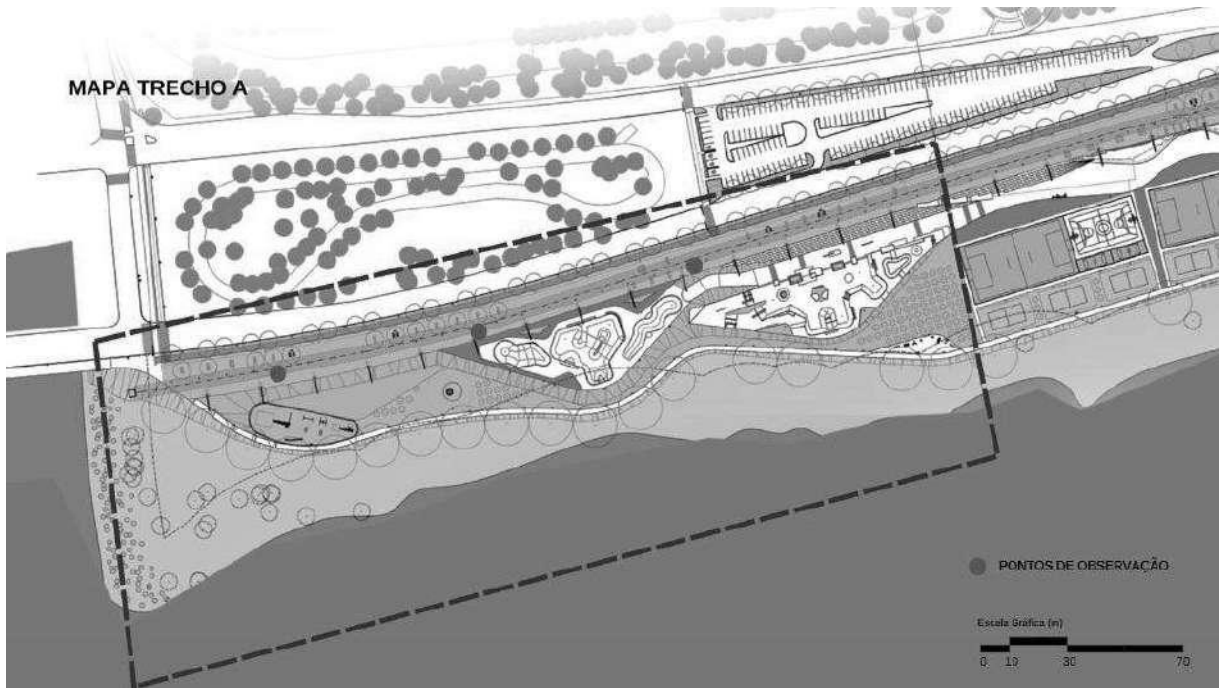
	EIXO CÍVICO	TRAVESSIA ORLA
	8	1
COLETAS	4	5
	3	6
	2	7

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Os locais observados para avaliação da ocupação e uso nas áreas do parque foram no *trecho A*, o playground (1) e o Skate Park, no *trecho B*, as quadras (1) e o bar (1), no *trecho C*, as quadras (2), bares (2 e 3), o playground (2) e a academia. Os pontos exatos onde se deu cada observação estão sinalizados nas plantas de cada trecho abaixo, incluindo descrição e quadro de resultados acerca da ocupação e uso dos equipamentos nos períodos especificados:

- Trecho A

Figura37– Pontos de Observações trecho A



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

O número de ocupantes em uso dos equipamentos no trecho A é maior nos finais de tarde, tanto nos dias de semana quanto nos finais de semana, com um número de adultos sendo maior que o de crianças. Esta diferença torna-se mais expressiva no turno da manhã. Inclusive neste mesmo turno, o playground chega a não ter ocupação e uso nos dias de semana (Tabela 3). Embora isso ocorra pode-se dizer que há compatibilidade no uso dos equipamentos conforme especificação do projeto, ou seja, o uso dos equipamentos correspondem ao projetado.

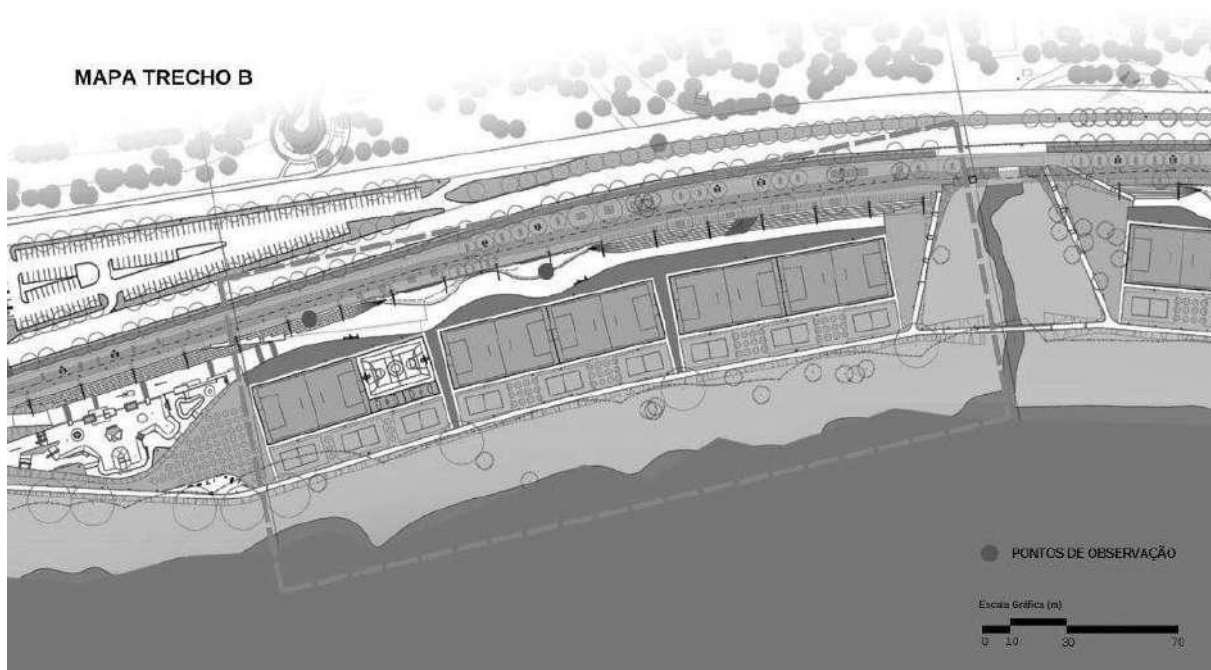
Tabela 3 – Resultados dos equipamentos do trecho A

TRECHO A	SKATEPARK		PLAY 1	
	ADULTO	CRIANÇA	ADULTO	CRIANÇA
MANHÃ - DIA DE SEMANA	20	2	0	0
MANHÃ - FIM DE SEMANA	48	13	12	6
FIM DE TADE - DIA DE SEMANA	76	4	11	3
FIM DE TARDE - FIM DE SEMANA	64	18	26	20

Fonte: Elaborada pela autora.

- Trecho B

Figura 38 – Pontos de Observações trecho B



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

O trecho que compreende as quadras e um dos bares, que durante as observações obteve o maior fluxo de pessoas, também tem mais expressividade nos números nos finais de tarde, principalmente nos finais de semana. O bar esteve fechado durante as manhãs nos dias de semana, com ocupação somente nas manhãs dos finais de semana. As quadras tiveram ocupação e uso por adultos superior comparado ao número de crianças, onde somente nas manhãs dos finais de semana, chega a 25% o número de crianças em relação ao número de adultos. Nos outros períodos chega no máximo a 10% o número de crianças em relação ao número de usuários adultos. (Tabela 4) Há compatibilidade no uso dos equipamentos conforme especificação do projeto.

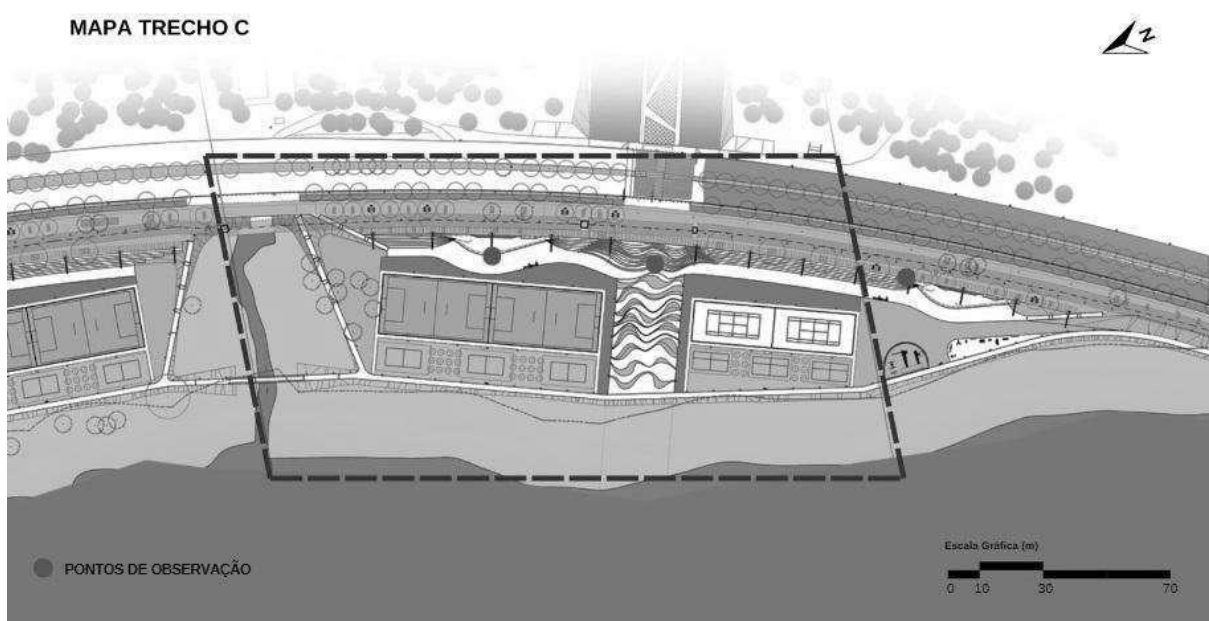
Tabela4– Resultados nos equipamentos do trecho B

TRECHO B	QUADRA 1		BAR 1
	ADULTO	CRIANÇA	ADULTO
MANHÃ - DIA DE SEMANA	22	2	FECHADO
MANHÃ - FIM DE SEMANA	30	13	60
FIM DE TADE - DIA DE SEMANA	67	2	45
FIM DE TARDE - FIM DE SEMANA	53	4	220

Fonte: Elaborada pela autora.

- Trecho C

Figura 39 – Pontos de Observações trecho C



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

No trecho C, percebe-se a ocupação e uso bem menor em relação aos outros dois trechos, durante as observações. Durante as manhãs em dias de semana a ocupação chega a no máximo 50% dos mesmos dias no período da tarde. E nos finais de semana, o número de ocupantes em uso das quadras se aproxima. Já o bar (3) no extremo sul do parque, nos dias de semana está fechado. Nos finais de semana, estão abertos, mas ainda assim, o número de usuários é menor em relação aos usuários do bar (2) mais próximo às quadras (Tabela 5). Há compatibilidade no uso dos equipamentos conforme especificação do projeto.

Tabela5– Resultados nos equipamentos do trecho C

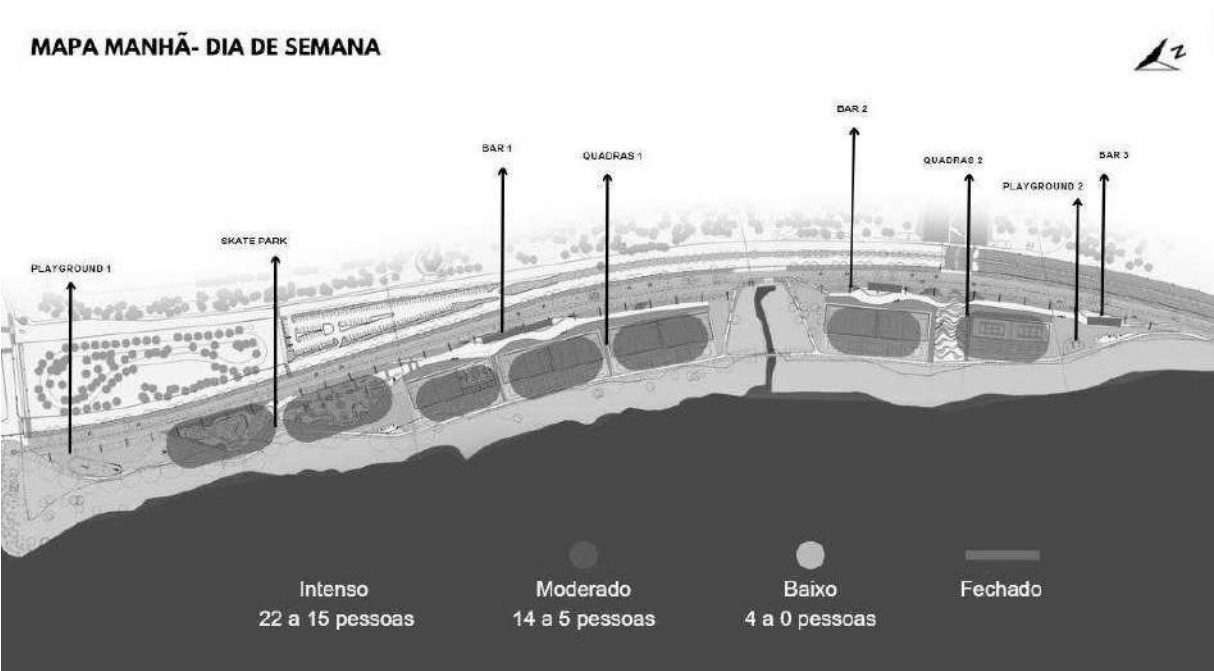
TRECHO C	QUADRA 2		ACADEMIA		PLAY 2		BAR 2	BAR 3
	ADULTO	CRIANÇA	ADULTO	CRIANÇA	ADULTO	CRIANÇA	ADULTO	ADULTO
MANHÃ - DIA DE SEMANA	7	2	0	0	2	0	FECHADO	FECHADO
MANHÃ - FIM DE SEMANA	4	3	6	3	7	2	17	16
FIM DE TADE - DIA DE SEMANA	13	12	10	4	3	2	24	0
FIM DE TARDE - FIM DE SEMANA	18	7	4	3	15	19	35	27

Fonte: Elaborada pela autora.

Considerando a ocupação e o uso apresentados e descritos nos trechos acima, resultados de 12 (doze) coletas nos pontos específicos marcados em planta, chega-se a resultados parciais, que analisados, geram resultados finais que correspondem à ocupação e uso em cada trecho do parque, fornecendo assim um panorama geral do parque ilustrado pelos mapas comportamentais em dois turnos nos dias de semana e nos finais de semana, conforme abaixo:

Mapa Comportamental Manhã – Dia da Semana
Observações n°. 2 (27.10.23) e n°. 8 (15.12.23)

Figura 40 – Mapa Comportamental 1



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Conforme o mapa comportamental acima (*manhã – dia de semana*), o Skate Park é ocupado neste período por um número maior de adultos: 20 adultos para 02 crianças. E no playground, não há usuários. Nas quadras (1), os números de usuários

são de 22 adultos para 02 crianças. Nas quadras (2), o número é de 7 adultos e 02 crianças. No playground (2), observou-se apenas 02 adultos. Já na academia que fica bem próxima, não há presença de usuários, assim como os bares (1, 2 e 3).

Figura 41 – Observação n°. 2 (27.10.23)



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

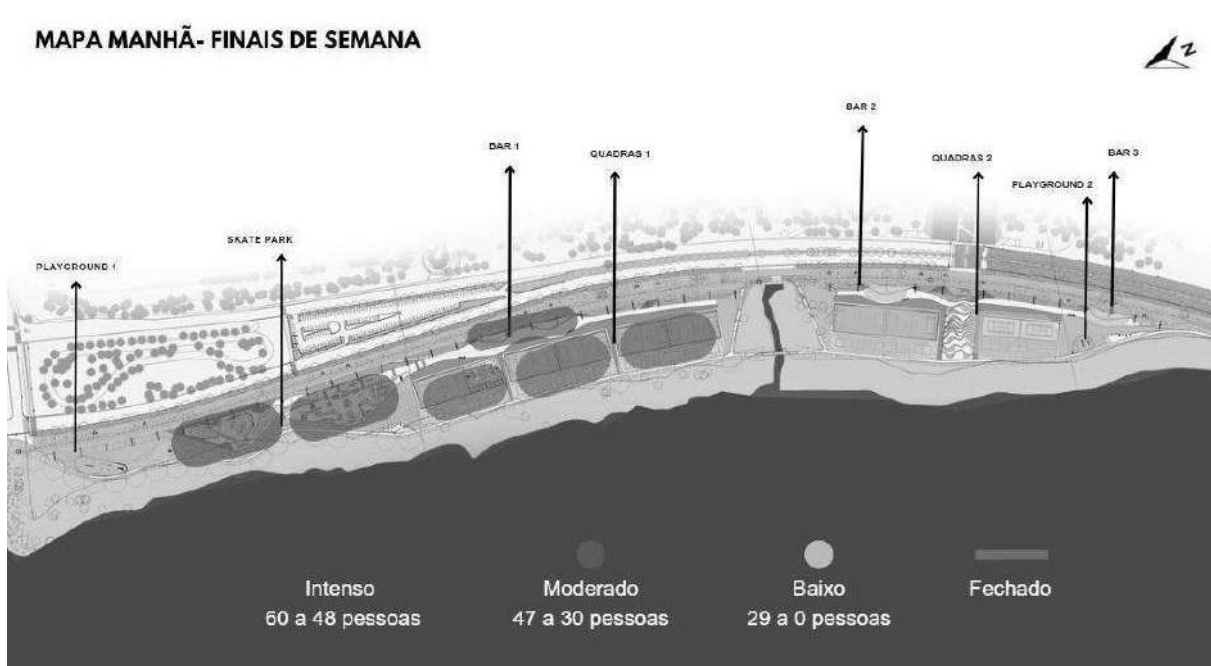
Figura 42 – Observação n°. 8 (15.12.23)



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Mapa Comportamental Manhã—Final de Semana
Observações n°. 1 (22.10.23) e n°. 3 (29.10.23)

Figura 43 – Mapa comportamental 2



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

As observações neste período (*manhã – final de semana*) forneceram resultados diferentes dos apresentados anteriormente. Nos finais de semana os números são consideravelmente maiores em todas as áreas do parque no período da manhã. No skate park o número de adultos é de 48, e o de crianças é 13. No playground (1), a proporção é de 12 adultos para 06 crianças. Nas quadras (1), são 30 adultos e 13 crianças usando o espaço, e o bar (1) próximo às quadras tem 60 adultos. Mais adiante, nas quadras (2), o número diminui bastante, sendo 04 adultos e 03 crianças. No bar (2) que fica próximo a estas quadras, a ocupação é de 17 pessoas. O playground (2) tinha 07 adultos e 02 crianças, enquanto a academia ao ar livre recebia 06 adultos e 03 crianças.

Figura44- Observação n°.1(22.10.23)



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Figura45– Observação n°3(29.10.23)

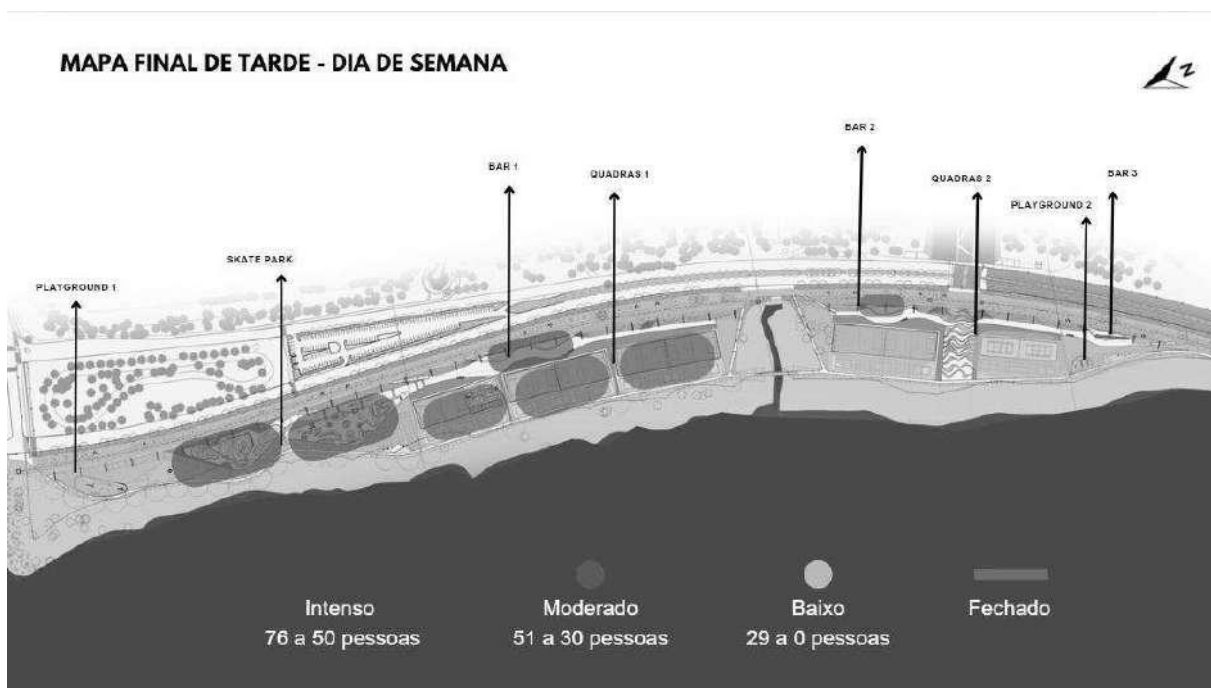


Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Mapa Comportamental Final de Tarde – Dia da Semana

Observações n°. 5 (08.12.23) e n°. 7 (13.12.23)

Figura46– Mapa comportamental3



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Os números são crescentes quando consideramos a ocupação e o uso do parque no *final de tarde*. Ainda que seja nos *dias de semana*, nota-se que o skate park mantém um número maior de adultos usando as pistas: são 76 adultos para 04 crianças. O playground apresenta 11 adultos, e somente 03 crianças brincam no ambiente infantil. Nas quadras (1), são 67 adultos e 02 crianças. No bar (1) próximo, 45 adultos ocupam as mesas dispostas. Nas quadras (2), há um total de 13 adultos e 12 crianças distribuídas entre elas. No bar (2), que fica próximo às quadras, 24 adultos usufruem o ambiente. Observou-se no playground (2) apenas 03 adultos e 02 crianças, enquanto na academia, havia 10 adultos e 04 crianças. Já o bar (3) estava fechado.

Figura47– Observação n° 5(08.12.23)



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

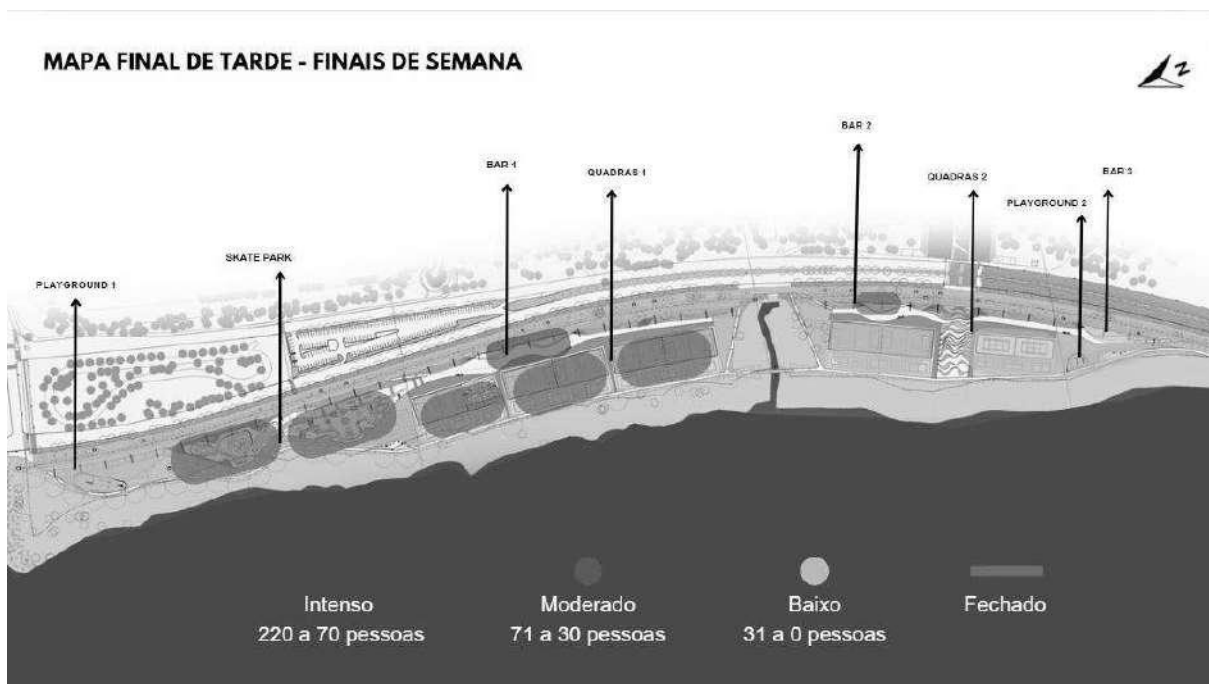
Figura 48 – Observação n°. 7 (13.12.23)



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Mapa Comportamental Final de Tarde—Final de Semana
Observações n°. 4 (29.10.23) e n°. 6 (09.12.23)

Figura 49 – Mapa Comportamental 4



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

São nos *finais de semana ao fim da tarde* que se percebe a maior ocupação do parque e uso dos equipamentos. De longe, a ocupação maior é no skate park e nas quadras (1), onde „na primeira, 64 adultos e 18 crianças disputam as três pistas, e na segunda, 53 adultos e 4 crianças estão distribuídos nas quadras. No playground (1), 26 adultos e 20 crianças usufruem do local, que também teve a maior ocupação e usabilidade em todas as coletas. O bar (1), que fica em frente a estas quadras, tem uma ocupação de 220 adultos, a mais alta em todas as observações. Já nas quadras (2) o número é bem menor, com 18 adultos e 07 crianças. O bar (2) era ocupado por 35 adultos, enquanto o bar (3) recebia 27 pessoas. O playground (2), apresenta ocupação parecida com o playground (1): são 15 adultos e 19 crianças, enquanto a academia apresenta um número menor em relação aos dias de semana, com apenas 04 adultos e 03 crianças.

Figura50– Observação n°4(29.10.23)



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

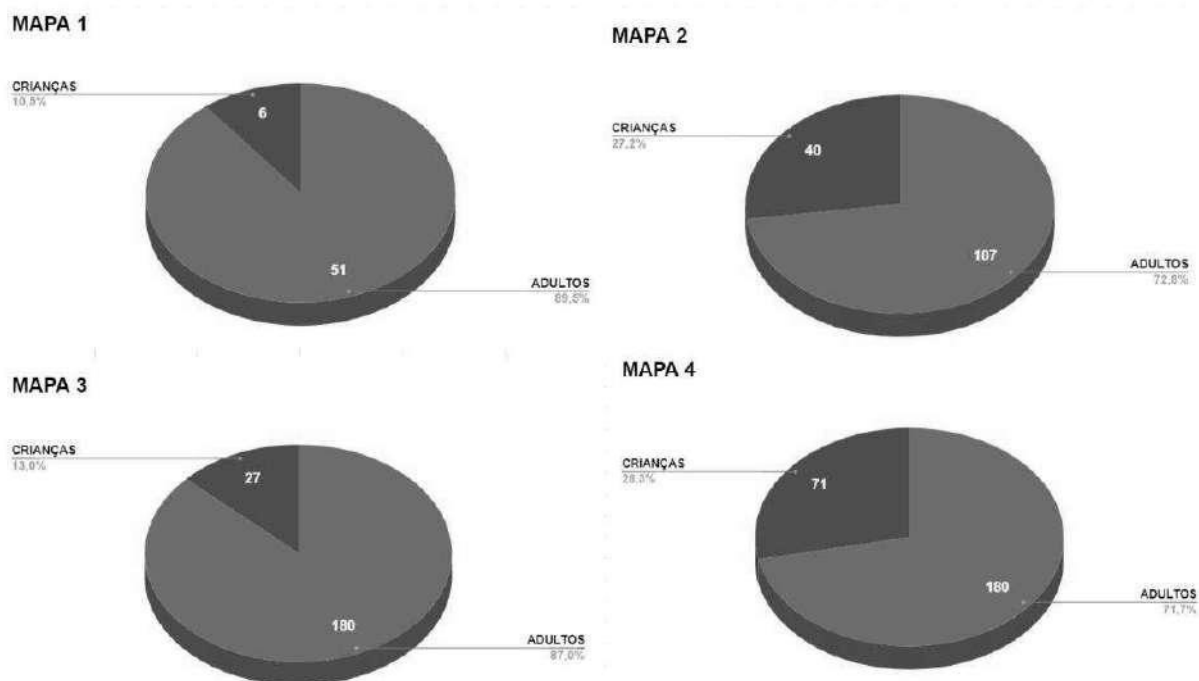
Figura 51 – Observação n°. 6 (09.12.23)



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Considerados os quatro mapas comportamentais acumulados, desenhados a partir das observações, percebe-se um fluxo menor de crianças em relação ao número de adultos em ocupação e uso dos equipamentos avaliados no parque, conforme os gráficos na figura 52, abaixo:

Figura 52 – Relação adultos/crianças no parque



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

4.3.3 Síntese sobre ocupação, uso e comportamento no parque

Neste item, aborda-se uma síntese dos resultados obtidos nas coletas de dados dos passeios walkthrough e as observações que deram origem aos mapas comportamentais.

A ocupação do parque é consideravelmente maior nos trechos que tratamos como os trechos A e B, onde estão o skate park e o bar 1, próximo ao skate e à quadra 1. Trechos estes que estão próximos ao estacionamento do parque, e também no eixo do Shopping Praia de Belas, os quais se interligam pela nova Travessia da orla. Por ali também é o acesso mais provável daqueles que utilizam o transporte público na Av. Borges de Medeiros.

A ocupação do parque no final de tarde foi maior, tanto nos dias de semana, quanto nos finais de semana. Inclusive, a menor ocupação do parque no final de tarde,

supera a maior ocupação no turno da manhã. Ou seja, o público costuma usufruir das dependências do parque com maior intensidade nos finais de semana.

Salienta-se que mesmo com menor ocupação nos dias de semana, é viável a ocupação pelos usuários no que tange à segurança do local, pois há a Guarda Municipal circulando de moto (2) e movimento de veículos na Av. Edvaldo Pereira Paiva que tangencia o parque. Nos finais de semana há viatura da Guarda Municipal e unidade móvel da Brigada Militar (no estacionamento do parque) no local. Ainda assim, observou-se nas várias visitas ao parque que a pista de caminhada que fica próxima à borda do rio, na cota mais baixa e distante da via, tem menor utilização por pessoas caminhando. Viram-se passeios com pets, motos de segurança circulando, bicicletas, ou seja, baixa adesão à ideia inicial do projeto.

O Parque Jaime Lerner é amplo, com espaços livres, áreas de gramado e areia, que possibilitam, por exemplo, aglomerações de pessoas para uma simples roda de conversa, observada nos finais de semana. Com uma considerável área de piso de concreto, proporciona que outras atividades sejam acolhidas, como a prática de patinação ou patinetes. As arquibancadas permitem encontros, permite curtir o pôr do sol, permite a prática de esportes, que estão sendo desempenhados em aglomerações ou grupos. Percebe-se que as arquibancadas junto ao skate park, próxima ao rio, recebe-se o público que frequenta as pistas de skate, bem como o bar (em contêiner) que fica junto às pistas.

Conforme mencionado antes, identificada através dos mapas comportamentais, a ocupação do parque se dá, em maior número, do sentido centro para o bairro em sua extensão. Sendo assim, o uso dos bares acompanha esta crescente. Observa-se que nas manhãs o bar 3 esteve sempre fechado, inclusive nos finais de semana, e esteve aberto somente nos finais de tarde. O bar 2 abre nos dias de semana, mas tem poucos frequentadores, compatível com o uso das quadras do trecho C. Já o bar 1 junto ao skate park, sempre esteve aberto e com usuários.

As quadras do parque são definidas para usos diversos, em sua grande maioria poliesportiva, onde os usos sempre foram compatíveis. No trecho C, observou-se que a última quadra foi apropriada por grupos de patinadores atribuindo a ela esta função, onde ocorrem desde aula até exposições de patinadores.

O **comportamento** dos usuários é diferente nos finais de semana, quando comparados aos dias da semana, atribuído principalmente pela observação das atitudes, das relações e do uso dos ambientes analisados durante os passeios

walkthrough (Rheingantz *et al*, 2009). Nos finais de semana, há uma aglomeração de grupos. Foram observados, usuários no gramado fazendo piquenique, sentados em cadeiras de praia conversando e compartilhando bebidas trazidas em coolers, ou tomando chimarrão estendidos sobre um tapete. Havia pequenos grupos se exercitando, jogando vôlei, andando de patins, patinetes e bicicletas. Tais atividades estão incluídas na pista de rolamento que limita o parque, que é fechada aos domingos e feriados, ou seja, há apropriação desta avenida nestes dias.

O **comportamento** nos playgrounds deve ser destacado, pois nos dias de semana, possui pouca adesão, e nos finais de semana, são visualizados adultos aglomerados cuidando de suas crianças. Ainda, foi observada a escolha de espaços vazios para encontros em grupo, em vários pontos na amplitude do parque.

4.3.4 Compatibilidade de uso e projeto

De forma geral, pode-se dizer que os usos das áreas do parque correspondem ao projeto. Todavia, podemos citar algumas exceções percebidas: A pista de caminhada é uma delas. Percebe-se uma concentração maior de caminhantes na esplanada. O playground (2) é utilizado por um número maior de adultos com pets em relação ao uso por crianças, talvez pelo fato de estar próximo à academia e ao bar.

Junto às arquibancadas, na área de piso de concreto alisado, percebe-se o uso por patinadores ou crianças com patinetes, pois não tem uma área específica para esta prática. Há uma quadra destinada às práticas poliesportivas onde os praticantes de patinação se apropriaram para ministrar aulas.

Em todas as visitas ao parque, incluindo as coletas, é perceptível a apropriação do skate park por simpatizantes e praticantes do esporte, cuja área é a de maior densidade de ocupação e uso em todas as coletas, inclusive nas manhãs quando diminui a taxa, o skate park sempre está ativo, sendo a atividade que contribui para a maior ocupação do parque no trecho A, que juntamente com o trecho B, onde estão as quadras poliesportivas, são mais atrativos aos usuários que o trecho C.

O eixo cívico, cujo design biofílico traz elementos verdes com diversas alturas e desenhos orgânicos, instiga o uso por crianças e pets, seja para andar sobre eles de bicicleta, ou simplesmente correr sobre os mesmos.

Percebe-se nos finais de tarde dos finais de semana, que nos gramados próximos à borda do rio, muitos grupos se apropriam do lugar para estender uma

toalha, tomar chimarrão, conversar e contemplar a vista. Tal ação não foi identificada nos dias de semana, pelos menos durante as coletas da investigação.

Exceto as menções acima, os usos dos parques são compatíveis com os projetados por Jaime Lerner, conforme a apropriação do público percebida pela pesquisadora.

4.4 APROPRIAÇÃO DO PARQUE JAIME LERNER

Apresentado os resultados obtidos pela **caracterização do caso**, o comportamento de **ocupação**, e o comportamento de **uso** no parque, faz-se uma análise para discorrer sobre **a apropriação do parque**, correspondendo ao objetivo específico 4, bem como a resposta da pergunta da pesquisa, levando-se em consideração os resultados dos levantamentos, passeios walkthrough e mapas comportamentais.

4.4.1 Os acessos ao parque

Até o final desta investigação, os usuários acessam o parque a partir de dois pontos enquanto veículos: junção das Avenidas Ipiranga e Edvaldo Pereira Paiva no sentido centro-bairro, ou a mesma Edvaldo Pereira Paiva no sentido bairro-centro, nos dias de semana, pois o primeiro sentido é interrompido nos finais de semana. Se considerarmos o acesso de pedestres, temos ainda o eixo cívico que atravessa o Parque Marinha do Brasil, ligando-o à Avenida Praia de Belas, bem como a nova Travessia da Orla, recém inaugurada, em outubro de 2023. Estes acessos permitem que usuários que utilizam transporte público cheguem ao parque, conforme ilustrado na figura 19. Mesmo com a localização na borda da cidade, não há um píer ou qualquer outro tipo de equipamento que permita o acesso ao parque pelo rio.

4.4.2 Estacionamentos junto ao Parque

O parque possui um estacionamento com 150 vagas, com serviço de parquímetro, portanto serviço pago, junto ao trecho nomeado A (Fig. 37), próximo ao skate park, e a travessia da orla, junto ao Parque Marinha do Brasil. Este estacionamento, durante os finais de semana, nos horários das coletas, estava lotado.

Tem-se ainda outros dois estacionamentos próximos, incluídos no complexo do Parque Marinha do Brasil. Um deles possui um serviço de parquímetro, e outro gratuito. Ainda pode-se contar com o estacionamento do shopping Praia de Belas, e outro sob o viaduto: ambos são pagos. É importante acrescentar que nos finais de semana, a via sentido bairro-centro da Avenida Edvaldo Pereira Paiva é fechada e liberada para estacionar.

4.4.3 Caminhabilidade

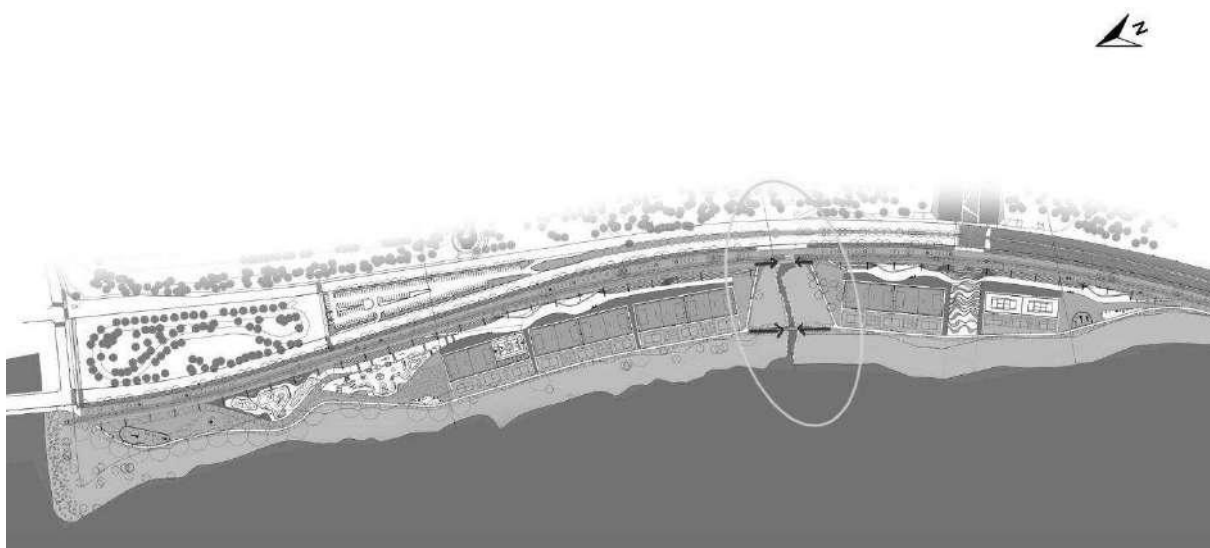
O parque possui pista própria para a prática de caminhadas, além da esplanada. É na esplanada que se observa maior intensidade de uso por parte dos caminhantes. O fato de a pista própria para caminhada ser mais utilizada por ciclistas e até por seguranças com motocicletas, foi relevante para nos questionarmos o porquê deste comportamento. Ao fazer as coletas nos finais de tarde, percebe-se que, nesta área, a iluminação tem menor intensidade em relação à esplanada do parque junto à via, e possui a vegetação que reveste a borda. O fato desta pista estar na cota mais baixa do parque, pode favorecer a sensação de insegurança no local e, conseqüentemente, afastar os usuários.

Os pisos do parque estão em boas condições, na sua maioria em placas de concreto, concreto alisado, paralelepípedos, blocos intercalados com grama, e areia. Não há obstáculos, incluindo as trocas de pisos, onde tudo está bem sinalizado.

Há uma passarela em aço corten sobre um córrego que deságua no Rio Guaíba, entre os trechos B e C desta investigação. Caminhar sobre ela é um evento, causa certo impacto e estranheza, quando o som dos passos reverbera nas paredes da passarela fechada até uma altura de 90 centímetros. A mim, causou a necessidade de passar rápido, no trajeto que se afunila, diante da amplitude do parque.

Considerando os deslocamentos, percebe-se que a passagem de um córrego que atravessa o parque, que neste trabalho, separa o trecho B do C, pode contribuir para a menor ocupação no trecho C. A massa verde e a passarela de aço corten que envolve a passagem do córrego, são obstáculos para interação entre os trechos. Inclusive, quem usufrui do parque caminhando, por exemplo, não consegue visualizar o trecho seguinte e toda a extensão do parque, cabendo lembrar que a percepção é um elemento mediador entre o ser humano e o meio ambiente (Del Rio, 1996). A figura abaixo ilustra esta descrição.

Figura53– Córrego entre trechos B e C



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Sendo assim, o trecho C torna-se bastante independente dos outros. Por incluir o eixo cívico, um nodal, eixo de ligação com o Parque Marinha do Brasil, a circulação entre os dois parques neste trecho torna-se facilitada. Mas ainda assim, em todas as coletas a ocupação deste trecho foi menor em relação a dos outros.

Nos finais de semana o espaço, para caminhar se amplia, assim como o parque, com o fechamento de uma das pistas da Avenida Edvaldo Pereira Paiva, sendo esse espaço intensamente utilizado neste período.

4.4.4 Ambulantes

O projeto do parque contempla três bares na parte inferior da esplanada. Conforme recorte da investigação, um bar fica no trecho B, e outros dois no trecho C. Existe ainda um bar no container instalado junto ao skate park no trecho A. Porém o projeto de Jaime Lerner não contempla espaços para pequenos negócios que normalmente são feitos por ambulantes, como venda de pipoca, churros, etc. Este segmento de mercado se apropriou de uma área que conecta os dois parques vizinhos, próxima ao estacionamento principal do parque Jaime Lerner, junto à travessia da orla, junto ao Parque Marinha do Brasil. De forma provisória, estão lá desde o início da pesquisa (Fig. 54).

Não se observou outros ambulantes no parque nos dias de semana, mas nos finais de semana, com o movimento mais intenso, percebem-se carrinhos de pipocas e até venda de churrasquinhos na esplanada nos finais de tarde.

Figura 54 – Estacionamento + ambulantes



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Objetivo específico 3

4.4.5 Apropriação da borda pelo usuário

Cinco meses após a inauguração do parque, inicia-se esta pesquisa. Mesmo antes de investigar, a pesquisadora frequentava a obra e acompanhava os primeiros meses após a inauguração. Se refletirmos sobre todo este tempo de existência do parque, incluindo o olhar frequente da pesquisadora nas coletas, utilizando os métodos abordados, pode-se concluir que os usuários, cidadãos porto-alegrenses ou não, se apropriaram do parque e o acolheram como um novo espaço público da cidade.

Se referenciarmos o abandono da área por décadas, os impasses enfrentados quando se tratava de uma possível revitalização, até a concretização do projeto propriamente dito, foi um longo caminho percorrido. Eu mesma, nascida na década

de 70, nunca havia experienciado esta área, no máximo, tinha a experiência de passar na Avenida e avistar o abandono da borda. É esperado que após a revitalização desta área, os usuários usufruam da mesma. Mesmo que esporadicamente, a borda da cidade é vista de outra forma pelas pessoas. Há um grande número de usuários no parque, a pesquisa aferiu. Se a apropriação se reflete a partir da atividade humana, variando apenas sua intensidade, podemos dizer que há uma apropriação deste espaço e a constituição de um novo lugar na cidade.

Esses 1,6 km da borda da cidade fazem parte da reintegração do rio ao cotidiano da vida urbana, no lugar que oferece práticas diversificadas com espaços de lazer, esportes, encontros e contemplação da paisagem e visuais urbanos.

Em todas as visitas ao parque, incluindo as coletas, é perceptível a apropriação do skate park por simpatizantes e praticantes do esporte, cuja área é a de maior densidade de ocupação e uso em todas as coletas, inclusive nas manhãs quando diminui a taxa, o skate park sempre está ativo, sendo a atividade que contribui para a maior ocupação do parque no trecho A.

Considerando, a classificação da apropriação segundo os autores Cavalcante e Elias (2011) pode-se dizer que no Parque Jaime Lerner a apropriação se dá por *identificação*, quando o processo *interativo* transforma o espaço em lugar reconhecível e pleno de significado para um sujeito ou grupo social (Cavalcante; Elias, 2011).

Ainda sobre apropriação, podemos citar também a apropriação da borda da cidade pelo poder público e pelas águas da enchente, conforme discorreremos a seguir.

4.4.6 Apropriação do espaço pelo poder público

Durante o período da investigação, praticamente desde a inauguração do parque, e antes ao tratar do Parque Moacyr Scliar, versam sobre a apropriação da borda da cidade pelo poder público. Mesmo não sendo o foco direto deste trabalho, é relevante citar algumas questões que tangenciam a revitalização da orla da cidade.

O território da orla, era alvo de planos que não saíam do papel, até a nomeação da cidade como uma das cidades-sedes da copa de 2014, a qual veio impulsionar a própria revitalização, como citado anteriormente no início do capítulo 4.

Desde então, segundo o Núcleo de Porto alegre do Observatório das Metrópoles, a borda da cidade é objeto de mudança política por parte da Prefeitura

Municipal de Porto Alegre (PMPA), a qual adota um modelo de gestão empresarial que implica na forma de regular o território com a adoção de um conjunto de instrumentos de empreendedorismo urbano e de fortalecimento do mercado, ou seja, facilitam a liberalização e a flexibilização das regulamentações urbanas e o incentivo das diversas formas de parcerias público-privadas. Assim, usam a Orla do Guaíba como “frente de valorização” atrativa e promotora de investimentos de um dos principais territórios em disputa na cidade (Soares *et al.*, 2021). *Fomentando as revitalizações com a intenção não apenas de promover o bem-estar social, mas promover também a cidade como um palco para o consumo de bens e serviços.*

Passados dez anos após a Copa do Mundo, longe de realização plena, o projeto de revitalização da Orla do Guaíba é motivo de polêmica. Embates entre poder público e sociedade acontecem frequentemente na iminência de minimizar impactos negativos entre as parcerias público-privadas, as quais viabilizam a execução dos ditos Grandes Projetos Urbanos. A partir disso, vale examinar um exemplo.

Na avaliação de grandes eventos que impulsionaram revitalizações, destaca-se o caso de Barcelona, cidade-sede das Olimpíadas de 1992, onde o projeto para a cidade a transforma em polo turístico, além de evidenciar a cidade no hall das cidades globais, convertendo-a à condição de “cidade marca”, enquanto, também um centro de inovação. Foram estudados mecanismos de intervenção urbanística que a adaptaram ao papel de cidade lócus do consumo (Lima, 2018). O caso é muito semelhante ao discurso por parte da atual gestão da cidade de Porto Alegre.

Neste caso, referencia-se o livro *Arquitectura Y Política* de Montaner y Muxí (2011, cujo capítulo sobre turismo e tematização de cidades, traz o caso Barcelona, revelando a política do desenvolvimentismo, consumo do território e substituição contínua do tecido, que se apropria de locais potenciais da cidade, onde a modelagem voltada para o consumo, serve para mascarar a especulação, simplificando e embalando a história e a imagem do lugar para rapidamente ser consumida. Na ânsia de promover a cidade, desrespeita o ambiente social, a cultura e as estruturas vitais para a cidade, como a história e memória - força do lugar, esquecendo ainda os cuidados ecológicos (Montaner; Muxí, 2011).

Os autores dizem ainda que a tendência de modelagem para consumo é rápida, exclui a complexidade dos processos e as tensões entre a dimensão global e o local, apagando a memória viva do lugar (Montaner; Muxí, 2011).

Sugerem como hipótese para a revitalização de trechos importantes da cidade, seja a orla, ou aqueles com vocações turísticas, que devemos propor a participação da sociedade, dos cidadãos e da governança (Montaner, Muxí; 2011). Já tivemos um formato participativo referente em outros tempos atrás, que ouvia, acolhia, organizava, e traçava prioridades para a cidade a partir dos pontos de vista dos habitantes em acordo com as políticas, o orçamento participativo¹⁰ Os autores Montaner e Muxí, apontam como uma alternativa coerente, para que estes tecidos urbanos não sejam engolidos pelo sistema, a ação dos habitantes, exigindo de seus gestores uma atuação responsiva proporcionando mais qualidade de vida a partir de investimentos nos espaços de domínio público, respeitando a complexidade destes lugares, seus limites e ainda o direito à cidade (Montaner, Muxí, 2011).

Com isso exposto, faz-se importante a atenção sobre a apropriação deste espaço público da borda da cidade. Trata-se de um espaço originário, identitário, de valor inestimável, que permeia uma grande extensão da capital gaúcha.

4.4.7 Apropriação do espaço pelas águas das enchentes

Ainda dentro do período desta pesquisa, houveram três apropriações da água sobre este trecho 3, assim como boa parte dos 70 km de extensão da orla da capital. Por esse motivo, entende-se a importância de citar os episódios, inclusive por influenciarem no calendário das observações que compõem o mapa comportamental.

Faz-se um recorte com informações acerca das águas do Rio Guaíba: tem sua formação em quatro rios que nele desagüam: o Rio Jacuí, de grande porte, que contribui com 84% das águas que chegam ao Guaíba; os Rios Caí e Sinos, de médio porte, que drenam as terras altas do planalto e o Rio Gravataí, de pequeno porte, que nasce em um banhado e percorre nove municípios da Região Metropolitana recebendo vazão de 19 afluentes. Estes vão desde o Delta do Rio Jacuí, o encontro dos quatro rios até a Ponta do Gasômetro onde inicia o segundo sistema - o Lago Guaíba - que segue seu curso até encontrar a grande Laguna dos Patos (Miranda, 2014).

¹⁰ O Orçamento Participativo (OP) é um processo pelo qual a população decide, de forma direta, a aplicação dos recursos em obras e serviços que serão executados pela administração municipal. Foi implantado em 1989. Por ser um importante instrumento de participação popular, tornou-se referência para o mundo (Porto Alegre, 2024).

A zona urbana é drenada internamente por vários arroios: os arroios Casacata, Teresópolis, Passo Fundo, Cavahada, Mangabeira, Águas Mortas e, destacando-se, o arroio Dilúvio, o qual tangencia o trecho 3 da orla (Miranda, 2014).

As coletas previstas para o mês de setembro de 2023 não aconteceram devido a uma inundação da área do parque. Ao todo, a capital gaúcha registrou 447,3 milímetros (mm) de chuva no mês, valor 203% acima da média histórica, que é de 147,8 mm (INMET, 2023).

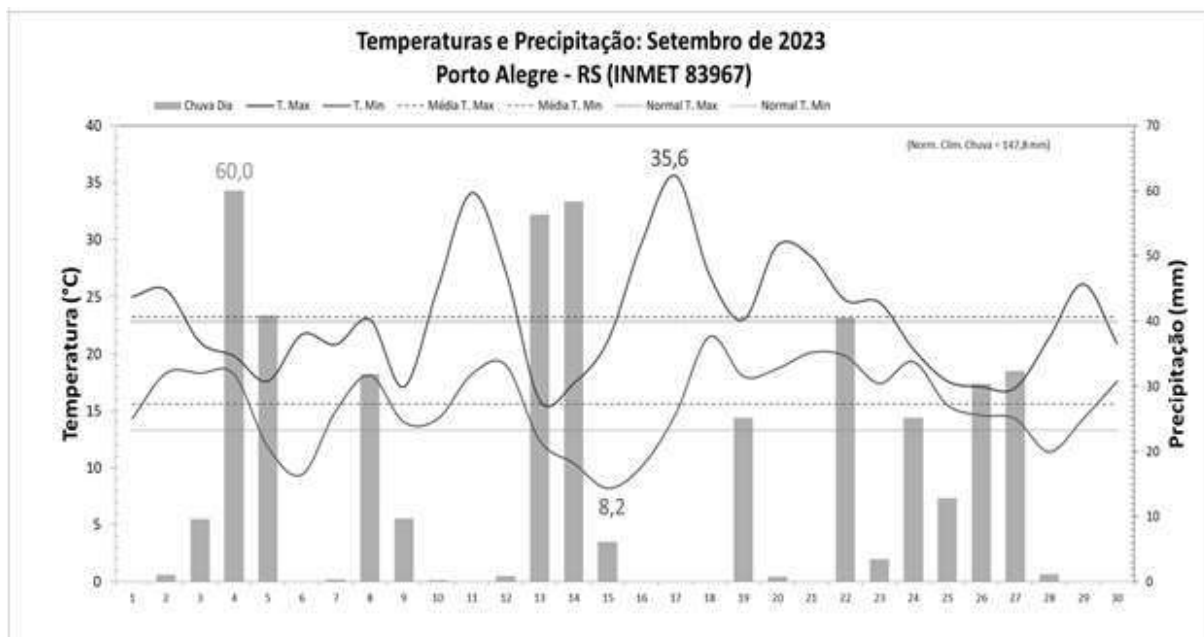
Figura 55 – Enchente Set. 2023



Fonte: Joel Vargas/Governo do Estado – Sul21.

Na figura 55 acima, pode-se perceber que a água chegou junto as quadras poliesportivas, próximo às arquibancadas, no trecho B atribuído nesta pesquisa, quando os dias 4 e 5, e 13 e 14 de setembro, foram os dias de maior precipitação no mês, conforme gráfico do Instituto Nacional de meteorologia (Brasil, 2023).

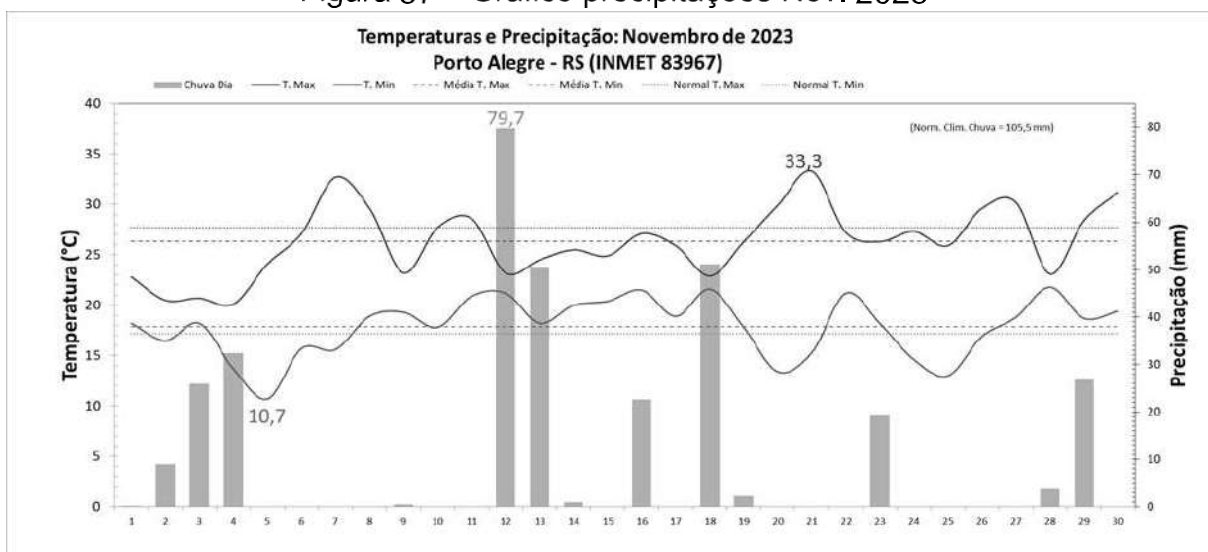
Figura56– Gráfico precipitações Set.2023



Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia.

Em novembro do mesmo ano, 2023, as precipitações voltam a se avolumar e a inundação novamente avança na área do trecho 3 na Orla do Guaíba. Nesse mês, totalizou 325.1 milímetros (mm) de chuva, valor quase três vezes acima da normal, que é de 105,5 mm neste período, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia, conforme o gráfico apresentado abaixo:

Figura 57 – Gráfico precipitações Nov. 2023



Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia.

O período dos dias 12, 13 e 18 de novembro de 2023 foi de maior precipitação, conforme a base de referência Normal Climatológica do INMET (1991-2020).

Figura 58 – Enchente Nov. 2023



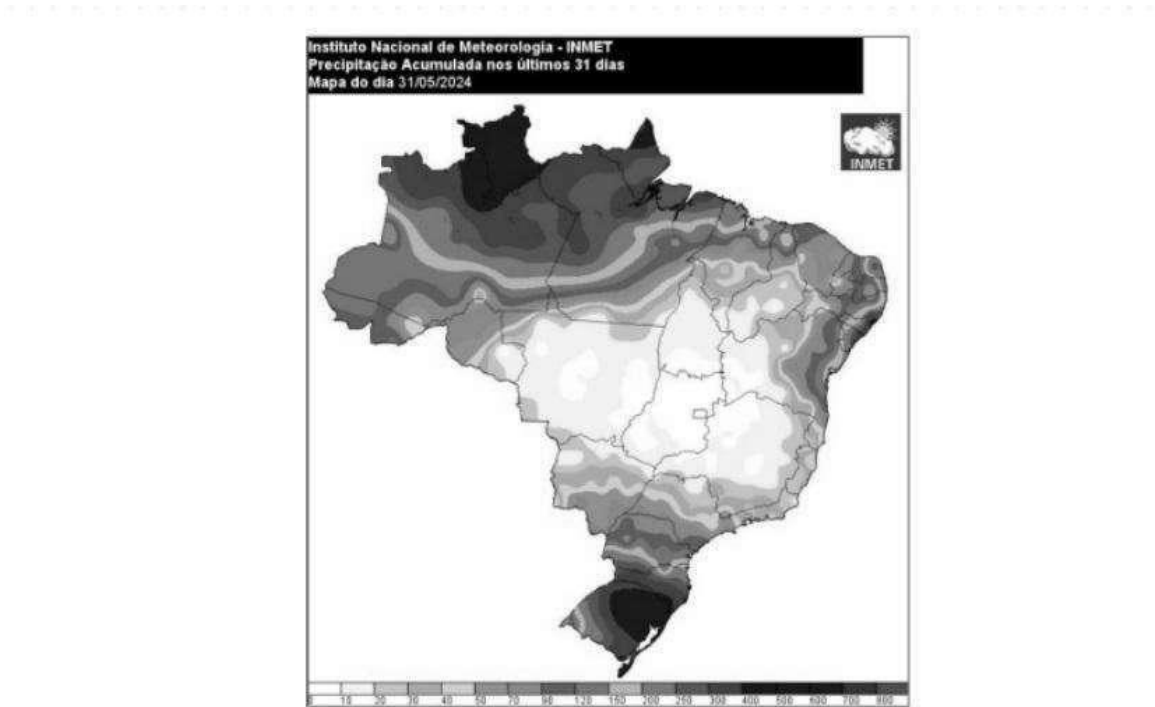
Fonte: Jefferson Botega - Agência RBS.

Nesta inundação, a água chegou até o final das quadras no mesmo trecho B citado no episódio do mês de setembro de 2023. Assim como no evento anterior, as

quadras ficaram interditadas, considerando as quadras de areia próximas à borda do rio, parte delas só foram liberadas no mês de dezembro de 2023. As quadras poliesportivas foram liberadas em torno de duas a três semanas após os eventos. Por esse motivo, a segunda fase das observações foi retomada em meados de outubro, e a terceira fase no início de dezembro de 2023, encerrando as atividades de coletas em 15 de dezembro de 2023.

Mesmo com as coletas encerradas, é importante salientar que durante a escrita final deste trabalho, houve uma terceira inundação no trecho 3 da orla, superando a marca da enchente de 1941, a maior registrada no estado do Rio Grande do Sul. O mês de maio de 2024 está inscrito na história, conforme informações do Instituto Nacional de Meteorologia, pois o volume de chuvas jamais visto na cidade, atingiu um acumulado excepcional. Abaixo apresenta-se o mapa de precipitações no período, onde Porto Alegre registra 536,6 mm na tabela do InMet, quando a média normal para o período é de 112,9mm, segundo a tabela abaixo. Figura (Brasil, 2024).

Figura59– Mapa precipitações Maio 2024.



Mapa do acumulado de precipitação (chuva), em milímetros (mm), nos últimos 30 dias (áreas mais chuvosas, em azul escuro, e menos chuvosas, em verde claro/amarelo).

Fonte: Brasil, 2024.

Figura 60 – Precipitações acumuladas Maio 2024

Precipitação (chuva) total acumulada em Maio de 2024 nos estados no Rio Grande do Sul, Roraima, Sergipe, Rio Grande do Norte e Maranhão.

	MUNICÍPIOS	Total de chuva (mm) Maio/2024	Média – Normal Climatológica (mm) Maio	Desvio de chuva em (mm) Maio/2024
Rio Grande do Sul	Caxias do Sul	845,3	131,4	713,4
	Santa Maria	617,1	136,6	480,5
	Bom Jesus	556,4	118,9	437,5
	Porto Alegre	536,6	112,9	539,9

Fonte: Brasil, 2024.

Sendo assim, a borda da cidade novamente é invadida pela água, porém desta vez alcança as arquibancadas no Parque Jaime Lerner, invadindo os bares, as quadras e o skate park. Em alguns dias com ventos mais fortes, formam ondas no rio, conforme os registros da autora nos dias 13 e 14 de maio de 2024.

Figura 61 – Inundação trecho 3 -Maio2024



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2024.

Segundo a secretária Municipal de Esporte, Lazer e Juventude, Ana Paula Bastos, em entrevista ao site GZH, ainda não se tem estimativa dos prejuízos e sinaliza-se avaliação das quadras e provável substituição da grama sintética e das areias. Entretanto as áreas de concreto como o skate park e arquibancadas estão sendo ocupadas pelos usuários, desde que as águas baixaram e a limpeza foi feita.

4.4.8 Manutenção e operação do parque

A pesquisa iniciou no quinto mês após a inauguração do parque. As primeiras visitas de reconhecimento do local através do levantamento de campo para a caracterização do caso, aconteceram de maio a agosto de 2022. O parque tinha boas condições de uso e equipamentos novos. Naquele momento percebia-se a negligência do projeto em relação aos ambulantes, como s já mencionado, pois já

havia aglomeração no estacionamento do parque. Outro dado relevante é a falta de banheiros próximo ao skate park, sendo necessária a instalação de banheiros químicos na esplanada.

Nas coletas feitas na parte da manhã, identificou-se o funcionamento dos sanitários e vestiários próximo ao skate park, os próximos ao trecho C, permanentemente fechados. Os praticantes de esportes dos trechos B e C, precisavam se deslocar até o trecho A para utilizar os equipamentos. Os bares nos trechos B e C também se encontravam fechados neste turno.

Na segunda fase das coletas, que contemplava os passeios e as observações, houve o alagamento do parque nos meses de setembro e novembro de 2023. Neste período e após, todas as quadras de areia foram interditadas e assim permaneceram até o final das coletas em meados de dezembro do mesmo ano, bem como as quadras de grama sintética. O restante do parque foi liberado para uso assim que as águas baixaram em novembro de 2023, pois estavam em bom estado de conservação.

Pode-se considerar que *o parque está bem conservado*. Vale registrar apenas que os chuveiros externos, juntos aos vestiários, nem sempre estavam funcionando durante as visitas de coletas.

A varrição do parque sempre esteve em dia, inclusive há sempre garis circulando no parque, bem como seguranças de motocicletas. Aos finais de semana viaturas da guarda municipal reforçam o contingente, bem como uma unidade móvel da brigada militar instala-se no estacionamento do parque.

No trecho A, na esplanada junto às arquibancadas próximo ao skate park, há um totem de abastecimento de água potável gratuita, mediante anuência através de aplicativo de empresa particular chamada Purificatta. Além desta possibilidade, há água potável nos sanitários e bebedouros entre os trechos A e B oferecida de forma gratuita e nos bares mediante aquisição.

4.4.9 Síntese sobre a apropriação do parque

A apropriação do parque é efetiva quanto a sua vocação esportiva. Considerando o projeto, sua amplitude e materialidade, o parque urbano se mostra como um contraponto ao Parque Marinha do Brasil, levando em conta que possui uma vasta área, munida de equipamentos que propiciam diferenciadas práticas esportivas e pouca vegetação. É clara a complementaridade dos dois parques quando refletimos

sobre as estações do ano se compararmos à quantidade de vegetação em cada uma das áreas. No inverno, o Parque Jaime Lerner acolhe o usuário nos dias de sol, e na primavera o Parque Marinha do Brasil oferece sombra. Pode-se considerar que o Parque Jaime Lerner, junto a borda do rio, é uma faixa descoberta e aberta à luz do sol. Já o parque paralelo, o Parque Marinha do Brasil, brinda a cidade com uma vasta massa verde. Assim, a simbiose entre eles é inevitável ao atender a variação climática da cidade.

Cabe realçar sobre a apropriação do parque: observa-se o espaço sendo abraçado pelo público. Em primeiro lugar, porque antes, não se ocupava aquela área da cidade. Em segundo lugar, porque é um parque com vocação esportiva, o qual propicia a prática de esportes, na área central da cidade, podendo receber usuários de todos os bairros, inclusive durante a pandemia, pois o parque foi inaugurado durante o episódio pandêmico.

Logo, a borda da cidade sobre o aterro Praia de Belas, produz uma grande faixa onde repousam dois parques, os quais os usuários se apropriam para práticas esportivas, lazer, contemplação e turismo, bem como apropriação espoliativa do Rio Guaíba pelos usuários da cidade.

5 CONCLUSÕES

Este estudo propõe-se a compreender o espaço revitalizado, ao descrever como os indivíduos ocupam, usam e se apropriam do Trecho 3 da orla do Guaíba, Parque Jaime Lerner, nos dois primeiros anos de sua existência. Para tal, investigou-se o ambiente construído seguindo três pilares, a *origem* do espaço, o *sentido* e o *impacto* da obra do espaço público Parque Jaime Lerner.

Através da revisão de literatura, constatou-se a importância dos parques urbanos na cidade, os quais assumem um *papel central* no desenvolvimento de planos e projetos urbanos. Também observou-se o papel real de espaço livre público dedicado ao lazer da população urbana. Com isso, *o parque público é um elemento típico da grande cidade moderna*, estando em constante processo de recodificação (Macedo; Sakata, 2010).

Neste sentido, o problema de pesquisa reflete sobre o antes e depois da revitalização, compreendendo a evolução do local, a morfologia, o projeto e o impacto da transformação deste espaço da cidade, bem como descreve as relações da pessoa no ambiente, e avalia a correspondência entre os usos planejados e efetivados, a ocupação e a apropriação, remetendo a pergunta de pesquisa: “*Como é a ocupação, uso e apropriação do Parque Jaime Lerner?*”

O Parque Jaime Lerner é o resultado de um projeto muito aguardado, principalmente pelos cidadãos porto-alegrenses. O local em estado de abandono por muito tempo, vislumbra a revitalização a partir da nomeação da cidade como sede de um grande evento como a Copa do Mundo.

A entrega da obra, em 2021, provoca o interesse em compreender a apropriação deste espaço livre, urbano e público da capital gaúcha. Logo, o caso do Parque Jaime Lerner, analisado durante os anos de 2022 e 2023, propicia as seguintes conclusões.

Segundo a temporalidade, existem peculiaridades a ser citadas em relação ao inverno e à primavera, estações em que foram feitas as coletas, em relação aos dois parques, o caso em estudo e o vizinho Parque Marinha do Brasil. As estações observadas influenciam na **ocupação** e no **uso** do equipamento urbano observado. No inverno, as pessoas buscam o sol no Parque Jaime Lerner, o qual é mais árido. Na primavera, buscam a sombra oferecida pelas árvores do Parque Marinha do Brasil. Esta alternância, ratifica a relação entre eles. O eixo cívico e a travessia da orla são

passarelas com características de nós (nodes) ou intersecções que favorecem a relação (Del Rio, 1996).

No âmbito do comportamento dos usuários na inter-relação com o ambiente construído urbano, pode-se dizer que *há uma relação positiva* com a obra arquitetônica. Os usuários se apropriaram do parque e, conseqüentemente, daquela área da cidade até então abandonada. *Os usuários ganharam um espaço da cidade.* Foi oferecido, por parte da municipalidade, um parque. E ainda, dentro dele, há um skate park, o qual contempla praticantes de uma modalidade olímpica que ascende no cenário esportivo, cuja área foi recebida com entusiasmo comprovado pelos dados e mapas comportamentais desta investigação. Neste caso, a apropriação ocorre por identificação, pelo processo de interatividade, o qual dota o entorno de um *significado* para a pessoa e para os outros (Cavalcante; Elias, 2011).

Destaca-se o skate park como o equipamento do parque onde os usuários se apropriaram de fato do espaço, tornando-o *seu lugar*, como traz Tuan (1983) em seus escritos. Um **comportamento** que se justifica quando considera-se que nas grandes cidades, as aglomerações, as relações de troca, estão baseadas em critérios de semelhança, como interesses, valores e crenças (Moser, 2018b) Inclusive, *o território do parque destaca-se dentro do cenário da cidade* se levarmos em conta a vocação do equipamento urbano de proporcionar práticas esportivas, lazer, turismo e conexão com o rio.

Pode-se considerar o skate park como um local de apego coletivo pelos usuários, ao relacionar-se com os estudos de Scannell e Gifford (2010) segundo a dimensão relacional, que corresponde à interação dinâmica cotidiana e às características do ambiente. Isso se justifica no fato de que o ambiente construído se propõe à prática do skate, aguçando valores e símbolos do grupo, cujo comportamento é expresso por meio de ações como a manutenção, a proximidade dos pares e a reconstrução do lugar se considerarmos a instalação do contêiner onde funciona o bar, e a loja de equipamentos de skates (Scannell; Gifford, 2010).

Se considerarmos a pertença grupal na cidade, Moser (2018) diz que os indivíduos se agrupam espontaneamente, ou são agrupados no tecido urbano, em função de suas afinidades sociais, culturais e econômicas, que tendem a demarcar-se na comunidade. Logo, pode-se dizer que o parque é cenário de pertença de vários grupos que ali se expressam.

Para Koga (2011, p.35), “anoção de território se constrói a partir da relação entre o território e as pessoas que dele se utilizam”, sendo assim, a Avenida Edvaldo Pereira Paiva, era acessada por veículos que trafegavam pela via, ou durante os finais de semana quando a via era fechada. Até a revitalização, este era um local de passagem. Com a criação do parque e a relação das pessoas com ele, acrescenta-se um novo território na cidade.

A entrega de um parque para a cidade, incluindo sua vocação e, a conexão com o rio, almejada por décadas, permite aos cidadãos e usuários tirar proveito da vida urbana, com isso capacita a apropriação cotidiana, conforme os achados em Moser (2018). Neste caso, entende-se por apropriação a identificação do sujeito, segundo conceitos atribuídos por Cavalcante e Elias (2011), que já demonstra uma certa busca de *preservação do local*, se considerarmos o *cuidado e a manutenção pelos próprios usuários*, e até um vínculo quando percebe-se um público fiel, como, por exemplo, no skate park.

Em estudos sobre apropriação da cidade, Moser (2018) expõe a necessidade de condições ambientais que permitam que o indivíduo se identifique com o espaço urbano. Levando em conta que *um parque traz claras contribuições à cidade*, neste caso oportunizado pela revitalização que *transforma o cotidiano e a relação das pessoas com a borda do rio*, a obra motiva a identificação com o ambiente e com isso a capacidade de apropriação a partir da convivência urbana, induzindo um *senso pertencimento*.

A considerar o artigo sobre projetos urbanos em frentes d’água (Alvim; Costa; Alves, 2018), considerações citadas *convergem* com o projeto do Parque Urbano Parque Jaime Lerner, como, por exemplo, o cuidado às preexistências ambientais, a busca por reequilibrar o ambiente natural e o construído, a integração entre o tecido urbano novo e suas áreas envoltórias, a proporcionar um *espaço de reconexão entre a população e às águas*, qualidade de vida e mais valia da borda e consequentemente, da cidade.

Observando o exposto pelas pesquisas no estado da arte, cujo objeto é a orla da cidade de Porto Alegre, pode-se apreender outras convergências de narrativas acerca deste estudo:

Para Farias (2021), a especialidade do parque contribuiu como um *respiro*, uma fuga durante a pandemia. E como legado deste processo, percebe-se a valorização do espaço público, a qual pode-se constatar na pesquisa que examina a apropriação

do Parque Jaime Lerner, cujo espaço antes abandonado, é resgatado através do projeto, sendo acolhido pelo usuário que apropriou-se deste território da cidade.

Perseu (2021) esteve atento à experiência, à sensibilidade, à forma de vida e à lógica de produção do espaço da orla na cidade. Ao olhar para o Parque Jaime Lerner, os métodos seguem a lógica do caminho percorrido por Perseu, quando busca observar atentamente o cenário e as pessoas, ou seja, a experiência. Ele até mesmo pontua a tematização e a lógica de consumo da cidade. Contudo, o objetivo de entender as relações no espaço extrapola a conclusão de Perseu, que se refere à simplificação ao produzir sentido. Pelo contrário, ao buscar métodos que incluíam passeios e observações, pôde-se caracterizar e compreender o comportamento do usuário em ação no espaço e tempo, concluindo que há apropriação efetiva com requintes acerca da experiência. Atribui-se ao recorte desta pesquisa, a resposta carregada de particularidades.

No terceiro trabalho, Soares (2022) retrata a interação das pessoas no território da cidade em especial às camadas sociais que acessam os trechos da orla. A pesquisa conclui que pessoas brancas, de classe média e moradoras das regiões centrais foram a maioria dos usuários, e que o parque apresenta um baixo potencial de interação social e sociabilidade entre indivíduos de diferentes condições socioeconômicas. Embora a pesquisa que olha exclusivamente para o Parque Jaime Lerner, não atribua o mesmo enfoque, percebe-se uma diversidade de usuários nos diversos espaços do parque. Soares (2022) também cita a falta de proximidade entre pessoas, apesar dos espaços variados. Concorde-se que são identificadas as várias possibilidades de interação e a falta de proximidade quando há grupos utilizando os equipamentos, ou seja, grupos que utilizam as quadras e outros que utilizam as pistas de skate, por exemplo, permitindo várias formas de apropriação, as quais estão descritas nesta pesquisa.

Dando importância para as intenções de Jaime Lerner, acerca do desígnio da obra registrado no capítulo 4.1.10, o Parque urbano da orla é *um projeto de regeneração urbana e ambiental que afeta e afetará positivamente a qualidade de vida dos porto-alegrenses*. Pode-se dizer ainda, que conceitualmente Jaime Lerner buscava contemplar em seus projetos de espaços públicos, as pessoas, quando *exalta a qualidade de vida, o senso de pertencimento, a felicidade, e a boa resposta psíquica*.

A pesquisa que buscou compreender a relação das pessoas com o ambiente construído, revela pela análise dos dados, *uma relação efetiva e positiva das pessoas com o novo espaço urbano*. Ressalta-se que os dados qualitativos que compõem os levantamentos, os passeios walkthrough e as observações que compuseram os mapas comportamentais respaldam e justificam o diagnóstico mencionado.

Além de todas citações e correlações expostas até aqui, há ainda uma descrição relacionada a experiência como pesquisadora, sensível e atenta ao processo, que pode contribuir e até subsidiar o planejamento de outros projetos de revitalização.

É fato que áreas negligenciadas das cidades devem receber devida atenção. Portanto, a revitalização é uma forma de beneficiá-las e consequentemente todo o cotidiano de uma cidade.

O verbo revitalizar, traz na sua ação, uma nova vida, e ainda completaria, traz novas vidas. Foi esta a percepção que tive durante a pesquisa. Vidas se aproximaram do rio, da borda, do centro, da cidade.

Espaços abandonados, invisíveis, podem se tornar além de visíveis, intensos, revigorantes, qualitativos e até lucrativos, ao propor uma re-vita-lização. Muitas vezes não é necessário destruí-los, e sim, ressignificá-los. Foi com base neste pensamento que propus estruturar a pesquisa com os pilares origem, sentido e impacto. Levantar aspectos relevantes que possam embasar a manutenção da história, memória, sentimentos, impressões, acerca dos lugares, que possam sustentar sua manutenção.

Apresentar uma nova proposta para espaços esquecidos, além de torná-los lugares, podem sanar alguma deficiência funcional no cotidiano da cidade. No objeto desta pesquisa constatou-se a apropriação de grupos específicos em algumas áreas do parque, concluindo que oferecer estudos que contemplem diversas funções, promove afinidades sociais, culturais e econômicas, tornando-se um atrativo sob o ponto de vista governamental em várias instâncias – pessoas acolhidas, cidade vivida.

Quando as pessoas se identificam, tornam o espaço um lugar – seu lugar. Com isso, além de cuidá-lo, vinculam-se, engajam e o oferecem aos outros.

Resgatou-se ao longo da pesquisa, algo que já era conhecido, porém esquecido. A inovação nem sempre é propor algo construído do zero, é trazer o novo. E este pode ser estabelecido a partir de algo antigo, desgastado, mas que ainda pode se regenerar. Ou ainda tem uma história importante a preservar. Quando tratamos de

áreas costeiras, bordas, na sua grande maioria carregam histórias originais de cidades. Sendo assim, maior a relevância na sua preservação através da revitalização.

Um levantamento de áreas e espaços relevantes nas cidades pode oferecer uma relação de potências arquitetônicas, quando consideramos a origem, sentido e o impacto que possam ter para a cidade. Tornar conhecido o cenário. Não simplesmente para atribuir função que alicercem investimentos, mas que atribuam antes, significados. É com uma base forte que pode-se garantir o nascimento de algo novo, apropriado e relevante, em qualquer área, principalmente na arquitetura e urbanismo. Está documentado nesta investigação.

A interação das pessoas com os espaços que se tornam lugares, deve ser alicerçada, fazer sentido para as pessoas, e assim possibilitarem um impacto positivo na vida, na cidade e para a cidade.

Quando se resgata valores pré-existent de uma sociedade, através da obra arquitetônica, os cidadãos se sentem representados, acolhidos, incluídos, promovendo senso de pertencimento ao lugar, à cidade. E afinal, a quem a cidade serve, senão aos seus cidadãos? Esta pergunta provoca uma atenção, que pode se converter em tensão quando constatamos alguns movimentos contemporâneos acerca das cidades e dos espaços ociosos que nelas existem. Dar a devida atenção aos locais públicos e privados dentro da cidade, em conformidade com os anseios da sociedade, é um fator relevante para a manutenção de uma cidade ativa, saudável, igualitária, que promova qualidade de vida para as pessoas.

Observa-se neste trabalho a importância dos parques na cidade, a relevância na vida dos usuários e o quanto pode-se evoluir na prática das revitalizações, quando se salienta outros casos e outros vieses pesquisados. Tudo que aqui está compilado, deve ser considerado. Espera-se a ampliação de olhares sobre outros locais potenciais da cidade que subsidiem estruturalmente (origem – sentido – impacto) outros projetos de revitalização em prol das pessoas, de suas histórias, suas necessidades e como legado para as próximas gerações.

5.1 IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS

O tema abordado neste estudo mostra-se relevante à medida que pretende revelar como as pessoas se apropriaram do Parque Jaime Lerner, logo após a entrega para a cidade.

O estudo evidenciou a ocupação efetiva das pessoas principalmente nos finais de semana e finais de tarde. O uso se mostrou compatível com os planejados por Jaime Lerner. O trecho C, estipulado neste trabalho, se mostrou menos utilizado em comparação aos trechos A e B nos respectivos períodos. Sendo o skate park o equipamento com maior intensidade de uso em todas as observações.

A ocupação e os usos se dão de formas diversificadas nos finais de semana quando o parque recebe maior público. Nos dias de semana o uso corresponde às especificações do projeto, inclusive com adesão de usuários organizados por times e aulas sendo praticadas, ou seja, o parque serve de apoio às atividades esportivas de várias comunidades.

A pesquisa conclui que o parque além de tratar a borda da cidade, entregando um equipamento urbano de uso público, desenvolve um papel fundamental na geografia do lugar, quando a esplanada do parque construída no platô do talude, acolheu as águas que transbordaram do Rio Guaíba nas três inundações que ocorreram durante o período de execução este trabalho.

Outro ponto relevante citado no trabalho que merece destaque aqui é a apropriação do poder público sobre o parque: tratar a orla como prioridade para o cidadão usuário, aliás, um direito à cidade. Da mesma forma, é um dever da governança manter o espaço público. Se torna importante ressaltar que a revitalização antes é um instrumento de reapropriação de um espaço, no caso, público. Logo deve ser observada com cautela a apropriação para promoção da cidade como um modelo de consumo, a alcançar investimentos ou turismo de massa.

Este trabalho estrutura-se apontando a *origem*, o *sentido* e o *impacto* da obra do parque na cidade, através da análise da relação pessoa-ambiente. Isso é feito para que os dados possam respaldar novas revitalizações e ainda, promover o significado do agora lugar, impedindo que o modelem para o consumo, simplificando o seu valor, embalando sua história, promovendo uma imagem para exploração pelo poder público. Consideramos o que Montaner e Muxí (2011) referem sobre o caso de Barcelona, cuja ânsia de promover a cidade, desrespeita o ambiente social, a cultura e as estruturas vitais para a cidade, como história e memória, sem esquecer dos cuidados ecológicos (Montaner; Muxí, 2011).

Ao pesquisar a apropriação do parque e compreender com se dão as relações neste ambiente construído, pretendeu-se averiguar, documentar e atribuir valor à nova cena urbana, que a partir da revitalização regenera parte do ambiente originário da cidade, além de produzir um pensamento crítico acerca da complexidade do tema.

5.2 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS NO PARQUE JAIME LERNER

Por sua extensão de 1,6km e os diversos equipamentos, o Parque Jaime Lerner se apresenta complexo. Por iniciar a pesquisa logo após sua inauguração, entendeu-se pertinente abranger no estudo todas as áreas do parque, por isso, aborda-se a ocupação e uso em determinadas áreas e a apropriação como um todo.

A partir desta investigação vislumbram-se alguns aspectos interessantes que podem ser explorados em pesquisas futuras:

O skate park é um ambiente relevante dentro do parque. Estudar as interações, a ocupação em horários estratégicos, qualificar o público, compreender o senso de pertencimento, o apego ao lugar, é considerável, no local que reúne um grupo muito específico de usuários.

O eixo cívico pode proporcionar um trabalho interessante, ao analisar o comportamento diante do design biofílico do piso. O eixo como um todo, e sua intersecção com o eixo do Parque Marinha do Brasil.

Outra área relevante do parque é a Travessia da Orla, inserida no Parque Marinha do Brasil, que dá acesso ao Parque Jaime Lerner. De suma importância para a conexão dos dois parques, serve de acesso ao público que utiliza o transporte público, e torna-se um cenário propício para pesquisa.

Uma possibilidade de estudo de intervenção, seria propor um espaço adequado para os ambulantes, os quais não foram contemplados no projeto de Jaime Lerner.

A revitalização da orla do Rio Guaíba transformou a borda da cidade. Logo, é pertinente propor investigações no campo da percepção acerca da imagem da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A HABILITAÇÃO Urbana da Orla de Porto Alegre. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (64 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHrk-GALGZc>. Acesso em: 26 set. 2024.

AKAMINE, R. Sistema de espaços livres: análise do uso e apropriação de parques na cidade de São Paulo. In: MACEDO, Silvio Soares; CUSTÓDIO, Vanderli; DONOSO, Verônica Garcia (Org.). **Reflexões sobre espaços livres na forma urbana**. São Paulo: FAUUSP, 2018. p. 182-212.

ALEXANDER, Christopher et al. **Uma linguagem de padrões**: a pattern language. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ALLET, Marcelo. **Entrevista por telefone com Marcelo Allet**. Entrevistadora: Hellen Zanoletti Firmino. Mar. 2022.

ALLET, Marcelo. **Habilitação Urbana da Orla de Porto Alegre**. Porto Alegre, nov. 2018. Disponível em: <https://leurb.wordpress.com/2019/07/26/a-habilitacao-urbana-da-orla-de-porto-alegre/>. Acesso em: 26 set. 2024.

ALLET, Marcelo. **Habilitação Urbana da Orla de Porto Alegre**. Porto Alegre, nov. 2018. Disponível em: <https://leurb.files.wordpress.com/2019/07/apresentac3a7c3a3o-a-habilitac3a7c3a3o-urbana-da-orla-de-porto-alegre-marcelo-allet.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

ALVIM, Angélica Benatti; COSTA, Rodrigo Ramos e; ALVES, Karina Dominici. Projetos urbanos em frentes d'água. Diretrizes e o potencial de transformação das orlas fluviais na cidade contemporânea. **Arquitextos**, São Paulo, v. 19, n. 222.01, nov. 2018.

BARROSO, Lucas. Novo trecho da Orla do Guaíba já está aberto para a população. Porto Alegre, 23 out. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/novo-trecho-da-orla-do-guaiba-ja-esta-aberto-para-populacao>. Acesso em: 30 set. 2024.

BOHRER, Maria Dalila. **O aterro Praia de Belas e o Aterro do Flamengo**. 2001. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. Instituto Nacional de Meteorologia. **Balanço**: Porto Alegre (RS) teve chuva acima da média em novembro/2023. 5 dez. 2023. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/noticias/balan%C3%A7o-porto-alegre-rs-teve-chuva-acima-da-m%C3%A9dia-em-novembro-2023>. Acesso em: 26 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. Instituto Nacional de Meteorologia. **Balanço**: Porto Alegre (RS) teve recorde de chuva em setembro/2023. 6 out. 2023. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/noticias/balan%C3%A7o-porto-alegre-rs-teve-recorde-de-chuva-em-setembro-2023>. Acesso em: 26 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. Instituto Nacional de Meteorologia. **Eventos extremos**: Chuva acima da média marcam maio de 2024. 07 jun. 2024. Disponível em: [https://portal.inmet.gov.br/noticias/eventos-extremos-chuva-acima-da-m%C3%A9dia-marcam-maio-de-2024#:~:text=Destaque%20para%20o%20dia%2012,\)%20com%20125%2C8%20m](https://portal.inmet.gov.br/noticias/eventos-extremos-chuva-acima-da-m%C3%A9dia-marcam-maio-de-2024#:~:text=Destaque%20para%20o%20dia%2012,)%20com%20125%2C8%20m). Acesso em: 26 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. Secretaria de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo. Instituto Nacional de Meteorologia. **Eventos extremos de maio de 2024 no Brasil**. Brasília, 7 jun. 2024. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/uploads/notastecnicas/EventosExtremos-Brasil-Maio-2024.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria de Coordenação e Governança do Patrimônio da União. **Manual projeto Orla**. Brasília: Ministério da Economia, 2022. 324p.

CASTELLO, Lineu. **A Percepção do Lugar**. Porto Alegre: PROPAR, 2007.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Lisboa: Edições 70, 2008.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

CAVALCANTE, Sylvia; Elias, Terezinha Façanha. Apropriação. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental** (pp. 182-190). Petropolis, RJ: Vozes, 2011. p. 182-190.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Maria Andrade. Espaço e lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 182-190.

CHIDIAC, Paula. Trecho recém-inaugurado da orla do Guaíba tem movimento intenso no primeiro fim de semana. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 out. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/10/trecho-recem-inaugurado-da-orla-do-guaiba-tem-movimento-intenso-no-primeiro-fim-de-semana-ckv5w0210005p019mr2ghu5fp.html>. Acesso em: 26 set. 2024.

COMUNITEXTOS. Sheila Ornstein e a Avaliação Pós-Ocupação. In: **Oficina de textos**. 23 out. 2013. Disponível em: <https://www.ofitexto.com.br/comunitexto/arquiteta-sheila-ornstein-fala-avaliacao-pos-ocupacao/>. Acesso em: 26 set. 2024.

CORDEIRO, Arthur. Parque Urbano da Orla do Guaíba / Jaime Lerner Arquitetos Associados. In: **ArchDaily Brasil**. 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orla-do-guaiba-jaime-lerner-arquitetos-associados>. Acesso em: 26 set. 2024.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1983. 202 p.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (Org.) **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 2, n. 2, p. 349-62, jul./dez. 1997.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó. Apego ao lugar (Vínculo com o lugar – Place attachment). In: CAVALCANTE, Silvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petropolis, RJ: Vozes, 2011. p. 53-62.

FARIAS, Silvia. **A relação das pessoas com a paisagem do parque urbano da Orla do Guaíba**: usos, apropriações e interações em tempos de pandemia da COVID-19. 2021. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/23217/DIS_PPGAUP_2021_FARIAS_SILVIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 set. 2024.

FREITAS, Marina. **Prefeitura apresenta edital para revitalização do trecho 3 da Orla do Guaíba**. Porto Alegre, 16 abr. 2019. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/prefeitura-apresenta-edital-para-revitalizacao-do-trecho-3-da-orla-do-guaiba>. Acesso em: 30 set. 2024.

GHEL, Jan. Cidade para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013. 263 p.
GÜNTHER, H.; ROZESTRATEN, R. Psicologia Ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 109-124, 1993.

GÜNTHER, Hartmur; ELALI, Gleice Azambuja; PINHEIRO, José de Queiroz. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Org.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 369-396.

GÜNTHER, Hartmut. Métodos de pesquisa em psicologia social. In: TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Eliane Rabelo (Org.). **Psicologia social**: principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 58-76.

JAIME LERNER ARQUITETOS ASSOCIADOS. Parque Urbano da Orla do Guaíba / Jaime Lerner Arquitetos Associados. In: **ArchDaily Brasil**. 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orla-do-guaiba-jaime-lerner-arquitetos-associados>. Acesso em: 26 set. 2024.

KLEIN, Camila; PERES, Patrícia M. Schubert; MACHADO, Gilvana da Silva. A natureza: espaço de desenvolvimento, qualidade de vida e afetividade. In: Higuchi, Maria Inês Gaspareto; Kuhnen, Ariane; Pato, Claudia (Org.). **Psicologia ambiental em contextos urbanos**. Florianópolis: Edições do Bosque, 2019. p. 178-191.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades**: entre territórios de vida e territórios vividos. São Paulo: Cortez, 2011. 336 p.

KUHNEN, Ariane. Percepção ambiental. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 250-256.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Ernandy Luis Vasconcelos de. Por trás da vitrine de um megaevento: remoções, despejos e reassentamento de comunidades. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 253-275, 2018.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MACEDO, Silvio Soares; DONOSO, Verônica Garcia (Org.). **Reflexões sobre espaços livres na forma urbana**. São Paulo: FAUUSP, 2018. p. 256.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parque urbanos no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2010. 218 p.

MAGNOLI, Miranda Maria Esmeralda Martinelli. **Espaços livres e urbanização**: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. 1982. Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. O parque no desenho urbano. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 21, p. 199-214, 2006.

MELO, Rosane Gabriele C. de. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 2, n.1-2, p. 85-103, 1991.

MIRANDA, Macklaine Miletho. **Análise qualitativa do sistema de espaços livres em Porto Alegre** - Parques. Memorial de qualificação para defesa da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitectura y política: ensayos para mundos alternativos**. Barcelona: Editorial Gg, 2011.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental: as relações do ser humano com o seu ambiente. In: MOSER, Gabriel. **Introdução à Psicologia Ambiental: Pessoa e Ambiente**. Campinas: Alínea, 2018c.

MOSER, Gabriel. Do espaço público ao ambiente urbano. In: MOSER, Gabriel. **Introdução à psicologia ambiental**: pessoa e ambiente. Tradução de Hartmut Günther. Campinas, SP: Alínea, 2018b. p. 129-180.

MOSER, Gabriel. Espaços urbanos e convivência. In: MOSER, Gabriel. **Introdução à psicologia ambiental: pessoa e ambiente**. Tradução de Hartmut Günther. Campinas, SP: Alínea, 2018a. p. 181-216.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: Visão holística da percepção ambiental na arquitetura e comunicação**. São Paulo: IPSIS, 1997.

ORNSTEIN, Sheila; ROMÉRO, Marcelo. **Avaliação pós-ocupacional do ambiente construído**. São Paulo: Studio Nobel/USP, 1992. 223 p.

PANERAI, Philippe. **Análise urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. 198 p.

PERSEU, Gianluca Mascali. **Cidade, modos de postar: paisagens de orla de porto alegre em narrativas online no século XXI**. 2021. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/234909/001136783.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 set. 2024.

PINHEIRO, José de Queiroz; ELALI, Gleice Azambuja. Comportamento socioespacial humano. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petropolis, RJ: Vozes, 2011. p. 144-158.

PINHEIRO, José de Queiroz; ELALI, Gleice Azambuja; FERNANDES Odara S. Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 75-104.

PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut. (Org.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PORTO ALEGRE. **Diretrizes de desenho urbano para a orla central**. GT Orla Porto Alegre: SPM, 2010.

PORTO ALEGRE. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA)**. Porto Alegre: SPM, 1999.

PORTO ALEGRE. **Relatório Orla: Condições atuais, possibilidades e instrumentos para a qualificação e o resgate da Orla de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/SPM, 2006.

PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Obras e Infraestrutura. **Novo trecho da Orla será entregue à população neste sábado**. 21 out. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smoi/noticias/novo-trecho-da-orla-sera-entregue-populacao-neste-sabado>. Acesso em: 27 set. 2024.

PORTO ALEGRE. Orçamento Participativo. [2024]. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smgov/orcamento-participativo>. Acesso em: 30 set. 2024.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso et al. **Observando a qualidade do lugar:** procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Proarq/FAU/UFRJ, 2009.

ROMAGNOLLI, Luciane. Felicidade é pertencer à cidade: ex-governador do paraná diz que a arquitetura não pode ser desvinculada do entorno. Entrevistado: Jaime Lerner. **Gazeta do Povo**, 8 set. 2007. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/felicidade-e-pertencer-a-cidade-amvro505kby2vc3ubkw3ylz66/>. Acesso em: 27 set. 2024.

SCANNELL, Leila; GIFFORD, Robert. Defining Place Attachment: A tripartite organizing framework. **Journal of Environmental Psychology**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 1-10, 2010.

SOARES, Maria Rita Ferreira. **Na borda da cidade tem um parque:** investigação sobre segregação e sociabilidade no espaço público. 2022. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

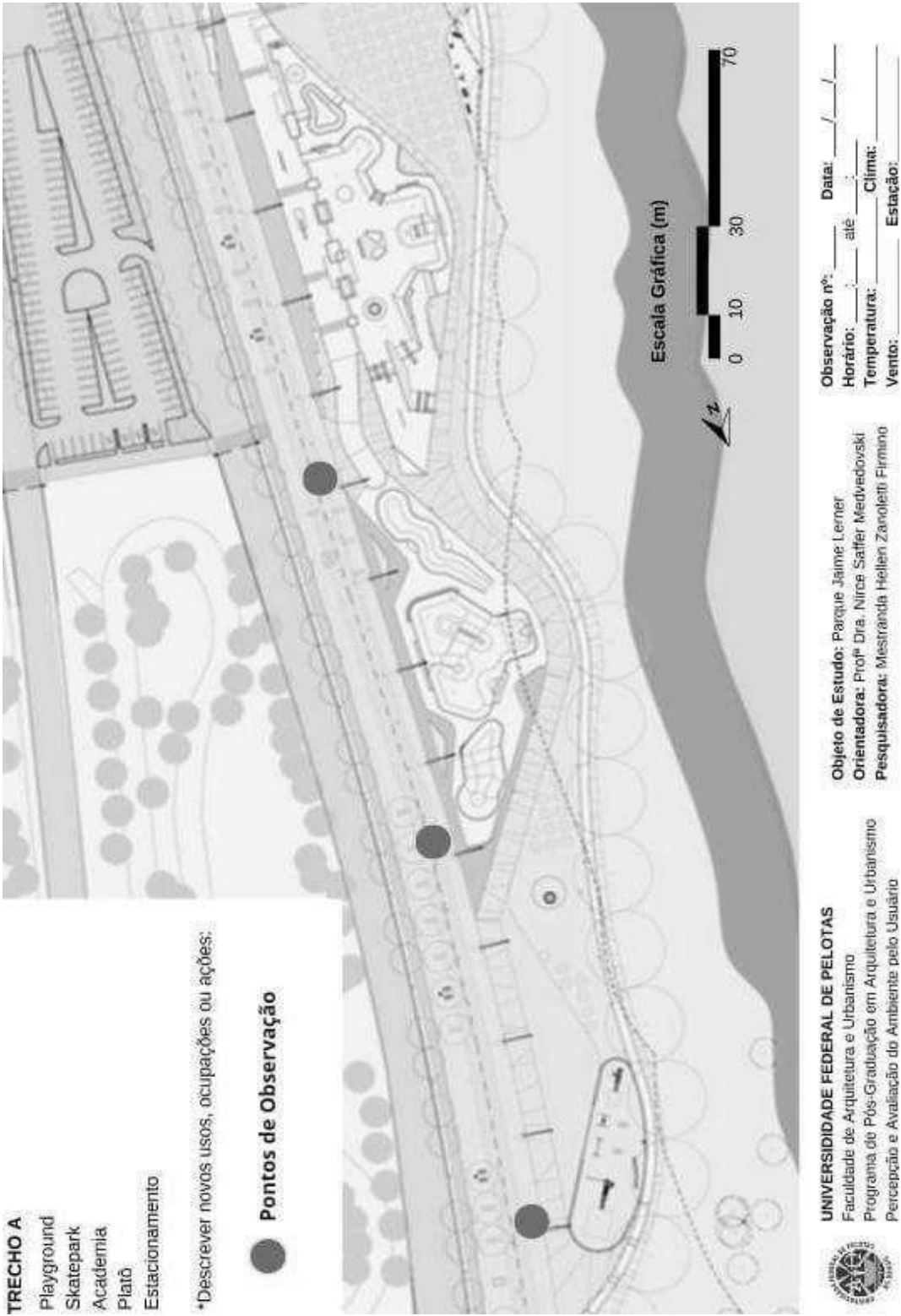
SOARES, Paulo Roberto Rodrigues et al. A Orla do Guaíba, território em transformação: a conformação de um novo regime urbano em Porto Alegre. In: **Observatório Metr poles**. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2021/02/4.5.-A-Orla-do-Guaiba-territorio-em-transformacao-a-conformacao-de-um-novo-regime-urbano-em-Porto-Alegre.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

TEIXEIRA, Bárbara Kl ss. ** ndice de avaliação da qualidade da paisagem urbana:** Uma ferramenta para planejamentos ambientais urbanos. Moldova: Novas Edições Acad micas, 2020

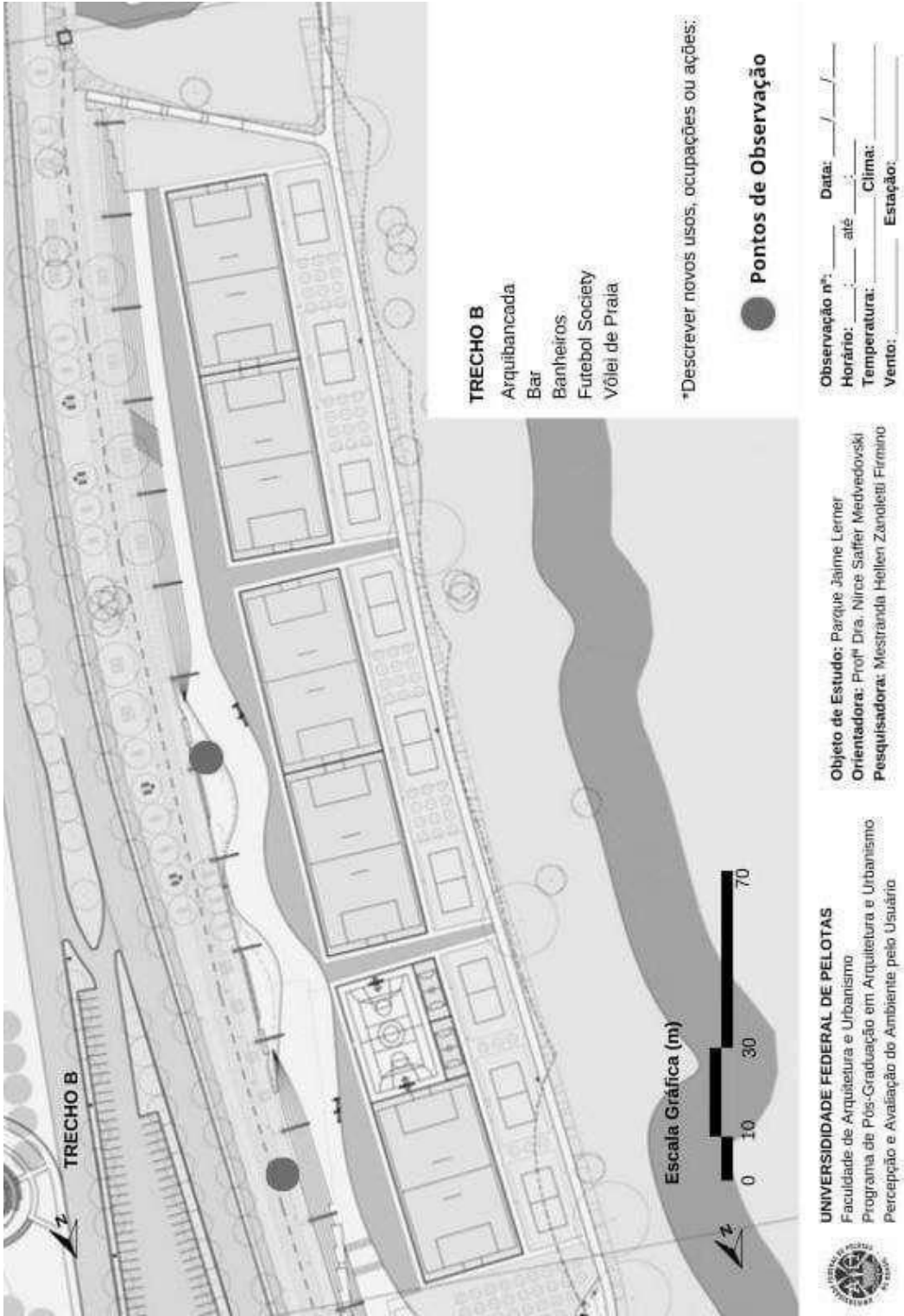
TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva e a experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VILLA, Simone Barbosa; ORNSTEIN, Sheila Walbe. Qualidade Ambiental na Habitação - Avaliação Pós-ocupação. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. 400 p.

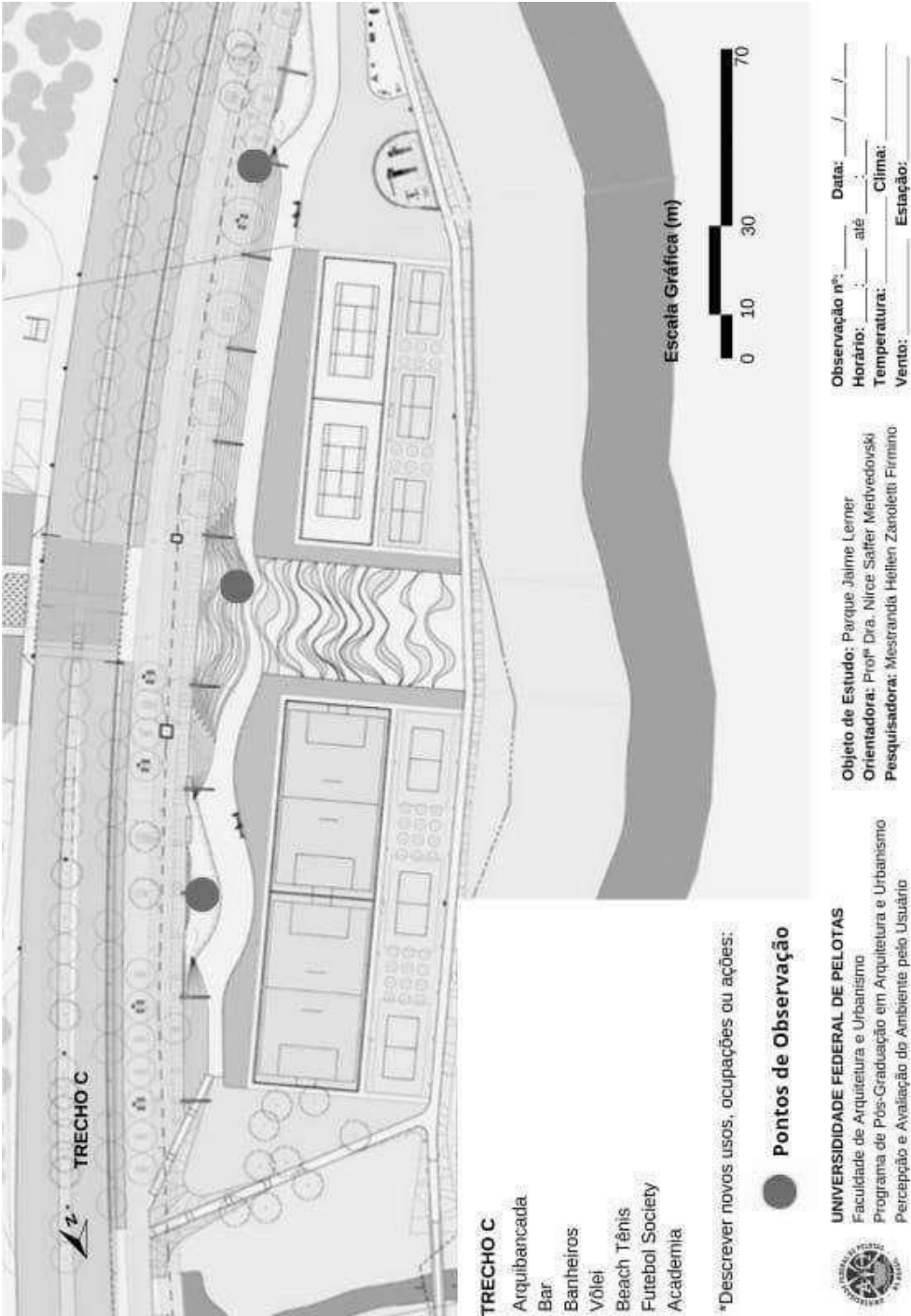
APÊNDICE A



APÊNDICE B



APÊNDICE C



APÊNDICE D

Digitizado com CamScanner

OBS	TURNO	DIA	PLAY 1 SKATE		QUADRA 1		QUADRA 2		PLAY 2		ACAD 2		BAR 1 AD	BAR 2 AD	BAR 3 AD			
			AD	CR	AD	CR	AD	CR	AD	CR	AD	CR						
1	manhã	dom	12	6	18	6	17	3	4	3	5	2	4	2	18	9		
2	manhã	sexta	-	-	12	2	9	-	4	-	2	-	-	-	-	-		
3	manhã	dom	-	-	30	7	13	10	-	-	2	1	42	9	7			
4	tarde	dom	25	19	15	11	24	2	11	2	15	19	2	3	151	27		
5	tarde	sexta	4	1	44	2	38	-	8	4	3	2	5	2	34	3	fechado	
6	tarde	sábado	1	1	49	7	29	2	6	5	-	-	2	-	69	13	-	
7	tarde	Quarta	7	2	32	2	29	2	5	8	-	-	5	2	11	Fechado		
8	manhã	sexta	-	-	8	-	13	2	3	2	-	-	-	-	FE	CHA	DOS	
manhã semana			semana										fim de semana					
manhã fim de semana			manhã										27.10 obs 2			22.10 obs 1		
atardinha semana			atardinha										15.12 obs 6			29.10 obs 3		
atardinha fim de semana													8.12 obs 5			21.10 obs 4		
													13.12 obs 7			09.12 obs 6		

* Considera-se 4 coletas manhã (2 semana + 2 fins de semana) + coletas atardinha* (1 tarde/noite) as (18:40 / 19:35) as (19:15 / 20:10)

* atardinha entre (18:40 / 19:35) as (19:15 / 20:10)

APÊNDICE E

Digitalizado com CamScanner

RESUMO OBSERVAÇÕES → MAPAS

	PLAY 1	5 FATE P	QUADROS 1	QUADROS 2	PLAY 2	ACORD 2	BAR 1	BAR 2	BAR 3	MAPAS	
	AD	CR	AD	CR	AD	CR	AD	AD	AD		
manhã Senana	-	-	20	2	22	2	7	2	-	MAPA 1	51 AD 6 CR
manhã im Senana	12	6	48	13	30	13	4	3	7	MAPA 2	107 AD 40 CR
tarde im Senana	11	3	76	4	67	2	13	12	3	MAPA 3	180 AD 27 CR
tarde im Senana	26	20	68	18	53	4	18	7	15	MAPA 4	180 AD 21 CR